

AGIR, É PRECISO!

INTERVENÇÕES DE ARQUITECTURA PARTICIPATIVA E SOCIAL

Andreia Filipa Monteiro Alves

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Sob a orientação da Professora Marta Rocha

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto 2016 . 2017

RESUMO

A presente dissertação é uma maneira de agir, embora passiva, e é uma maneira de transmitir informação e gerar conhecimento que possa ser útil e ter algum impacto positivo no contexto em que vivemos.

De uma experiência de intervenção participativa e social, permaneceu a vontade de explorar esse mundo e de contribuir, de certa forma, para que lhe seja dada a devida atenção.

A uma primeira reflexão sobre a escolha do tema, segue-se a divulgação de um conjunto de projectos de arquitectos portugueses.

Os exemplos revelam que o arquitecto é alguém que está ciente do que se passa à sua volta e da sua capacidade de agir e fazer a diferença, sem se deixar limitar por fronteiras quer sejam geográficas, políticas ou ideológicas.

ABSTRACT

The present dissertation is a way of acting, though it is a passive one, and it is a way of communicating information and generate knowlegde that can be useful and create a positive impact on the context we are living in.

From a participative and social experience remained the will to explore this matter and to contribute, in some way, so that its given the necessary attention.

A first reflexion about the choice of subject is followed by the disclosure of projects idealized by portuguese architects.

The examples chosen reveal that the architect is someone aware of the reality around him and of his own capacity to act and make the difference, without letting himself to be limited by boundaries, whether they are geographical, political or ideological.

I ABERTURA	9
II INTRODUÇÃO	
O que motivou a realização da dissertação	11
Projecto “Une Halte à Grande-Synthe”	13
Importantes referências	19
O sentido do tema considerando o panorama actual	27
A importância de partilhar e divulgar	33
III AGIR SOB 12 PERSPECTIVAS DIFERENTES	39



01 AGIR voluntariamente

40

Reabilitar a Cidade e Projecto Rural
Just a Change
Lisboa . 2010 - momento presente



02 AGIR reutilizando e reciclando

46

Tabanca Solar
Inês Rodrigues
Guiné-Bissau . 2011 - momento presente



05 AGIR aproximando a comunidade

64

Cozinha das Terras da Costa
Ateliernob + Colectivo Warehouse
Costa da Caparica . 2014



06 AGIR dinamizando espaços

70

Moralá Castelo
Fundo de Arquitectura Social
Lisboa . 2014 - 2015



09 AGIR em espaços de transição

88

Locals in transition
Colectivo Warehouse
Oslo . 2015



10 AGIR pressupõe conhecer o lugar

94

As cidades invisíveis de Dadaab
Maria Neto
Dadaab . 2015 - 2016

ÍNDICE



03 AGIR no património rural 52
Terra Amada
Universidade Católica de Viseu
Distrito de Viseu . 2013 - 2014



04 AGIR pela cidade 58
Pátio Ambulante
Frame Colectivo
Lisboa . 2013 - momento presente



07 AGIR com poucos recursos 76
5 Jardins de Infância
Colectivo Mel
Guiné Bissau . 2014 - 2016



08 AGIR construindo abrigos 82
Cross Hands Human Shelter
Cross Hands Architecture
Campos de refugiados pelo mundo . 2015



11 AGIR ensinando 100
Summer School
Critical Concrete
Porto . 2016



12 AGIR procurando soluções duradouras 106
Sistema Gomos
Studio Summary
Veneza . 2016

IV CRONOLOGIA	113
V CONCLUSÃO	117
VI BIBLIOGRAFIA	139

ABERTURA

O tema da presente dissertação teve origem na participação num projecto realizado na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville.

A certa altura, ganhou um novo sentido e foi definido como principal objectivo a divulgação do trabalho de arquitectos e colectivos de arquitectura portugueses que desenvolvem a sua actividade profissional no campo da arquitectura social e de intervenção, em Portugal e no estrangeiro.

Para tal, foram reunidos doze projectos que exploram diferentes modos de agir e de encontrar soluções através da arquitectura. Estes tornam-se, assim, o objecto de estudo.

A metodologia de trabalho divide-se em quatro momentos.

O primeiro momento teve início com a procura de projectos realizados por portugueses na área de intervenção social.

O segundo consistiu num trabalho de investigação teórica, de procura de informação sobre o tema, o que permitiu definir as principais referências.

O terceiro momento diz respeito à selecção dos doze casos de estudo.

O processo de escolha desses modelos teve em consideração a diversidade dos programas e a sua implementação em diferentes contextos e culturas.

Por fim, um último momento diz respeito à redacção da dissertação, em que

procurei, por um lado, dar a conhecer os projectos de um modo simples e objectivo, e, ao mesmo tempo, estabelecer a relação com uma componente mais teórica.

A dissertação encontra-se organizada em três partes: Introdução, Projectos e Conclusão.

Na Introdução, explica-se o que motivou a escolha do tema, o projecto que preexistiu à realização da dissertação e dá-se a conhecer o trabalho e as ideias que serviram de inspiração. Apresenta-se ainda a justificação para a escolha do tema, tendo em conta os acontecimentos actuais.

Em seguida, numa segunda parte, são apresentados os projectos, segundo a ordem cronológica de implementação. A cada um foi atribuído um título que salienta um determinado modo de agir e que caracteriza a intervenção.

Pretende-se tornar visível a diversidade de programas e métodos.

Na conclusão, apresenta-se uma reflexão sobre a escolha dos exemplos e a sua semelhança ou diferença, salientando os aspectos mais relevantes de cada um.

Durante o ano lectivo 2014-2015, tive a oportunidade de estudar na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville, ao abrigo do programa de mobilidade Erasmus+.

O tema da dissertação surgiu na sequência da participação num projecto académico no âmbito da disciplina l'Architecture aux Temps des Dérèglements, realizado entre fevereiro e junho de 2015.

Coordenada pelo professor e arquitecto Cyrille Hanappe, esta disciplina pretende, através da prática da arquitectura de participação colectiva, dar resposta a questões de carácter social e surgiu com o objectivo de criar um ambiente de ensino orientado para o processo de trabalho, ou seja, para a sequência de observações, análises, acções e decisões que devem ser realizadas durante o desenvolvimento de um projecto. Espera-se que os estudantes entendam o impacto social do projecto de arquitectura e relativizem a importância do objecto arquitectónico em si. A fim de concretizar este objectivo, propõe-se que participem na concepção e na construção de pequenos espaços. As intervenções têm ocorrido nos campos de refugiados do Norte de França e em bairros situados na região da cidade de Paris (bidonvilles). Em outubro de 2014, a Plateforme de Service aux Migrants propôs a concepção de um espaço de abrigo para refugiados à associação Lieux Possibles.

A este projecto deu-se o nome de "Une Halte à Grande-Sythe".

A arquitecta paisagista Magali Risler e a arquitecta Célia David-Mauduit, que fazem parte da associação e acompanharam o projecto desde o início, pediram aos estudantes orientados por Cyrille Hanappe no ano lectivo 2014-2015 que colaborassem na idealização deste espaço em Grande-Synthe.

Grande-Synthe é uma cidade situada no Norte de França, na região de Nord-Pas-de-Calais, onde refugiados das mais diversas nacionalidades procuram abrigo por tempo indeterminado.

A necessidade de fugir aos conflitos e procurar ajuda leva estas pessoas a deixar os seus países de origem, nomeadamente, o Iraque, o Irão, a Síria, o Sudão, o Egipto, a Palestina, o Afeganistão e o Vietname.

O objectivo era desenhar e construir um lugar de acolhimento e orientação, que contribuísse para melhorar as condições de vida destas pessoas e a sua relação com a cidade.

No mês de junho de 2015, foi construído um pequeno espaço de abrigo no local. A construção teve a duração de uma semana. A esta intervenção, antecederam-se uma série de visitas a campos de refugiados na região, reuniões entre os estudantes e as associações locais e algumas pequenas intervenções em abrigos existentes.

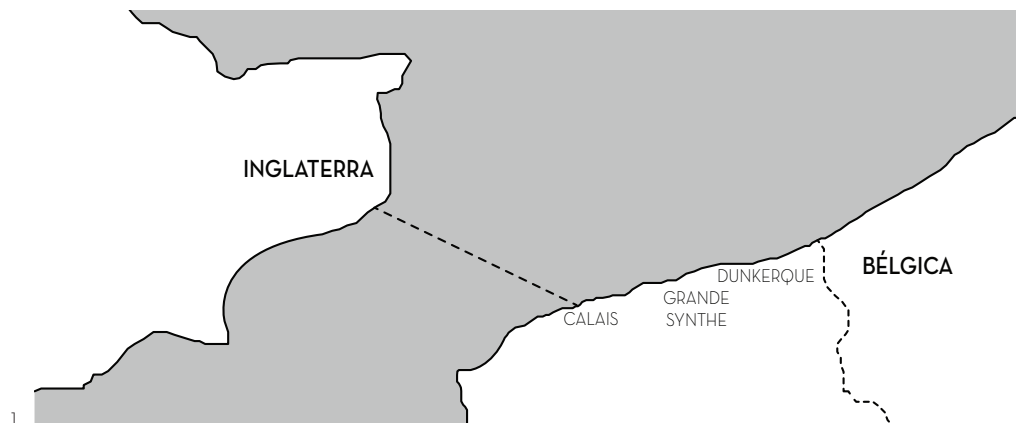


imagem 1 - Localização geográfica da cidade de Grande-Synthe, no Norte de França. Imagem elaborada pela aluna.

imagem 2 - Visita ao campo de refugiados no Bois Dubrulle, Calais. Fotografia tirada pelos estudantes, março de 2015.

imagem 3 - Visita ao campo de refugiados no Bois Dubrulle, Calais. Fotografia tirada pelos estudantes, março de 2015.

Projecto “Une Halte à Grande-Synthe”

Em Nord-Pas-de-Calais é feita a travessia do Norte de França para o Reino Unido. Por esse motivo, tem sido um ponto de localização estratégico para as pessoas que esperam encontrar melhores condições de vida em Inglaterra.

Em 1999, foi criado um campo de refugiados em Sangatte, pela instituição humanitária Cruz Vermelha. O objectivo seria alojar o crescente número de pessoas que se encontravam na cidade de Calais, na esperança de passar a fronteira.

Planeado inicialmente para 600 pessoas, o campo atraiu cada vez mais refugiados.

Em 2002, chegou a ser habitado por cerca de 2000. É importante salientar que os refugiados que habitaram colectivamente este lugar pertenciam a diferentes comunidades: curda, afegã e iraniana. A diferença cultural esteve na origem de vários conflitos, o que contribuiu para a insegurança dentro do campo. Há ainda a realçar que as frequentes tentativas de travessia instalaram um clima de tensão entre os dois países, França e Inglaterra.

Consequentemente, o campo foi desmantelado em 2003. Desde então, verificou-se uma dispersão de campos pelas cidades da região.

Surgiram, assim, as jungles, lugares onde os refugiados constroem os seus abrigos, geralmente próximos de um ponto de água e sem eletricidade.

Estes espaços são, na maioria das vezes, terrenos públicos, que pertencem à Câmara Municipal. Por não possuírem autorização legal para serem habitados, estão constantemente a ser evacuados.

Os refugiados contam com o auxílio de várias associações: L'Auberge des Migrants, Médecins du Monde, Emmaüs, SALAM. Estas organizações fazem a distribuição de comida e de roupa e possibilitam o transporte a sanitários e duches públicos.

A proximidade entre o campo de Grande-Synthe, um dos que surgiram após o desmantelamento do campo em Sangatte, e um dos pequenos bairros habitacionais da cidade coloca em evidência o contraste entre as condições de vida e a diferença cultural existentes.

A coexistência de duas realidades tão opostas neutraliza a possibilidade de uma qualquer integração.

“É a escala do bairro, em torno da qual se desenvolve um certo sentimento de identidade e de diferenciação para com outros bairros. (...) o sentimento de segurança, a identidade associada ao bairro pode ver-se abalada pela progressiva infiltração de pessoas que introduzem elementos heterogéneos (...)”¹

Como seria muito difícil desenvolver o projecto sem conhecer as características do lugar, o programa da disciplina teve início com uma viagem aos campos de refugiados no Norte de França.

¹ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane – *A cidade : rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento, 1984, p.131.



imagem 4 - Localização, em planta, das condicionantes do programa.

imagem 5 - Intervenção num abrigo do campo de refugiados de Grande-Synthe, Calais. Fotografia tirada pelos estudantes, abril de 2015.

imagem 6 – Reunião entre os estudantes, membros das associações locais e refugiados. Fotografia tirada pelos estudantes, abril de 2015.

A primeira visita ocorreu em março de 2015 e teve a duração de três dias. O trabalho de campo e de levantamento foi de extrema importância, porque permitiu tomar consciência das condições de vida dos refugiados.

Em pequenos grupos de três a quatro estudantes, recolheram-se informações sobre seis campos: Leader Price, Squat Galloo, Bois Dubrulle, Tioxide, Tétéghem e Grande-Synthe. No fim, as diferentes experiências foram partilhadas. À excepção do campo de Grande-Synthe, os outros foram desmantelados alguns meses depois da visita, embora não tendo desaparecido completamente, pois tornaram a surgir noutros lugares.

Após o primeiro contacto estabelecido, foi planeada uma pequena intervenção no campo de Grande-Synthe.

Os contentores que aqui haviam sido dispostos para abrigar as pessoas não dispunham de qualquer isolamento e chovia no interior. Decidiu-se, assim, reabilitar um destes espaços, o que ocorreu no mês de abril e teve uma duração de quatro dias.

Durante esse tempo, construiu-se uma estrutura em madeira que permitiu a aplicação de isolamento térmico e de chapas metálicas sobre toda a superfície exterior e garantiu-se a entrada de luz no interior através do redesenho de uma fachada e da utilização de uma lona plástica semi transparente.

Esta experiência permitiu uma maior familiarização com os materiais, os processos construtivos e também com o lugar.

O desenvolvimento do projecto “Une Halte à Grande-Synthe” teve então início e passou por várias etapas.

Primeiro, a par com outro colega, houve a oportunidade de se partilhar e trocar ideias sobre o que seria o carácter deste espaço, não esquecendo que se trataria de um lugar de abrigo temporário para aqueles que procuram asilo.

Foram colocadas e debatidas as questões necessárias à sua compreensão, o que permitiu esboçar um plano de resposta ao programa.

Para tal, também o diálogo estabelecido com os membros das associações durante as primeiras visitas foi essencial, uma vez que as pessoas que lidam diariamente com os refugiados têm mais facilidade em aperceber-se de certas questões do que quem está em contacto com esta realidade há pouco tempo.

Numa segunda fase, a turma foi reagrupada e formaram-se equipas de quatro a cinco pessoas.

Se do primeiro trabalho resultou uma abordagem ainda muito rudimentar, situando-se apenas o programa e as suas condicionantes no terreno, pedia-se agora que os estudantes desenvolvessem mais pormenorizadamente as diferentes áreas de modo sério e consciente.



imagem 7 - Construção de um abrigo no campo de refugiados de Grande-Synthe, Calais. Fotografia tirada pelos estudantes, junho de 2015.

imagem 8 - Construção de um abrigo no campo de refugiados de Grande-Synthe, Calais. Fotografia tirada pelos estudantes, junho de 2015.

imagem 9 - Apropriação do abrigo construído pelos estudantes. Fotografia tirada e partilhada pelo arquitecto Cyrille Hanappe, janeiro de 2016.

As propostas de concepção dos espaços ficaram ao total critério dos estudantes, não havendo qualquer tipo de imposição ou obrigatoriedade. Pediu-se apenas que reflectissem nos materiais a utilizar, nos seus custos e que procurassem conferir uma unidade ao projecto, pensando numa linguagem para o todo.

A natureza do programa implicou ainda considerar as diferenças culturais entre refugiados como uma condicionante importante, uma vez que os espaços seriam partilhados.

Foram desenvolvidas sete propostas e apresentadas em reuniões com as associações, onde estiveram presentes alguns refugiados que puderam criticar e comentar os trabalhos, enriquecendo-os a partir do seu ponto de vista.

Finalmente, debatidas todas as ideias, a turma concentrou-se na idealização, planeamento e construção de um abrigo em Grande-Synthe, do qual fariam parte dois espaços: um a ser utilizado pelas associações e outro destinado ao convívio entre todos. Primeiro, definiu-se o lugar de todas as fundações, depois, ergueu-se a estrutura em madeira, sobre a qual foi aplicada uma chapa metálica na cobertura e nos espaços fechados. Algumas paredes exteriores foram revestidas a acrílico transparente e, no interior, utilizaram-se placas OSB, para a criação de todo o piso e de algum mobiliário (bancos e uma mesa).

Em janeiro de 2015, no local da intervenção, habitavam entre 60 a 100 refugiados. Nos meses de verão, quando as condições climáticas se tornaram favoráveis, o número aumentou abruptamente para 2500 a 3000 pessoas e as condições de habitabilidade degradaram-se.

O abrigo, inicialmente construído para servir de apoio às associações locais e para ser utilizado como local de convívio, onde os representantes das associações se pudessem reunir com os refugiados, nunca teve as funcionalidades previstas, pois os habitantes do campo apropriaram-se totalmente dele transformando-o num espaço para viver.

Tendo sido pensado como espaço comum, de uso comunitário, não estava preparado para ser habitado, principalmente tendo em conta o clima muito rigoroso de inverno no Norte de França. Por esse motivo, os refugiados cobriram-no com mantas, cobertores e lonas plásticas, na tentativa de isolar o interior do frio e da chuva.

Mais tarde, o espaço foi utilizado como escola, sendo que alguns voluntários do Dunkirk Adult Learning Centre,² se disponibilizaram para dar aulas de francês e inglês.

O abrigo construído pela turma sofreu ainda um incêndio em janeiro de 2016 e acabou por ser totalmente destruído em março do mesmo ano.

² - "About Dunkirk Adult Learning Centre". [<https://www.facebook.com/dunkirkadullearning/about/>].

Importantes referências

O envolvimento num projecto deste âmbito, pela primeira vez, fez-me tomar consciência do verdadeiro impacto que a arquitectura de intervenção social pode ter na vida das pessoas.

Até então, apenas havia abordado o tema da arquitectura social e participativa em contexto teórico.

Ora, “a Escola, hoje mais do que nunca, deve saber ler os sinais de mudança, prever e antecipar, procurar e descobrir, desbravar e encontrar caminhos, ir mais longe, chegar primeiro”.³

É por este motivo, que iniciativas como a promovida pela disciplina de projecto da universidade de Paris-Belleville são tão importantes. Elas cultivam uma atitude proactiva nos estudantes, para que, desde cedo, desenvolvam uma consciência social aliada à prática da arquitectura.

Felizmente, tive a possibilidade de realizar um intercâmbio e de participar num projecto que me permitiu conviver de perto com uma realidade que eu não conhecia e ganhar uma nova perspectiva em relação à arquitectura e ao campo de acção que ela permite.

De regresso a Portugal, sempre pretendi que da minha experiência pudesse resultar algo positivo, que despertasse nos outros o mesmo interesse.

Simultaneamente, voltei com uma enorme curiosidade em saber qual era a realidade portuguesa nesta vertente, porque desconhecia que algo estivesse a ser feito.

Apercebi-me de que havia realmente dinamismo nesta área ao tomar conhecimento do trabalho do Ateliermob, um colectivo de arquitectos liderado por Tiago Mota Saraiva e Andreia Salavessa. Sediado em Lisboa, o atelier desenvolve a sua actividade, desde 2005, no campo da arquitectura, do design e do urbanismo.

Por acreditar que o papel do arquitecto passa pela capacidade de encontrar soluções que possam melhorar as condições de vida das pessoas que não têm meios para pagar os seus serviços, a equipa coloca-se no centro do processo de cada projecto.

Os seus elementos são mediadores, procuram financiamento, criam parcerias com outras cooperativas e instituições sem fins lucrativos e desenvolvem uma relação de proximidade com a comunidade onde planeiam intervir. Em 2014, organizaram a exposição “Tanto Mar: Portugueses fora de Portugal”, na Garagem Sul do Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Aqui, foram expostos trinta e três projectos de arquitectos portugueses que desenvolveram trabalhos de arquitectura social no estrangeiro. Relacionados com questões sociais e processos participativos, os projectos foram apresentados e organizados segundo cinco temas: emergência, escassez, urbano, informal e formal.

³ FONSECA, João Carlos - “Editorial”. ArchiNews O4 - Retrato do ensino em Portugal. Lisboa: Archi&Book's, 2016, p.2.

O objectivo da exposição foi chamar a atenção para os aspectos políticos e sociais da arquitectura, revelando a importância de registar, reconhecer e divulgar projectos neste âmbito. Assim, criou-se a oportunidade de debater o papel do arquitecto face às situações de maior constrangimento e precaridade. A exposição Tanto Mar tornou-se uma referência importante para o desenvolvimento da dissertação por transmitir a mensagem de que, apesar de todas as dificuldades, é possível agir e fazer a diferença. De facto, faz sentido divulgar este tipo de projectos para que seja possível gerar um movimento de mudança e de maior envolvimento social. Quando entrevistado sobre a exposição, Tiago Mota Saraiva referiu que “no início era uma ideia muito em torno dos arquitectos que emigraram, mas acabou com o objectivo de produzir conhecimento que possa ser útil cá”.⁴ Na opinião de Dalila Rodrigues, administradora do CCB, trata-se de “divulgar o trabalho de portugueses fora de Portugal, as suas metodologias de trabalho e de processos, (...) mas também de inverter a percepção da internacionalização, mostrando ideias, possibilidades e necessidades no campo da arquitectura social e inspirar Portugal”.⁵ Curiosamente, no mesmo ano, em 2014, foi realizada a 14.^a edição da Bienal de Veneza, dirigida por Rem Koolhaas.

O tema Fundamentals simbolizou uma procura em atribuir “mais importância à arquitectura do que aos arquitectos”,⁶ assente na ideia de que o projecto e a maneira como resolve certas questões é mais importante do que o nome e estatuto da pessoa que o realizou.

No decorrer do ano lectivo 2013-2014, na tese de dissertação “Arquitectura de Intervenção - Repensando o papel social do arquitecto através de modelos alternativos de prática”, João Alves, sob a orientação do professor e arquitecto Joaquim Teixeira, apresenta uma leitura do contexto social em Portugal, uma definição do conceito de arquitectura de intervenção, um enquadramento histórico sobre o papel social do arquitecto e, por último, uma análise sobre o processo de trabalho do arquitecto espanhol Santiago Cirugeda e dos colectivos de arquitectos portugueses: Ateliermob, Atelier Moov e Arrebita!Porto. Estes, por realizarem projectos de arquitectura participativa, por defenderem uma prática interdisciplinar, aproximando-se das artes plásticas e performativas, ou por agirem de forma social, estabelecendo parcerias com diferentes entidades, definem modelos de prática de arquitectura alternativos.

Tanto a exposição do Ateliermob, como a dissertação de João Alves exploram o envolvimento de arquitectos portugueses em projectos de intervenção social.

⁴ CARDOSO, Joana - “Portugueses fazem arquitectura social no mundo inteiro”. Público, 20/03/2014. [<http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/11348/portugueses-fazem-arquitectura-social-no-quotmundo-inteiroquot>].

⁵ CARDOSO, Joana - “Portugueses fazem arquitectura social no mundo inteiro”. Público, 20/03/2014. [<http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/11348/portugueses-fazem-arquitectura-social-no-quotmundo-inteiroquot>].

⁶ HUDSON, Danny - “Rem Koolhaas revisits fundamentals for the venice architecture biennale 2014”. Designboom, 25/01/2013. [<http://www.designboom.com/architecture/rem-koolhaas-revisits-fundamentals-for-the-2014-venice-architecture-biennale/>].

A percepção de que estes trabalhos de pesquisa e exposição não esgotam o tema e de que a conjuntura do momento exige uma necessidade urgente de resposta ao nível da arquitectura motivaram a realização do meu trabalho. A exposição “Tanto Mar: portugueses fora de Portugal” apenas faz referência a projectos realizados no estrangeiro, não dando visibilidade ao que é feito a nível nacional.

Quanto à dissertação “Arquitectura de Intervenção”, embora sejam mencionados projectos implementados em Portugal, dá-se essencialmente destaque ao trabalho de três ateliers com o objectivo de abordar diferentes metodologias de prática.

Outros projectos de intervenção participativa foram implementados, sem que tenham tido a mesma projecção.

Assim, o objectivo da presente dissertação é divulgá-los.

Para isso, recolhi, reuni e partilho as experiências de arquitectos portugueses que têm intervindo, tanto em Portugal, como no estrangeiro, no âmbito da arquitectura social e participativa, desde 2010 até ao momento presente.

Os projectos seleccionados ilustram, não só situações que requerem atenção pela sua magnitude global, mas também intervenções que causam impacto à escala de um pequeno bairro ou comunidade.

O processo de escolha destes modelos teve em consideração a diversidade de programas e estratégias, exemplificando diferentes maneiras de agir.

Nesta dissertação, atribui-se maior importância à demonstração de que existe uma diversidade de respostas, do que à autoria dos exemplos escolhidos. A cada projecto, foi atribuído um título, que revela uma importante característica do modo de intervenção. Estão ainda classificados segundo os temas definidos pelo Ateliermob, que considerei pertinentes por abrangerem, de um modo geral, toda a variedade de contextos em que os programas se inserem.

Sendo assim, o tema “escassez” corresponde a projectos desenvolvidos em lugares “onde faltam recursos para grandes obras”⁷ e onde é preciso, muitas vezes, criar soluções utilizando os materiais mais rudimentares. “A escassez comporta uma vasta riqueza temática, que implica os recursos, o espaço, o tempo, ou mesmo a produção e a construção de arquitectura”.⁸

Os projectos no âmbito do tema “emergência” são realizados em “locais onde é preciso começar do zero”.⁹ São, geralmente, programas criados para contextos que exigem uma certa rapidez de resposta. Na sua origem podem estar situações de guerra, ou desastres naturais, pelo que é preciso prestar auxílio imediato.

⁷ - “Arquitectura social. Da intervenção num campo de Refugiados a uma encomenda da de escolas, projectos espalhados pelos quatro campos do mundo reúnem-se na exposição Tanto Mar - Portugueses Lá Fora”. Diário de notícias. Lisboa, 20/03/2014.

⁸ ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo - “Editorial”. Jornal Arquitectos N.º 223. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Abril-Junho 2006, p.2.

⁹ - “Arquitectura social. Da intervenção num campo de Refugiados a uma encomenda da de escolas, projectos espalhados pelos quatro campos do mundo reúnem-se na exposição Tanto Mar - Portugueses Lá Fora”. Diário de notícias. Lisboa, 20/03/2014.

Os exemplos do tema “formal” correspondem “às obras que mais depressa se identificam com arquitectura”.¹⁰ Estes projectos são geralmente concebidos como resposta a “encomendas clássicas”.

Os projectos que pertencem ao tema “informal” embora resultem de situações de forte necessidade, beneficiam de algum financiamento e de recursos, não dando resposta a situações tão extremas como as que se inserem no tema escassez. “Nestes projectos os arquitectos trabalham muito perto das associações de moradores locais, desenvolvendo equipamentos públicos”.¹¹

Na categoria “urbano”, encontram-se os projectos de intervenção a nível do espaço público, que procuram, acima de tudo, aproximar a comunidade de um determinado lugar.

Os doze projectos desta dissertação são apresentados com uma página de rosto, onde consta o título e o tema em que cada um se insere.

Segue-se uma ficha técnica e o texto que descreve o projecto.

A prioridade foi expressar/comunicar o essencial de cada um, de forma objectiva e simples. Obedecendo todas as apresentações à mesma estrutura, cada projecto tem igual destaque, não sendo dada mais relevância a um do que a outro.

¹⁰ – “Arquitectura social. Da intervenção num campo de Refugiados a uma encomenda da de escolas, projectos espalhados pelos quatro campos do mundo reúnem-se na exposição Tanto Mar - Portugueses Lá Fora”. Diário de notícias. Lisboa (20/03/2014).

¹¹ – “Arquitectura social. Da intervenção num campo de Refugiados a uma encomenda da de escolas, projectos espalhados pelos quatro campos do mundo reúnem-se na exposição Tanto Mar - Portugueses Lá Fora”. Diário de notícias. Lisboa (20/03/2014).

O sentido do tema considerando o panorama actual

Este é um momento crítico, marcado por uma acentuada escassez de recursos e recessão económica.

Em 2015, havia 705 milhões de pessoas a viver em pobreza extrema.

Em Portugal, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, em 2016, a taxa de privação material dos residentes foi de 19,5% e a taxa de privação material severa foi de 8,4%, que, apesar de representar uma ligeira melhoria relativamente aos anos anteriores,¹² significa que existem ainda 2,6 milhões de pessoas em risco de pobreza ou exclusão social.¹³ Relativamente à população que vive com dificuldades económicas: 38,3% vive em agregados, sem capacidade para assegurar o pagamento imediato, sem recorrer a empréstimo de uma despesa inesperada; 22,5% vive em agregados sem capacidade para manter a casa adequadamente aquecida; 9,3% vivem em agregados sem capacidade para pagar atempadamente rendas, encargos ou despesas correntes.

Actualmente, registam-se também diversas situações de guerra, intolerância religiosa e violação de direitos humanos. Estas são algumas razões que têm contribuído para o aumento exponencial do fluxo migratório em todo o mundo.

De muitos lugares do mundo, milhões de pessoas deslocam-se para, temporária ou permanentemente, procurarem refúgio noutro país.

Aos arquitectos, é pedido que encontrem soluções mediante os constrangimentos que surgem a cada momento. Por esse motivo, é importante identificar as situações a necessitar de maior atenção.

No dia 11 de agosto de 2014, foi submetido o Programa Nacional do Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração (FAMI) para o período entre 2014 e 2020.¹⁴

De acordo com este documento (aprovado em 2015), Portugal espera acolher entre cerca de 4500 a 5000 refugiados, no âmbito do mecanismo de recolocação de pessoas.

Até ao dia 27 de junho de 2016, segundo dados da Comissão Europeia, foram recolocados em Portugal 417 refugiados.¹⁵

A Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR), criada em setembro de 2015, representa um conjunto de organizações portuguesas que pretendem minimizar o impacto da actual crise humanitária.¹⁶

Este modelo colaborativo, através do qual as instituições da sociedade civil portuguesa podem agir em complementaridade com a acção do

¹² “O indicador geral de privação material baseia-se num conjunto de nove itens representativos das necessidades económicas e de bens duráveis das famílias, considerando-se em privação material todos os indivíduos em que não existe acesso a pelo menos três daqueles itens.” A taxa de privação material severa corresponde à “falta de pelo menos quatro dos nove indicadores usados para medir a privação material.” – “O risco de pobreza reduziu-se, em 2015, para 19,0% - 2016”. Instituto Nacional de Estatística (15/12/2016). [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=250505009&DESTAQUESmodo=2].

¹³ CRISÓSTOMO, Pedro; FARIA, Natália - “Risco de pobreza desce para os 19%, mas há mais idosos pobres”. Público (15/12/2016). [<https://www.publico.pt/2016/12/15/sociedade/noticia/risco-de-pobreza-desce-para-os-19-mas-ha-mais-idosos-pobres-1754895>].

¹⁴ – “Aprovado o Programa Nacional do Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração (FAMI) para o período 2014 - 2020”. SGMAI - Ministério da Administração Interna (25/03/2015). [[http://www.sg.mai.gov.pt/Noticias/Paginas/Aprovado-o-Programa-Nacional-do-Fundo-para-o-Asilo,-a-Migra%C3%A7%C3%A3o-e-a-Integra%C3%A7%C3%A3o-\(FAMI\)-para-o-per%C3%ADodo-2014-2020.aspx](http://www.sg.mai.gov.pt/Noticias/Paginas/Aprovado-o-Programa-Nacional-do-Fundo-para-o-Asilo,-a-Migra%C3%A7%C3%A3o-e-a-Integra%C3%A7%C3%A3o-(FAMI)-para-o-per%C3%ADodo-2014-2020.aspx)].

¹⁵ BARÃO, José Luís - “Requerimento n.º 103/XIII/1.ª, de 1 de junho de 2016”. Gabinete do Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares (27-06-2016). [Entrada n.º 3768].

¹⁶ – “Plataforma de Apoio aos Refugiados - Quem Somos”. [<http://www.refugiados.pt/sobre/#missao>].

Estado, torna possível a implementação e financiamento de programas de apoio. O Programa PAR Famílias é um projecto de acolhimento e integração de crianças refugiadas e respectivas famílias, em contexto comunitário. Até ao fim de junho de 2016, auxiliou 41 famílias, um total de 175 pessoas, entre as quais 90 crianças. A PAR, tendo como objectivo acolher condignamente refugiados em Portugal, tem divulgado informação e organizado conferências e debates que prestam esclarecimentos acerca da situação destas pessoas.

Também a Amnistia Internacional tem realizado uma série de conferências sobre o tema dos refugiados, na tentativa de sensibilizar a população portuguesa e desmistificar algumas comunicações partilhadas em redes sociais.

Perante este panorama, era vantajoso que existisse cooperação entre as associações e os arquitectos, porque a arquitectura pode dar uma resposta efectiva às necessidades existentes, beneficiando do conhecimento que as associações já possuem acerca desta realidade social.

“À medida que a profissão [arquitectura] se envolve com entidades públicas e instituições que participam na formulação de políticas, pode também adquirir a função de promover, junto das mesmas, uma mudança de atitude quanto ao papel do arquitecto. Isto é especialmente

relevante dado o impacto das iniciativas públicas e privadas na aquisição e gestão dos edifícios, e a necessidade de promover a participação indireta, bem como assegurar a contínua (e em progresso) possibilidade de haver uma participação social direta no processo do projecto de arquitectura”.¹⁷

A gravidade do panorama social que se vive actualmente levou inclusive à dinamização de eventos pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Foi organizado, pelo professor Álvaro Domingues, no âmbito da unidade curricular que lecciona, “Urbanização da Pobreza”, um ciclo de aulas abertas que teve como tema “O papel social do arquitecto”, com o objectivo de “promover um espaço de partilha de experiências em torno dos desafios que se colocam aos técnicos – e nomeadamente a arquitectos – em contextos de marcada pobreza e disparidades, assim como discutir as limitações e potencialidades das políticas redistributivas, de interesse social e de gestão equitativa do ambiente construído”.¹⁸

Há, assim, por parte da Faculdade de Arquitectura do Porto a vontade de alertar os alunos para as necessidades do momento presente, apontando-lhes como possível opção a arquitectura social. A quinta sessão do ciclo de aulas abertas, à qual assisti, teve lugar no dia 15 de Dezembro de 2016.

¹⁷JENKINS, Paul; FORSYTH Leslie – *Architecture, participation and society*. London: Routledge, 2010, p.164.

¹⁸ – “FAUP: Ciclo de Aulas Abertas - ‘Urbanização da Pobreza’”. [https://sigarra.up.pt/faup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=30897].

O tema foi “Arquitetura nas margens” e foi dinamizada pela arquitecta portuguesa Joana Cameira, que trabalha actualmente no Comité Internacional da Cruz Vermelha.

A arquitecta fez uma breve apresentação dos projectos que foi desenvolvendo para o Comité de Refugiados Norueguês (NRC), as Nações Unidas (UN-Habitat) e a Cruz Vermelha Belga, que a levaram a trabalhar no Afeganistão, Sudão, Líbano, faixa de Gaza, Quénia, Somália, e Sri Lanka. Seguidamente, houve oportunidade para uma conversa mais informal entre as pessoas presentes, tendo sido debatidas as seguintes ideias: em situações de escassez de recursos (falta de materiais, fornecedores, mão de obra), “o arquitecto precisa de ser um pouco de tudo: político, negociador, mediador... e mobilizar os agentes certos, que possam intervir e ajudar”, precisa também de ser pragmático e de saber gerir muito bem as prioridades, colocando questões como: “O que é que podemos fazer hoje e não deixar para amanhã? O que é que podemos construir hoje que não vai ser destruído amanhã?”

Quando questionada sobre as lições que o arquitecto pode retirar de um trabalho desenvolvido em condições semelhantes, Joana Cameira mencionou “livrar-se da arrogância, ter todos os sentidos despertos e em alerta. Calar-se, saber ouvir. Saber que o impossível não existe.

Podem sempre encontrar-se soluções, mesmo nas condições mais difíceis. Não há receitas para design”.

No fim, foi ainda colocada uma questão acerca da importância do contributo individual do arquitecto para a instituição que integra.

Na opinião de Joana Cameira, “a verdade é que não é o indivíduo que é idolatrado. É o trabalho de conjunto: o fazer uma coisa que é continuada por outro. É pegar numa ideia e transformá-la até que já não seja só uma, mas várias, de vários contributos diferentes”.

Em todo o seu discurso, Joana Cameira deixou transparecer uma enorme satisfação pessoal e a ideia de que, embora os projectos que desenvolve exijam um enorme esforço e sacrifício, são gratificantes.

A sua realização profissional e valorização pessoal não resultam da projecção individual, mas sim do impacto que o seu trabalho, desenvolvido em equipa, tem na vida das pessoas.

Joana Cameira ilustra um modo de pensar e viver a arquitectura que decorre das circunstâncias actuais.

A importância de partilhar e divulgar

Em 1921, Le Corbusier iniciou uma doutrina estética, o Espírito Novo. As suas ideias foram divulgadas em artigos na revista *L'Esprit Nouveau* e estiveram na origem do livro *Vers une Architecture*, publicado em 1923.

Le Corbusier conseguiu “a convergência das forças vanguardistas num movimento unitário”, que “influenciou toda a produção construtiva e modificou, no seu todo, o ambiente em que o homem vive e trabalha”.¹⁹

Esse movimento unitário, de mudança, foi possível, porque outros arquitectos se identificaram com a mensagem que transmitiu.

Começaram então a surgir os CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna), durante os quais muitos arquitectos se reuniam para discutir o futuro da arquitectura.

Os artigos e os livros escritos por Le Corbusier são assim entendidos como uma espécie de manifesto,²⁰ que influenciam o pensamento de muitos arquitectos. De facto, as suas ideias continuam a ser uma referência actual, “a ele se deve, em grande parte, a ressonância mundial da nova arquitectura e a sua capacidade de se inserir em qualquer tradição local”.²¹

A arquitectura tem sofrido, ao longo dos anos, uma enorme evolução, em resultado da influência de vários movimentos ideológicos.

O facto de serem constantemente manifestados pensamentos e perspectivas diferentes é muito importante para que haja uma constante renovação e para que se possam gerar novas ideias.

Contudo, por ser intrinsecamente difícil para o ser humano aceitar algo completamente novo, qualquer movimento de mudança, de pensamento ou de atitude, deve ser comunicado e fundamentado com exemplos ou evidências para que seja bem recebido e não considerado como utópico ou pouco realista.

“A fraqueza fatal de qualquer manifesto é a sua inerente falta de provas”.²²

Talvez seja por esse motivo que no livro *Vers une Architecture*, “Le Corbusier utiliza sempre frases curtas e convincentes, pensamentos originais provocativos, fórmulas repetitivas e estereotipadas (...); um discurso propagandístico baseado sempre em imagens (...).

Le Corbusier apresentava os projectos como modelos (...).²³

Desta maneira, as suas ideias não só são exemplificadas, como podem ser facilmente compreendidas e interiorizadas.

No dia 9 de novembro de 1964, Bernard Rudofsky inaugurou a exposição “Architecture without architects - a short introduction to non-pedigreed architecture”, no MoMA (The Museum of Modern Art).

¹⁹ BENEVOLO, Leonardo – *Introdução à Arquitectura*. Lisboa: Edições 70, 2007, p.220.

²⁰ Manifesto: ato ou efeito de manifestar, pode ser apresentado sob a forma de uma declaração pública em que se expõem os motivos que levam à prática de certos atos que interessam a uma coletividade. – Manifesto. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/manifesto>].

²¹ BENEVOLO, Leonardo – *Introdução à Arquitectura*. Lisboa: Edições 70, 2007, p.230.

²² KOOLHAAS, Rem – *Delirious New York - A Retroactive Manifesto for Manhattan*. Rotterdam: OIO Publishers, 1994, p.9.

²³ MONTANER, Josep Maria – *Arquitectura y crítica*. Barcelona: Gustavo Gili, 2007, p.38 e 39.

Em detrimento da autoria artística ou financeira, os exemplos escolhidos e expostos pelo arquitecto favoreciam uma arquitectura “vernacular, anónima, espontânea, indígena, rural”,²⁴ a cima de tudo, funcional e comunitária.

“Neste sentido, a exposição do MoMA e de Rudofsky, juntamente com a divulgação de um conjunto de obras frequentemente esquecidas pelas usuais referências académicas, viria, sobretudo, a apregoar a Arquitectura como atribuição da comunidade e da organização social. Mais do que uma “Arquitectura sem Arquitectos” traria à ribalta uma Arquitectura sem o star system²⁵ da historiografia tradicional”.²⁶

A exposição, que, na altura, gerou bastante controvérsia, pretendia isso mesmo. “Arquitectura sem Arquitectos tenta quebrar os nossos conceitos limitados sobre a arte de construir ao introduzir o mundo desconhecido da arquitectura sem pedigree”.²⁷

Num mundo onde os recursos são finitos e cada vez mais escassos, por vezes, torna-se desapropriado investir em soluções tecnológicas de elevado consumo e custo financeiro, apenas como forma de marcar uma posição ou estatuto. Bernard Rudofsky pretendia demonstrar que é possível agir e dinamizar estratégias que, não estando necessariamente ligadas a uma prática tradicional da disciplina, não deixam de ter o mesmo valor.

Da mesma maneira que os artigos escritos por Le Corbusier, sobre arquitectura moderna, introduziam e exploravam novos conceitos, também a exposição no MoMA o fez, podendo ser interpretada como um manifesto. A opção de Rudofsky, ao questionar o rumo e a qualidade da arquitectura, pode não ter sido imediatamente bem recebida, mas foi alvo de discussão, com o objectivo de suscitar nos outros o mesmo interesse.

Por isso, expor e divulgar é marcar uma posição, informar quem desconhece, criar oportunidades para se realizar uma mudança e é demonstrar, através de exemplos, diversas possibilidades.

A exposição de Bernard Rudofsky é particularmente interessante para esta dissertação. Primeiro, porque, actualmente, “mais de 80 por cento da humanidade vive em aglomerados urbanos e (...) 1/6 da população mundial não tem casa, ou seja, mil milhões de pessoas”.²⁸ Isto significa que se procuram respostas com alguma urgência, apesar de, na maioria dos casos, não existir a possibilidade de financiar projectos de arquitectura.

Segundo, porque exalta a atitude não conformista de um arquitecto, que usa as ferramentas de que dispõe para agir, neste caso, organizando uma exposição. No fundo, transmite a ideia de que o arquitecto tem, de facto, um papel muito importante na sociedade.

²⁴ RUDOFISKY, Bernard - *Architecture Without Architects - A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. Nova Iorque: Doubleday, 1964, Prefácio.

²⁵ “Parte dos nossos problemas resultam de uma tendência para atribuir aos arquitectos (...) um excepcional discernimento sobre os problemas do habitar quando, na verdade, a maior parte está preocupada com questões de negócio e prestígio.” RUDOFISKY, Bernard (1964).

²⁶ BANDEIRINHA, José António - *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de abril 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007, p.31.

²⁷ RUDOFISKY, Bernard - *Architecture Without Architects - A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. Nova Iorque: Doubleday, 1964, Prefácio.

²⁸ RODEIA, João - “Le temps monde fini commence!”. *Jornal Arquitectos* N.º 223. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Junho 2006, p.19.

Além disso, deve manter uma visão crítica sobre as transformações económicas, sociais e políticas actuais, para que possa inovar e contribuir para uma mudança positiva.

“A arquitectura enquanto disciplina está a ser repensada em muitos aspectos, desde o âmbito da sua intervenção até ao modo como se cruza com a sociedade.

Questões como a participação, o diálogo, a solidariedade e a proximidade têm vindo a questionar as formas tradicionais de intervenção do arquitecto e a introduzir diferentes relações com o mundo e com a realidade construída”.²⁹

“Arquitectura sem Arquitectos” é um exemplo de como é possível levar a arquitectura até às pessoas e envolvê-las num determinado tema; além de despertar a curiosidade de outros arquitectos, incentivando-os a repensar o modo como exercem a sua profissão.

Os projectos de arquitectura causam impacto na vida das pessoas, mas a expressão e a comunicação de novas ideias são muito importantes para a evolução da própria arquitectura.

O sentido crítico desenvolvido pelos arquitectos fá-los questionar e interpretar a realidade para que, a certa altura, possam arriscar, experimentar algo novo e agir fora da sua zona de conforto.

Apenas assim, a arquitectura pode evoluir, adaptar-se e dar resposta a novas necessidades.

²⁹ SANTA-RITA, João – “Prefácio”. ArchiNews O4 - Retrato do ensino em Portugal. Lisboa: Archi&Book's, 2016, p.2.

AGIR

sob 12 perspectivas diferentes



AGIR voluntariamente

informal

REABILITAR A CIDADE E PROJECTO RURAL

Just a Change

Lourenço Brito, António Bello, Gonçalo Coimbra, Sara e Simão Oom, Domingos Perloiro

LOCAL E DATA

Lisboa . 2010 - momento presente

PARA QUEM

Habitantes locais

CONTEXTO

Projectos de intervenção participativa e reabilitação em habitações e espaços sociais

OBJECTIVO

Melhorar as condições de habitabilidade; promover uma acção de voluntariado junto dos jovens

PROCESSO PARTICIPATIVO

Jovens e voluntários participam na reabilitação de casas e espaços sociais

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Associações e organizações humanitárias

FINANCIAMENTO

Privado (Prémio Do Something e Fundação Calouste Gulbenkian)

11



12



13



imagem 11 - Espectáculo na baixa de Lisboa para angariação de fundos. Fotografia da equipa Just a Change (2014). [https://www.facebook.com/pg/Just.a.Change/photos/?tab=album&album_id=269422563140259].
 imagem 12 - Campo de verão: Intervenção em Ferreira do Zêzere. Fotografia da equipa Just a Change (2015). [https://www.facebook.com/pg/Just.a.Change/photos/?tab=album&album_id=930693923679783].
 imagem 13 - Campo de verão: Intervenção em Ferreira do Zêzere. Fotografia da equipa Just a Change (2016). [https://www.facebook.com/pg/Just.a.Change/photos/?tab=album&album_id=1198388713576968].

AGIR voluntariamente

Desde 2010, uma equipa de seis jovens formados em gestão industrial, desporto, engenharia e arquitectura tem-se dedicado à associação Just a Change. “A ideia surgiu quando eu e um amigo fomos tocar guitarra para o Chiado e, com a pequena quantia de dinheiro que ganhámos, fomos jantar com sem-abrigo. Reparámos que através de artes de rua conseguíamos angariar fundos para pôr ao dispor dos mais necessitados. Querendo partilhar esta alegria, que era poder ajudar os outros com base na música, surgiu a Just a Change. Éramos um grupo de sete jovens que tinham o objetivo de tornar uma pequena iniciativa num projecto com pés e cabeça”.³⁰ Entre eles, dividem as tarefas de coordenadores de obra, responsáveis pela mobilização e coordenação dos voluntários; gestão dos materiais, responsáveis pela aquisição, alocação e gestão dos materiais e ferramentas em obra e armazém; e comunicação, responsáveis pelos canais de divulgação, apresentações públicas, comunicação interna e recrutamento de voluntários.³¹ Em 2011, o projecto foi reconhecido com o prémio Do Something,³² atribuído aos jovens, que pela sua própria iniciativa, criam projectos, ou organizações com o objectivo de melhorar a vida das suas comunidades; e em 2013, com a menção honrosa do Prémio Voluntariado Jovem Montepio.³³

Entretanto, recebeu o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian³⁴ e foi distinguido com a menção honrosa no Prémio Manuel António da Mota, por contribuir para a inovação social em Portugal.

A associação sem fins lucrativos pretende intervir em habitações de pessoas carenciadas e mudar as suas vidas de forma positiva. Através do contacto com instituições, como a Cruz Vermelha e o Banco Alimentar, identifica as famílias que se encontram em situação de maior vulnerabilidade e seleciona o espaço habitacional onde vai intervir.

Procura, em seguida, reunir todas as condições que viabilizam o projecto de reabilitação.

Para tal, contam com a participação de voluntários, principalmente jovens universitários, que mobilizam sempre através das redes sociais. A divulgação é de tal maneira importante que, em 2017, foram recebidos 30 voluntários de Maine, dos Estados Unidos da América.

A participação dos jovens é muito importante para a associação, porque significa despertar em gerações mais novas um espírito de solidariedade e compromisso com a sociedade.

Em cinco anos, Just a Change conseguiu mobilizar “quase mil voluntários e reabilitar 49 habitações, para além de outras intervenções em instituições sociais”.³⁵

³⁰ - “Educação Informação”. Associação Mutualista Montepio. [<http://ei.montepio.pt/just-a-change-quer-ganhar-premio-montepio-para-remodelar-mais-casas/>].

³¹ - “A Equipa Just: Estrutura Operacional”. Just a Change. [<http://www.justachange.pt/aequipajust>].

³² GONÇALVES, Inês - “Just a Change: Uma pequena grande mudança”. Excelência Portugal (2015). [<https://excelenciapt.com/site/?p=1798>].

³³ - “Prémio Voluntariado Jovem Montepio: Projectos Finalistas”. Associação Mutualista Montepio (2013). [https://www.montepio.pt/iwov-resources/SitePublico/documentos/pt_PT/Noticias/premio-voluntariado-jovem-2013/projetos-finalistas-premio-voluntariado-jovem-2013.pdf].

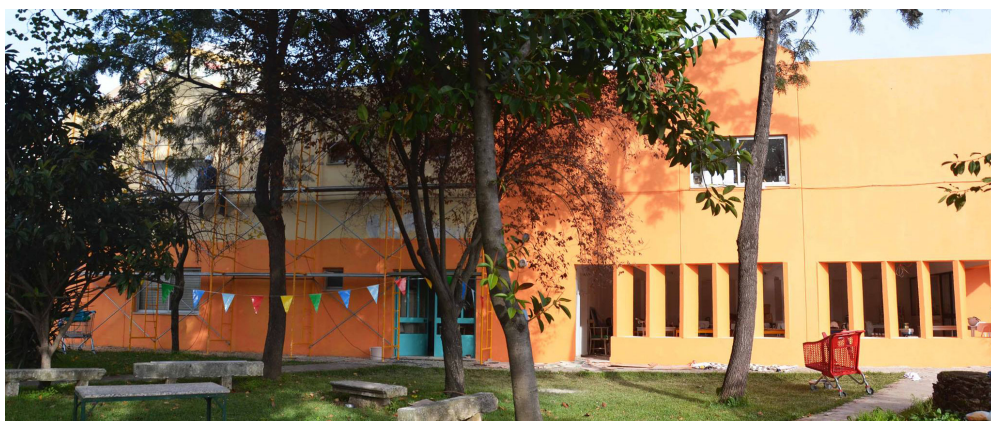
³⁴ - “Reabilita +”. Fundação Calouste Gulbenkian. [<https://gulbenkian.pt/project/projeto-reabilita-mais/>].

³⁵ - “Pequenas grandes transformações”. Fundação Calouste Gulbenkian. [<https://gulbenkian.pt/noticias/pequenas-grandes-transformacoes/>].

14



15



16

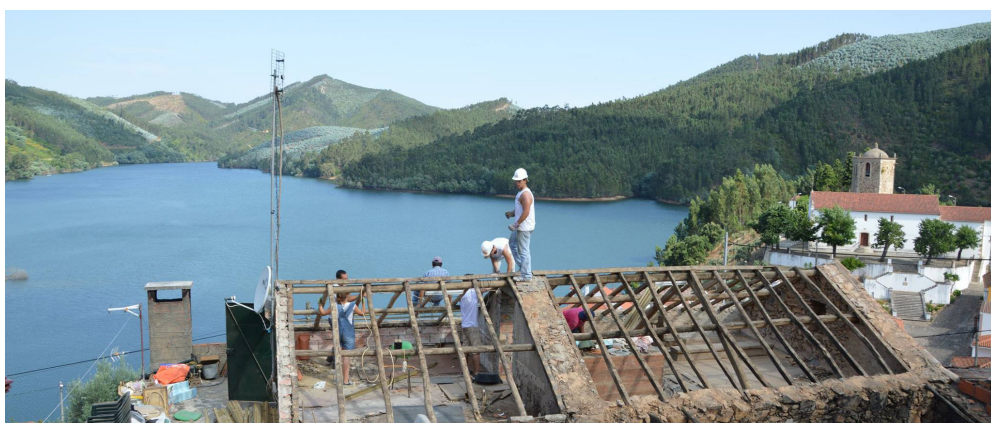


imagem 14 – Casa da Alegria V.4. Fotografia da equipa Just a Change (2016). [https://www.facebook.com/pg/Just.a.Change/photos/?tab=album&album_id=988137681268740].

imagem 15 – Casa da Alegria V.4. Fotografia da equipa Just a Change (2016). [https://www.facebook.com/pg/Just.a.Change/photos/?tab=album&album_id=988137681268740].

imagem 16 – Campo de verão: Intervenção em Ferreira do Zêzere. Fotografia da equipa Just a Change (2016). [https://www.facebook.com/pg/Just.a.Change/photos/?tab=album&album_id=1198388713576968].

AGIR voluntariamente

Just a Change criou dois programas:

Reabilitar a Cidade e Portugal Rural.

O primeiro decorre durante todo o ano lectivo, na cidade de Lisboa, com o objectivo de reabilitar casas degradadas em zonas urbanas.

Os jovens podem escolher participar em turnos de manhã, ou de tarde e a maioria das intervenções decorre em habitações de pessoas idosas com baixos níveis de rendimento.

Além de intervirem em casas particulares, a equipa e voluntários actuam em espaços sociais, que, sem o seu apoio, não teriam recursos financeiros para o fazer.

Em 2014, interviram no Centro Paroquial do Casalinho, na Ajuda; em 2015, no Lar Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo, na Lapa; e, por várias vezes, na Casa da Alegria, “uma casa de acolhimento temporário que recebe doentes estrangeiros, mulheres e crianças, oriundos dos países africanos de língua portuguesa e que estão em Portugal para receber tratamento médico”.³⁶

Em janeiro de 2016, a equipa deslocou-se pela quarta vez à Casa da Alegria para ajudar na reparação e pintura das fachadas.

O segundo programa, Portugal Rural, acontece apenas nos meses de verão, em vilas e aldeias de Portugal.

Em 2016, as intervenções decorreram em Óbidos e, pelo segundo ano consecutivo, em Ferreira do Zêzere.

O modo de intervir do Just a Change

passa essencialmente por reabilitar e reparar o que não se encontra em bom estado, pode ser o caso de uma fachada, como na Casa da Alegria (imagens 5 e 6), ou o interior de uma habitação. De um ponto vista artístico, esta pode não ser uma actuação muito criativa, mas é, contudo, necessária para proporcionar melhor qualidade de vida às pessoas que vivem nestes espaços e um pouquinho mais de felicidade. Em projectos de intervenção e participação social, é importante manter parcerias com diferentes entidades e equipas que, pela sua experiência e conhecimentos, podem assistir na sua elaboração.

No projecto da Casa da Alegria, “os materiais aplicados foram integralmente cedidos pela Tintas Robbialac, e a mão de obra especializada pela Reabilita, duas empresas que abraçaram esta causa”.³⁷

A Reabilita³⁸ surgiu em 2007 com o objectivo de reabilitar edifícios antigos nas zonas históricas da cidade de Lisboa e de vender, posteriormente, os apartamentos ainda por reabilitar, para que cada cliente tenha liberdade na concepção da sua casa. Desde 2014, colaboram com a equipa Just a Change. A POLIGONO³⁹ é um atelier de arquitectura situado em Lisboa, com o qual a equipa trabalha também, principalmente na procura de soluções relativas a questões construtivas.

³⁶ - “Projecto Casa da Alegria”. Cáritas. [<http://www.caritas.pt/site/lisboa/index.php/o-que-fazemos/projecto-casa-da-alegria>].

³⁷ - “Casa da Alegria V.4”. Just a Change (13/01/2016). [<https://www.facebook.com/Just.a.Change/photos/a.988137681268740.1073741849.167549976660852/988137847935390/?type=3>].

³⁸ - “Reabilita: A Reabilitar Lisboa desde 2007”. [<http://reabilita.pt>].

³⁹ - “Manifesto”. POLIGONO. [<http://www.poligono.org/manifesto/>].



AGIR reutilizando e reciclando

escassez

imagem 17 – Inês Rodrigues: Projecto em que as lâmpadas são garrafas de água. Fotografia de Fernando Veludo. [<https://www.publico.pt/2016/O3/O2/ecosfera/noticia/ines-criou-a-gota-de-luz-uma-garrafa-que-ilumina-aldeias-na-guine-172496O#&gid=1&pid=1>].

TABANCA SOLAR

Educafrica

Inês Rodrigues

LOCAL E DATA

Guiné-Bissau . 2011 - momento presente

PARA QUEM

Habitantes de aldeias e pequenas vilas na Guiné-Bissau

CONTEXTO

Reutilização de objectos e materiais simples na idealização e concretização de soluções

OBJECTIVO

Melhorar as condições de vida da população dos países africanos de expressão portuguesa

PROCESSO PARTICIPATIVO

Trabalho continuado junto da população na procura de soluções

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Moradores e associações locais

FINANCIAMENTO

Privado (Prémio Terre de Femmes)

18



19



20



imagem 18 – Equipa Educafrica e desidratador solar: Projecto Tabanca Solar. Fotografia da Organização Educafrica (2016). [<https://www.facebook.com/EDUCAFRICA/photos/a.757160407657111.1073741841.222246174481873/1172277262812088/?type=3&theater>].

imagem 19 – Organização do Workshop Uma Gota de Luz. Fotografia da Organização Educafrica (2013). [<https://www.facebook.com/EDUCAFRICA/photos/a.648971865142633.1073741834.222246174481873/660756657297487/?type=3&theater>].

imagem 20 – Instalação de lâmpadas solares: Projecto Tabanca Solar: Uma Gota de Luz. Fotografia da Organização Educafrica (2016). [<https://www.facebook.com/EDUCAFRICA/photos/a.757160407657111.1073741841.222246174481873/1095773020462513/?type=3&theater>].

AGIR reutilizando e reciclando

No dia 1 de junho de 2011, Inês Rodrigues, motivada por colaborar no desenvolvimento dos países africanos de expressão portuguesa e ajudar a minimizar os problemas sentidos em várias aldeias da Guiné-Bissau, fundou a Educafrica,⁴⁰ uma organização não governamental, sem fins lucrativos. Ao idealizar um conceito de aldeia solar, onde a iluminação das casas, a confecção das refeições e a conservação dos alimentos dispensa a utilização de energia eléctrica, surgiu o projecto Tabanca Solar. A Inês foi atribuída a sétima edição do Prémio Terre de Femmes, no valor de dez mil euros, em 2016.

Através da colocação de uma garrafa de água na cobertura, Inês descobriu uma forma muito simples de garantir a iluminação natural no interior de uma construção.

A garrafa de plástico deve ter a capacidade de um litro e meio e deve ser cheia com 10 mililitros de lixívia, para não criar fungos, e água, quase até cima. A cobertura da casa deve ser vedada, com uma chapa de zinco, para prevenir infiltrações e a garrafa deve ser colocada de modo a ficar a meio da cobertura, com uma parte dentro e outra fora.

Ao incidir sobre a água, a luz é reflectida e o sistema funciona como uma clarabóia. A difusão da radiação solar equivale a uma lâmpada com cerca de 40 watts de potência e pode durar cerca de três anos.

Deste modo, é possível reduzir a temperatura em cerca de dois a três graus no interior das casas e iluminar as habitações que são, na maioria, escuras e sem aberturas, para evitar o calor.

“O que vimos é impressionante, mulheres que nos dizem que agora podem ver os seus bebés dentro de casa.

Há vários benefícios: deixam de usar as lâmpadas de querosene ou tochas durante o dia na habitação, o risco de doenças respiratórias diminui, e previnem-se acidentes domésticos, incêndios ou queimaduras”.⁴¹

Por vezes, a complexidade e a diversidade de técnicas construtivas fazem esquecer que as soluções aparentemente mais simples podem também ter um impacto tão positivo.

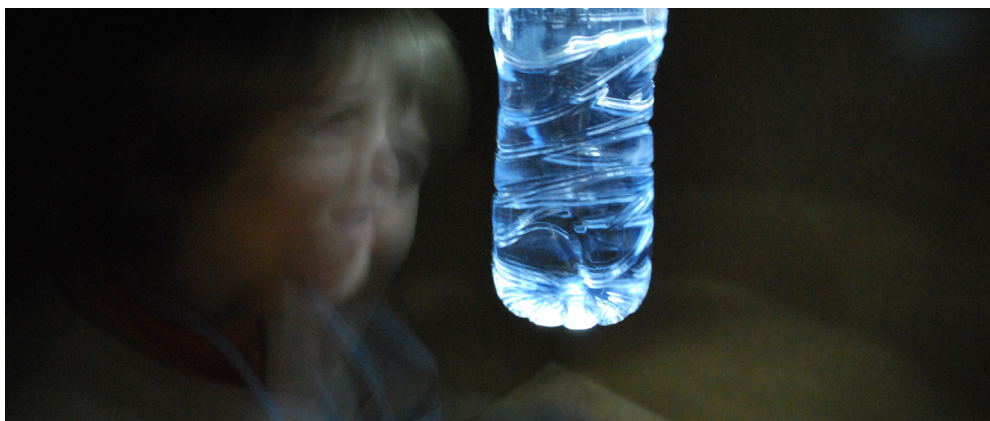
“Com o objetivo de dar resposta à falta de meios de conservação alimentar, o que resulta na escassez de provisões para a população, o projeto de Inês Rodrigues criou ainda um desidratador solar, equipamento que permite a secagem e conservação de frutas e legumes sem que estes percam as suas qualidades e valores proteicos durante o período de dois anos. Recorrendo à energia solar, Inês trabalhou também na criação de um sistema fotovoltaico que permite iluminar centros de saúde e escolas, permitindo a assistência à população durante a noite, bem como a alfabetização após a jornada de trabalho”.⁴²

⁴⁰ – “Educafrica: Quem somos”. [<https://ongdeducafrica.wordpress.com/sobre/>].

⁴¹ RODRIGUES, Inês. in OLIVEIRA, Sara – “Inês levou a gota de luz, uma garrafa que ilumina, para aldeias na Guiné”. Público (2/03/2016). [<https://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ines-criou-a-gota-de-luz-uma-garrafa-que-ilumina-aldeias-na-guine-1724960>].

⁴² ALVES, Virgínia – “Portuguesa constrói aldeias solares na Guiné Bissau”. Dinheiro Vivo (2/03/2016). [<https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/512037/>].

21



22



23



imagem 21 - Projecto Tabanca Solar: Uma Gota de Luz. Fotografia da Organização Educafrica (2016). [<https://ongdeducafrica.wordpress.com/2014/01/27/21/>].

imagem 22 - Instalação de lâmpadas solares: Projecto Tabanca Solar: Gota de Luz. Fotografia da Organização Educafrica (2016). [<https://www.facebook.com/EDUCAFRICA/photos/a.757160407657111.1073741841.222246174481873/1161833967189751/?type=3&theater>].

imagem 23 - Projecto Tabanca Solar: Desidratador solar. Fotografia da Organização Educafrica (2016). [<https://www.facebook.com/EDUCAFRICA/photos/a.757160407657111.1073741841.222246174481873/1471212699585208/?type=3&theater>].

AGIR reutilizando e reciclando

O dinheiro do prémio vai agora permitir encontrar uma solução para que as garrafas de água possam iluminar também durante a noite.

Além disso, vai ser também investido num projeto de recolha do lixo produzido durante os mercados semanais da região. “Será dada formação sobre a importância de recolher o desperdício e também sobre métodos de reaproveitamento e reciclagem”.⁴³

Desde maio de 2016, o projecto Tabanca Solar tem sido implementado nos seguintes locais: Ingoré, São Domingos, Djufunco, Elalab, Cubampor, Canchungo e Bissau.

Em Portugal, Inês pretende, através do seu projecto, sensibilizar “a população Portuguesa, nomeadamente alunos das escolas portuguesas, para as questões da pobreza e para a reutilização de materiais em prol de projetos de cariz solidário”.⁴⁴

Por esse motivo, tem organizado os workshops “Uma Gota de Luz”, dirigidos para os mais jovens, em escolas ou agrupamentos de escuteiros.

Na entrevista realizada pela Yves Rocher Fondation, Inês conta que o que a motivou a agir foram precisamente os relatos na primeira pessoa de crianças e alunos de países africanos com quem convivia enquanto formadora.⁴⁵

Existe assim uma atenção especial quanto à importância do comunicar e alertar as pessoas para estas questões.

No âmbito do projeto desenvolvido para a disciplina l'Architecture aux Temps des Dérèglements, durante a visita aos campos de refugiados nas cidades de Calais e de Dunquerque, no norte de França, foi possível observar que em ambientes onde as condições são severas e os meios muito limitados ou rudimentares, todos os objetos têm uma enorme utilidade.

No Bois Dubrulle, conhecido como Jungle, nas árvores, são pendurados objectos, como pneus de carros que funcionam de baloiço. Recipientes largos, cheios com água, são utilizados como lavatórios, onde é feita a higiene pessoal e se lava a louça. Caixas, de cartão ou madeira, fixas também às árvores, servem para guardar e armazenar objectos pessoais.

No interior dos abrigos, mantas e cobertores são colocados e atados com cordas de forma a criar um isolamento térmico.

Existe uma visível capacidade de dar resposta às necessidades locais e de encontrar pequenos dispositivos que permitem ter algum conforto e melhorar, dentro do possível, a qualidade de vida das pessoas.

Desta visita e levantamento, o mais interessante é concluir que estas pequenas soluções, quando estudadas e desenvolvidas, como fez Inês, têm repercussões muito positivas se puderem ser implementadas em diversos contextos.

⁴³ MAIA, Vânia - “Uma garrafa que ilumina aldeias da Guiné valeu 10 mil euros a professora portuguesa”. Visão, (4/O3/2016). [<http://visao.sapo.pt/iniciativas/visaosolidaria/2016-03-04-Uma-garrafa-que-ilumina-aldeias-da-Guine-valeu-10-mil-euros-a-professora-portuguesa>].

⁴⁴ - “Educafrica: Quem somos”. [<https://ongdeducafrica.wordpress.com/sobre/>].

⁴⁵ Projecto Tabanca Solar - Entrevista a Inês Rodrigues. Vippy (3/O3/2016). [<http://videos.sapo.pt/dc3uOudZ4Zupd3aCQ500>].



24

AGIR no património rural

informal

imagem 24 - Intervenção em Covas do Monte, Viseu. Fotografia da equipa Terra Amada (2013). [https://www.facebook.com/iniciativaterraamada/media_set?set=a.137764723101342.1073741833.100006034445854&type=3].

TERRA AMADA

Universidade Católica de Viseu
Professores, alunos e voluntários

LOCAL E DATA

Covas do Monte . 2013 e Vale de Papas . 2014

PARA QUEM

Toda a comunidade e habitantes locais

CONTEXTO

Projecto de intervenção participativa em património rural

OBJECTIVO

Melhorar as condições de habitabilidade, sensibilizar os jovens para a importância do património rural

PROCESSO PARTICIPATIVO

Instrução dos participantes sobre técnicas de construção; os habitantes participam também na intervenção

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Habitantes locais

FINANCIAMENTO

Angariação de fundos (Crowdfunding)

25



26



27



imagem 25 - Intervenção em Vale de Papas. Fotografia da equipa Terra Amada (2014). [<http://rr.sapo.pt/informacao/detalhe.aspx?did=157641>].

imagem 26 - Intervenção em Vale de Papas. Fotografia da equipa Terra Amada (2014). [<http://iniciativaterraamada.wixsite.com/terraamada/sobre-2-cijj?lightbox=image3xO>].

imagem 27 - Intervenção em Vale de Papas: Requalificação de uma habitação e atelier. Fotografia da equipa Terra Amada (2014). [<http://iniciativaterraamada.wixsite.com/terraamada/sobre-2-cijj?lightbox=image14qc>].

AGIR no património rural

Terra Amada é um projecto extracurricular, criado pelo curso de arquitectura da Universidade Católica de Viseu, com a intenção de promover a intervenção no património rural através de acções de voluntariado.⁴⁶

Os jovens portugueses e estrangeiros que participaram foram consciencializados para a importância de actuar no território rural, cuja conservação e reabilitação são essenciais, não apenas porque visam melhorar a qualidade de vida das pessoas através da resposta a necessidades urgentes, mas também, porque contribuem para manter a identidade da comunidade.

Os alunos tiveram ainda a oportunidade de adquirir conhecimentos práticos relacionados com processos de construção, materiais e técnicas tradicionais.

Para que tenha sido possível realizar cada projecto, foi necessário, em primeiro lugar, identificar as várias patologias junto da comunidade, e, em seguida, planear a intervenção e garantir o seu financiamento. Os materiais utilizados na construção foram, geralmente, oferecidos por empresas ou instituições.

Por duas vezes, a Universidade Católica de Viseu pôde realizar os projectos que idealizou.

Primeiro, em 2013, na aldeia de Covas do Monte, na Freguesia de Covas do Rio, onde moram cerca de 50 pessoas.

Mais tarde, em 2014, em Vale de Papas, também no distrito de Viseu, uma aldeia com cerca de 30 habitantes.

A primeira intervenção contou com a participação voluntária de cerca de 50 estudantes e alguns habitantes, orientados por professores e técnicos de construção.

Foram planeadas obras em espaço público e em sete edifícios: quatro habitações e três edifícios colectivos (uma azenha, um moinho e uma escola primária).

No ano de 2014, para financiar o projecto, foi organizada uma campanha de angariação de fundos através do site PPL Crowdfunding Portugal.

O valor total conseguido foi de 3939 euros⁴⁷, o que permitiu realizar as seguintes intervenções: criar infra-estruturas na aldeia (água canalizada e saneamento público), construir instalações sanitárias em três habitações, conservar as coberturas de colmo, reabilitar a eira comunitária, e criar espaços próprios para o desenvolvimento de actividades económicas relacionadas com a tradição da comunidade, que se dedica inteiramente à agricultura e ao pastoreio.⁴⁸ A nível de espaço público, foi reabilitado um tanque existente, o espaço de sanitários públicos foi equipado, as caixas de correio e a área de depósito de resíduos foram requalificadas e foram construídos bancos nas zonas de estar.

⁴⁶ - "Terra Amada: Apresentação/Overview". [<http://iniciativaterraamada.wixsite.com/terraamada/apresentao--overview>].

⁴⁷ - "Iniciativa Terra Amada". PPL Crowdfunding Portugal. [<http://ppl.com.pt/pt/prj/iniciativa-terra-amada-vale-de-papas>].

⁴⁸ - "Vale de Papas 2014: Espaço Público/Public Space". [<http://iniciativaterraamada.wixsite.com/terraamada/sobre-2-cijj>].

28



29



30



imagem 28 - Intervenção em Vale de Papas. Fotografia de Nuno André Ferreira (2014). [http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?did=157641].

imagem 29 - Intervenção em Covas do Monte, Viseu. Fotografia da equipa Terra Amada (2013). [<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=137879833089831&set=pb.100006034445854.-2207520000.1494502333.&type=3&theater>].

imagem 30 - Intervenção em Covas do Monte, Viseu. Fotografia da equipa Terra Amada (2013). [<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=137880279756453&set=pb.100006034445854.-2207520000.1494502329.&type=3&theater>].

AGIR no património rural

O moinho de água foi limpo, conservado e restaurado, bem como os espigueiros, onde grande parte dos cereais da aldeia são ainda armazenados. Aqueles que se encontravam em ruína foram reconstruídos.

A forja foi também conservada e restaurada. A cobertura em colmo, que havia sido substituída por telha de marselha, foi reconstruída.

Existiu uma preocupação notória em manter ou recriar as características tradicionais construtivas locais.

“A descontinuidade espacial das aldeias, conjugada com a sua fraca dimensão, determina uma paisagem em que o construído surge mais ou menos disseminado sobre o pano de fundo da natureza”.⁴⁹

A forte relação entre a arquitectura tradicional (construções em granito amarelo, algumas das quais ainda com coberturas em colmo) e o ambiente natural foi uma das características que o projecto Terra Amada procurou manter. Este tipo de intervenção, muito prático e directamente relacionado com a arquitectura vernacular, levanta algumas questões particulares.

“O espaço da aldeia, com os seus edifícios e espaços públicos, é o lugar no qual está inscrita a história ao mesmo tempo pessoal e colectiva”.⁵⁰

Agir no território rural requer, por isso, alguma atenção especial.

“Esse espaço da aldeia e o sistema de objectos que ele constitui não entra, pois, numa composição em que tudo é substituível (...). No contexto da aldeia (...) existe, pelo contrário, uma ligação biunívoca entre a estrutura espacial e a estrutura social, a ponto de (...) se descompusermos a estrutura espacial, desorganizamos simultaneamente os princípios de base do agir colectivo”.⁵¹

Em áreas não metropolitanas de Portugal, verifica-se um povoamento disperso. O facto de existirem cada vez menos pessoas a morar em territórios rurais, como consequência do deslocamento para as cidades e o envelhecimento da população, resulta em espaços que ficam, por vezes, esquecidos.

Esta é, na verdade, uma preocupação que tem estado na origem de inúmeros projectos nas áreas rurais de baixa densidade em Portugal, na tentativa de encontrar soluções.

Em 2011, foi criado o projecto Querença, que motivou dez alunos recém formados da Universidade do Algarve a viver durante nove meses na aldeia de Querença, com o objectivo de “conhecer os recursos locais (naturais, rurais, culturais, sociais), estudá-los, testá-los e trabalhá-los numa perspetiva de valorização e rentabilização sustentável”,⁵² compreendendo, assim, o melhor modo de intervir para estimular o crescimento e o dinamismo local.

⁴⁹ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane – A cidade : rumo a uma nova definição? Porto: Edições Afrontamento, 1984, p.27.

⁵⁰ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane – A cidade : rumo a uma nova definição? Porto: Edições Afrontamento, 1984, p.27.

⁵¹ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane – A cidade : rumo a uma nova definição? Porto: Edições Afrontamento, 1984, p.27.

⁵² – “O que é o Projecto Querença?”. [<http://www.projectoquerenca.com/pt/projecto.html>].



AGIR pela cidade

urbano

PÁTIO AMBULANTE

Frame Colectivo

Ana Sophie Salazar, Daniel Asproiu, Sara Coutinho, Sofia Sousa

LOCAL E DATA

Lisboa . 2013 - momento presente

PARA QUEM

População da cidade de Lisboa

CONTEXTO

Projectos de intervenção participativa em espaço público

OBJECTIVO

Dinamizar o espaço público e questionar a sua forma de ocupação

PROCESSO PARTICIPATIVO

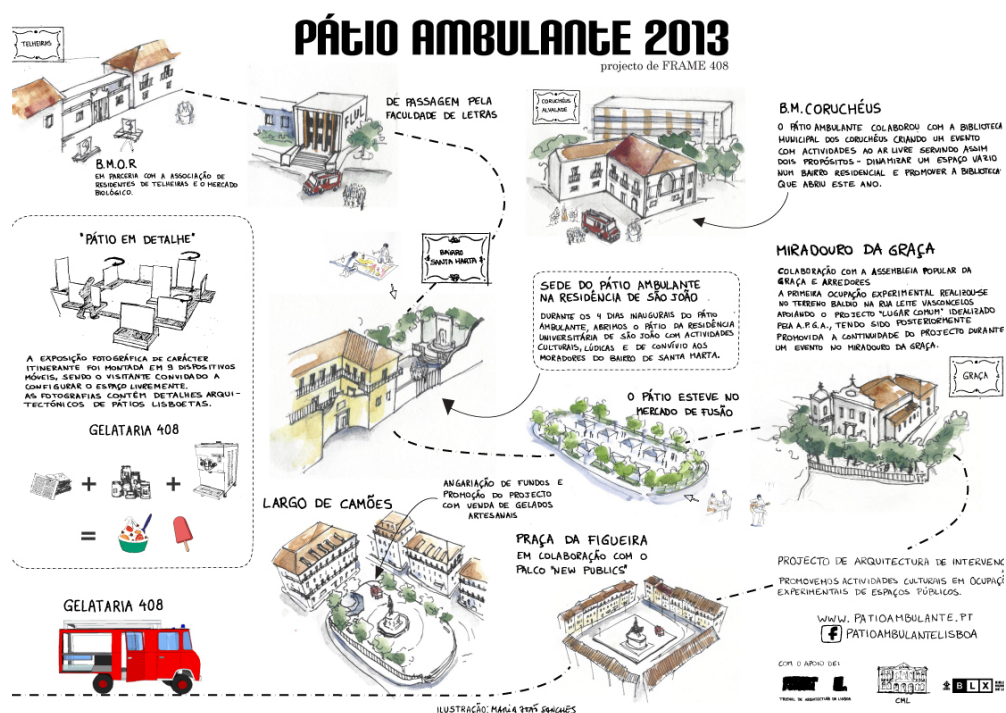
Construção por parte da equipa; participação da comunidade e de artistas locais;
apropriação do espaço público

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Habitantes e artistas locais

FINANCIAMENTO

Público (Câmara Municipal de Lisboa) e Próprio (Gelataria em Carrinha de Bombeiros)



AGIR pela cidade

O Pátio Ambulante é um projecto criado pelo Frame Colectivo, um atelier de arquitectura situado em Lisboa, “que se dedica à arquitectura de intervenção e actua no contexto cultural, arquitectónico e urbanístico da cidade”.⁵³

Em 2013, o Pátio Ambulante foi um dos dez projectos vencedores do concurso Crisis-Buster da Trienal de Arquitectura de Lisboa, ao qual foi atribuído um orçamento participativo pela Câmara Municipal de Lisboa.

Durante três meses, a equipa criou um itinerário pela cidade e “identificou 3 tipologias de pátios: os residenciais (...) onde se tem assistido a um ressurgimento da troca e partilha de bens e estreitamento dos laços de vizinhança por força da crise; os pátios com funções culturais ou sociais (...) e por último os junto a percursos de vista turística ou zonas de grande circulação”.⁵⁴ Após o estudo e mapeamento de pátios e vilas operárias de Lisboa, realizou um projecto com o objectivo de criar uma rede de espaços e uma plataforma de intercâmbio, que promovesse a interacção social.

A primeira intervenção do colectivo teve lugar no pátio privado de São João, na colina de Santana, em setembro de 2013. Este foi o projecto que deu início a uma estratégia de intervenção ambulante que, mais tarde, foi reproduzida noutros espaços da cidade.

Durante quatro dias, mais de 400 pessoas apareceram neste espaço onde puderam celebrar a vida do bairro de uma forma dinâmica, ouvir concertos de música clássica, jazz e reggae e participar em workshops de costura, conserto de eletrodomésticos e cerâmica para crianças e adultos.⁵⁵

Entretanto, a equipa tem percorrido pátios, praças, bibliotecas municipais, campos universitários e miradouros, utilizando uma carrinha de bombeiros antiga, “como escritório performativo, gelataria e plataforma de arte urbana”.⁵⁶ Escritório performativo, porque é o meio de levar a programação cultural aos vários sítios da cidade e dar a conhecer os projectos que a equipa desenvolve à comunidade; gelataria ambulante, porque, ao vender gelados artesanais, é possível angariar fundos e cobrir os gastos da deslocação; plataforma de arte urbana, porque é em redor da carrinha que se criam espaços de estar e de convívio, recorrendo a mobiliário urbano.

A carrinha de bombeiros permite criar um ponto de encontro com actividades abertas ao público em qualquer lugar da cidade.

A intenção do Frame Colectivo, ao realizar intervenções de pequena escala nos pátios de Lisboa, é a de explorar o acesso ao espaço público, actuando nele e questionando a sua forma de ocupação e a sua relação com as pessoas.

⁵³ – “Frame Colectivo: Manifesto Frame”. [<http://framecolectivo.com/PT/manifesto-e-outros-frames/>].

⁵⁴ – “Trienal de Lisboa: Anúncio dos Vencedores Bolsas Crisis Buster, 2013”. [<http://www.trienaldelisboa.com/love/media/1064>].

⁵⁵ – “19 a 22 de Setembro, 2013: Pátio Ambulante - Pátio de S. João”. Lisboa Livre. [<http://lisboa-livre.blogspot.pt/2013/09/19-22-de-setembro-2013-patio-ambulante.html>].

⁵⁶ – “Frame Colectivo: Pátio Ambulante”. [<http://patioambulante.pt/patio-ambulante/>].

33



34



35



imagem 33 - Pátio no Bairro de Santos. Fotografia do Frame Colectivo (2016). [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/patio-no-bairro-de-santos/>].

imagem 34 - Pátio no Bairro de Santos. Fotografia do Frame Colectivo (2016). [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/patio-no-bairro-de-santos/>].

imagem 35 - Pátio Ambulante. Fotografia do Frame Colectivo (2013). [<http://framecolectivo.com/PT/patio-ambulante/>].

AGIR pela cidade

A arte, o design e a arquitectura são as ferramentas com as quais participa na transformação dos espaços e propõe novas utilizações.

“Durante o itinerário, a carrinha pára entre uma e duas horas num ponto, sempre em espaços de fácil acesso, como praças e largos. Depois, abrimos e vamos espalhar móveis urbanos à nossa volta, que vão conter informações sobre pátios e largos lisboetas - são uma espécie de exposição itinerante - com objectos que se podem usar. Do outro lado temos uma gelataria, onde toda a gente pode comer gelados artesanais”.⁵⁷ Para o sucesso do projecto, é importante o trabalho em parceria com a comunidade e a Câmara Municipal, assim como a colaboração de instituições e associações. Em certos projectos, artistas de diferentes áreas são convidados a desenvolver estratégias de actuação em espaço público.

A primeira experiência foi muito bem recebida, o que permitiu licenciar mais de quinze espaços públicos para ocupação temporária com programação criada em parceria com iniciativas locais. Este é um exemplo de como é possível dinamizar, mesmo que de modo ambulatorio, a vida de uma comunidade e de que não são precisos muitos recursos, nem construir algo permanente e dispendioso para trazer vida a determinados lugares da cidade.

Em 2015, a equipa desenvolveu o projecto Performmapping em conjunto com um grupo de activistas, antropólogos e performers, que resultou “numa série de actividades experimentais centradas na pesquisa sobre a realidade sociocultural do bairro da Penha de França”.⁵⁸

O que torna tão único o trabalho do colectivo Frame é precisamente o modo como conjuga o projecto de arquitectura, de recolha, mapeamento e intervenção no espaço, com o vídeo, a fotografia e a instalação artística.

Em 2016, a equipa interviu no pátio do Bairro de Santos, uma iniciativa que partiu do projecto O Nosso km2, criado pela Fundação Calouste Gulbenkian e que promove a “criação de redes de vizinhança sólidas entre cidadãos, empresas e instituições locais”,⁵⁹ na freguesia das Avenidas Novas, em Lisboa. O Frame começou por pintar um mural, que atraiu a atenção dos moradores e conquistou “ajudantes de todas as idades”.⁶⁰ Depois de identificar, junto dos habitantes, as principais necessidades do parque, deu início a um workshop de construção colaborativa, com a criação de uma carpintaria ao ar livre. Foi então construído um espaço modular, que, ao seguir a lógica do jogo chinês Tangram, consiste numa “grelha sobre a qual se caminha, se brinca e se descansa, aberta a ser redesenhada por cada corpo presente”.⁶¹

⁵⁷ SALAZAR, Gabriela. in - “A partir de sexta-feira Lisboa ganha um Pátio Ambulante”. Jornal i (2/09/2013). [<https://ionline.sapo.pt/358188>].

⁵⁸ - “Frame Colectivo: Performmapping”. [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/performmapping>].

⁵⁹ - “O nosso km2”. Fundação Calouste Gulbenkian. [<https://gulbenkian.pt/project/o-nosso-km2/>].

⁶⁰ - “Frame Colectivo: Pátio no Bairro de Santos”. [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/patio-no-bairro-de-santos/>].

⁶¹ - “Frame Colectivo: Pátio no Bairro de Santos”. [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/patio-no-bairro-de-santos/>].



AGIR aproximando a comunidade

informal

COZINHA DAS TERRAS DA COSTA

ATELIERMOB

Andreia Salavessa, Tiago Saraiva, Rita Rodrigues, Paula Miranda, Carlos Silva, Carolina Batlle y Font, Mariana Robalo, António Pedro Faria, Inés Sebastián, Antoine Regnault de Maulmin, Raquel Coronel

+

COLECTIVO WAREHOUSE

Rúben Teodoro, Ricardo Morais, Sebastião de Botton, Malin Mohr

LOCAL E DATA

Costa da Caparica . 2014

PARA QUEM

Comunidade do bairro Terras da Costa

CONTEXTO

Construção de uma cozinha comunitária

OBJECTIVO

Proporcionar um espaço colectivo que melhore, de certa forma, a qualidade de vida dos habitantes locais

PROCESSO PARTICIPATIVO

Colectivos, moradores e voluntários participam na construção

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Moradores

FINANCIAMENTO

Privado (Fundação Calouste Gulbenkian)

37



38



39



imagem 37 - Alçado Poente: Cozinha comunitária das Terras da Costa. Fotografia de Fernando Guerra (2015). [<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>].

imagem 38 - Cozinha comunitária das Terras da Costa. Fotografia de Fernando Guerra (2015). [<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>].

imagem 39 - Alçado Sul: Cozinha comunitária das Terras da Costa. Fotografia de Fernando Guerra (2015). [<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>].

AGIR aproximando a comunidade

A Cozinha Comunitária Terras da Costa, na Costa da Caparica, é um projecto realizado pelo Colectivo Warehouse, em colaboração com o Ateliermob.

Entre a arriba e o mar da Caparica, em Almada, localiza-se o bairro das Terras da Costa. Aqui, moram quase 500 pessoas, na sua maioria de origem cigana e cabo-verdiana, mas também angolana, guineense e moçambicana.

Ao habitar um bairro de origem ilegal, as pessoas vivem sem água canalizada, saneamento básico e electricidade. Para cozinhar, acendem fogueiras dentro ou na proximidade das suas casas e para recolher água, de um chafariz público, percorrem cerca de um quilómetro.

A construção de uma cozinha comunitária, a ser partilhada por todos, onde se localizariam alguns pontos de água, poderia, sem a menor dúvida, melhorar as suas condições de vida. Por esse motivo, o Ateliermob deu o primeiro passo na procura de financiamento para realizar o projecto, que, no fim, resultou de um trabalho de equipa entre “arquitectos, urbanistas, carpinteiros, artistas, mediadores sociais”,⁶² e todas as pessoas que quiseram participar.

A Câmara Municipal de Almada autorizou a construção do projecto e criou condições para a instalação de um equipamento de distribuição de água potável, que passou a ser acessível num chafariz integrado na cozinha comunitária.

A Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa de Desenvolvimento Humano, tornou possível o financiamento do projecto, contribuindo no valor de trinta mil euros.

Após a demolição do projecto temporário da Casa do Vapor, idealizada pelo atelier EXYZT⁶³ em parceria com o colectivo Warehouse, foi possível reutilizar a madeira na Cozinha Comunitária.⁶⁴

O mais curioso é que esta é a terceira vez que se utiliza o mesmo material.

Primeiro, no âmbito do projecto Construir Juntos, desenvolvido em Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura (CEC), uma equipa constituída por colectivos internacionais e jovens estudantes participou em actividades de construção em madeira. Na sequência deste projecto, o colectivo francês EXYZT decidiu regressar a Portugal e iniciou um novo projecto de construção participativa no bairro da Cova do Vapor,⁶⁵ utilizando a mesma madeira.

Ao encorajar a participação de todas as pessoas nos workshops, os EXYZT demonstraram que a criação de espaços com qualidade não é acção exclusiva dos arquitetos e que não é preciso utilizar-se tecnologia muito avançada ou materiais dispendiosos para criar ambientes estimulantes.

“Criatividade não é acerca de dinheiro [, mas] sobre olhar para aquilo que se tem e reimaginá-lo”.⁶⁶

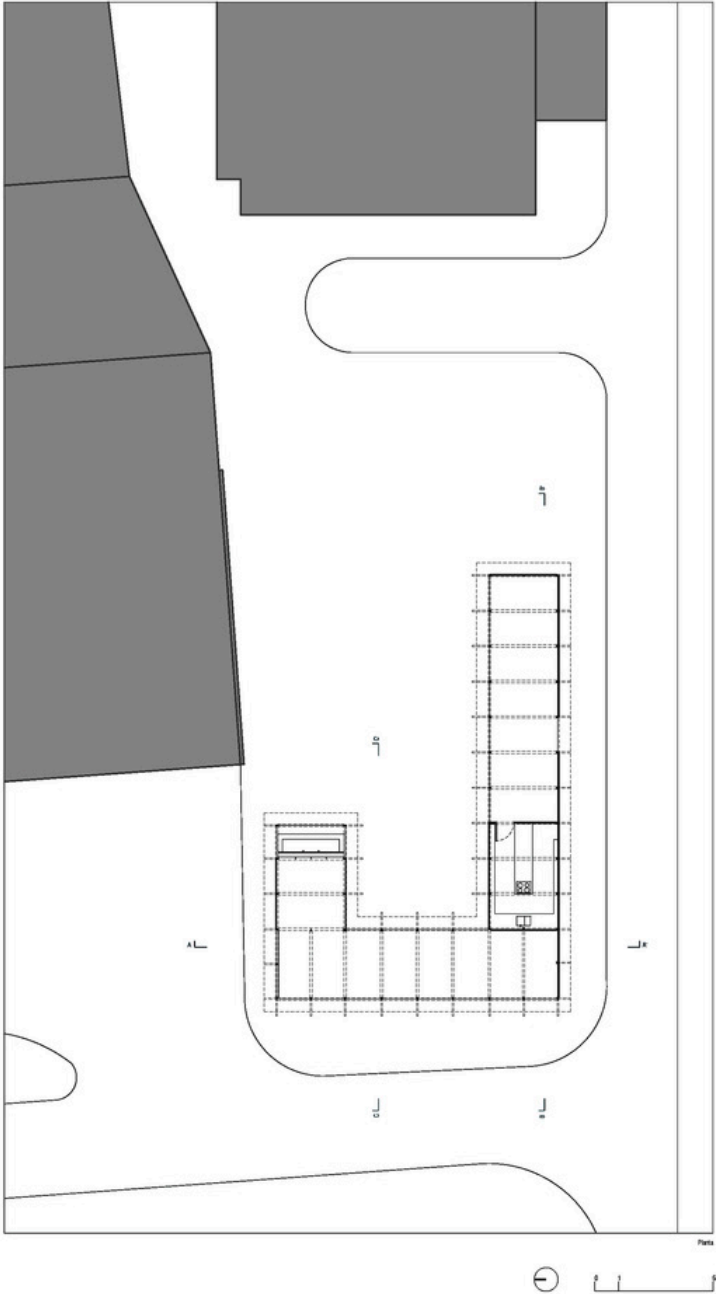
⁶² - “Colectivo Warehouse: Cozinha Comunitária das Terras da Costa”. [<http://warehouse.pt/c011-pt.html>].

⁶³ - “Collectif EXYZT: Who is exyst”. [<http://beller.phpnet.org/public/JB-EXYZT/EXYZT-ENG-PRINT.pdf>].

⁶⁴ - “Cozinha Comunitária das Terras da Costa - Ateliermob + Projecto Warehouse”. [<http://ateliermob.com/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-465018>].

⁶⁵ - “Casa do Vapor: O lugar, Cova do Vapor”. [<http://www.casadovapor.org/pt/cova-do-vapor-2/>].

⁶⁶ MATHEWS, Pieter. in AMAYA, Laura - “Aravena’s discomfoting Venice Biennale: taking on Reporting from the Front”. Archinect (13/O6/2016). [<http://archinect.com/features/article/149950861/aravena-s-discomfoting-venice-biennale-taking-on-reporting-from-the-front>].



40

imagem 40 - Planta: Cozinha comunitária das Terras da Costa. Projecto do Colectivo Warehouse e do Ateliernob (2014). [<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>].

AGIR aproximando a comunidade

Sabendo-se à partida que a Casa do Vapor iria ter a duração de apenas alguns meses e seria, por fim, desmontada, a madeira foi guardada e utilizada neste novo projecto.

Deste modo, não só se reduziu o custo financeiro, como se deu utilidade a materiais que, de algum modo, já se encontravam disponíveis.

Sempre que existe uma certa limitação de recursos, é essencial procurar a reciclagem e reutilização de materiais existentes, principalmente quando o conceito de sustentabilidade adquire cada vez mais importância devido ao impacto já causado pelas acções do homem.

“Actualmente, no contexto europeu, a construção é responsável, em média, pela produção de 30% do total de resíduos produzidos. (...) Estes resíduos provêm das mais diversas fontes: produção de materiais, perdas durante o seu armazenamento, transporte, construção, manutenção e demolição. A melhor maneira de lidar com os resíduos da construção é em primeiro lugar evitá-los”.⁶⁷ Assim, a Cozinha Comunitária, inaugurada em dezembro de 2014, partiu de um simples módulo de madeira, que “é reproduzido três vezes permitindo uma série de equipamentos: uma cozinha fechada; um espaço de refeições aberto; uma zona de lavagem e secagem de roupa e um espaço de convívio.

Esta estratégia permitiu a adaptação dos espaços aos desejos da comunidade”.⁶⁸

De acordo com novas necessidades e novos recursos, pode ser possível aumentar o número de espaços e fazer crescer a estrutura de madeira.

A simplicidade das técnicas de construção permitiu que todos pudessem colaborar. O processo construtivo é entendido “como um momento de partilha, ensinamento e aprendizagem”.⁶⁹

O projecto, pelo envolvimento em questões sociais, inspirou um trabalho continuado junto dos habitantes locais, que permitiu definir uma estratégia de intervenção. Na verdade, o Ateliernob trabalha com esta comunidade desde a realização do “workshop “Noutra Costa”, promovido pelo Departamento de Arquitetura (DA/UAL) e pelo Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território (CEACT/UAL) da Universidade Autónoma de Lisboa”,⁷⁰ em 2012.

O trabalho das equipas foi reconhecido e a Cozinha Comunitária Terras da Costa venceu a categoria de arquitectura pública do Prémio Edifício do Ano 2016, promovido pela plataforma Archdaily. A “Cozinha Comunitária foi apenas o começo de um longo trabalho que só deverá ser considerado como bem sucedido no dia em que todas as pessoas do bairro vivam numa casa com as condições de habitabilidade que queremos para todos nós”.⁷¹

⁶⁷ BRAGANÇA, Luís; MATEUS, Ricardo - *Tecnologias Construtivas para a Sustentabilidade da Construção*. Ermesinde: Edições ECOPY, 2006, p.101.

⁶⁸ - “Colectivo Warehouse: Cozinha Comunitária das Terras da Costa”. [<http://warehouse.pt/c011-pt.html>].

⁶⁹ - “Colectivo Warehouse: Sobre”. [<http://www.warehouse.pt/sobre.html>].

⁷⁰ DELAQUA, Victor - “Cozinha Comunitária das Terras da Costa / ateliernob + Colectivo Warehouse”. Archdaily (27/10/2015). [<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>].

⁷¹ - “Cozinha Comunitária das Terras da Costa - Ateliernob + Projecto Warehouse”. [<http://ateliernob.com/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-465018>].



41

AGIR dinamizando espaços

urbano

imagem 41 – Projecto Morálá Castelo: Intervenção em espaço público. Fotografia do Fundo de Arquitectura Social (2015). [<https://www.facebook.com/255760977893363/photos/a.255770464559081.1073741828.255760977893363/654685034667620/?type=3&theater>].

MORALÁ CASTELO

Fundo de Arquitectura Social

Raquel Morais, Patrícia Chorão Ramalho, Lucia Caistor-Arendar, Madalena Corte Real

LOCAL E DATA

Lisboa . 2014 - 2015

PARA QUEM

Comunidade do bairro do castelo de São Jorge

CONTEXTO

Projecto de requalificação urbana e habitacional no bairro do castelo de São Jorge

OBJECTIVO

Melhorar a qualidade de vida dos moradores, as habitações e o espaço público;
dinamizar actividades

PROCESSO PARTICIPATIVO

Criação de uma associação de moradores e comerciantes com a qual se desenvolvem actividades de bairro

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Moradores locais

FINANCIAMENTO

Público (Câmara Municipal de Lisboa - Programa Bip/Zip)



42



43



44

imagem 42 – Espaço expositivo “Marchas do Castelo”. Fotografia do Colectivo Warehouse (2015). [<http://warehouse.pt/c022-pt.html>].

imagem 43 – Espaço expositivo “Marchas do Castelo”. Fotografia do Colectivo Warehouse (2015). [<http://warehouse.pt/c022-pt.html>].

imagem 44 – Projecto Morala Castelo: Intervenção em espaço público. Fotografia do Fundo de Arquitectura Social (2015). [<https://www.facebook.com/255760977893363/photos/a.255770464559081.1073741828.255760977893363/625697660899691/?type=3&theater>].

AGIR dinamizando espaços

O Fundo de Arquitectura Social, FAS, é uma associação sem fins lucrativos constituída por uma equipa de três arquitectas e uma socióloga, que conta com a participação de vários colaboradores.⁷²

Desde 2013, a principal missão tem sido intervir no edificado degradado na perspectiva de o conservar, recuperar e propor uma utilização dinâmica dos seus espaços.

Ao desenvolver actividades artísticas, culturais, recreativas e sociais, nas quais a população participa activamente, o FAS promove uma vida social comunitária e a economia local. Além disso, tem o objectivo de atrair pessoas para que seja possível reabilitar os espaços habitacionais através de rendas acessíveis.

De acordo com a associação, os projectos devem garantir a sua sustentabilidade ambiental, ecológica, social e financeira. Moralá Castelo⁷³ é um projecto de requalificação urbana do castelo de São Jorge e zona envolvente, em Lisboa. Em 2014, conseguiu um financiamento através do programa Bip/Zip (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária), promovido pela Câmara Municipal de Lisboa.⁷⁴ O programa destina-se, precisamente, ao apoio de actividades e projectos locais, que contribuam para a coesão social e territorial no município e de intervenções que melhorem os espaços habitacionais abrangidos.

A actuação do FAS distingue-se pelo desenvolvimento de um trabalho continuado com a comunidade, que se prolongou durante um ano, de Julho de 2014 a Julho de 2015.

Como estratégia de intervenção, o FAS procurou: impulsionar a criação de uma associação de moradores e comerciantes para representar o bairro na defesa dos seus interesses; reabilitar os espaços habitacionais a baixo custo; colaborar em tradições antigas, como festas locais; criar o Espaço Moralá Castelo, para o decorrer de actividades e exposições; promover visitas guiadas ao bairro; criar uma loja social (FAVA RIIIIICA) para a venda a baixo custo de produtos novos ou usados; incentivar a produção e venda de peças, em oficinas e lojas de bairro, por parte dos moradores e designers convidados.⁷⁵ No fim, foi possível realizar as seguintes actividades: oficinas de arquitectura para as crianças do 1º ciclo do Ensino Básico da Escola EB1 nº10 do Castelo; oficinas temáticas com o objectivo de estimular o desenvolvimento de capacidades em diferentes áreas artísticas, como o desenho, a escrita, a costura, o design e a poesia; feiras abertas para a venda de produtos caseiros, artesanais, velharias, ou especialidades do comércio local; festas comunitárias do bairro; debates e seminários; sessões de cinema ao ar livre; e exposições temporárias para divulgar a história do castelo e as suas tradições.

⁷² - “Fundo de Arquitectura Social: Associação . Ser Sócio”. [<http://fundoarquitecturasocial.pt/index.php/fas/associacao/2/>].

⁷³ - “Fundo de Arquitectura Social: Moralá Castelo . Projecto de Requalificação Urbana do Bairro do Castelo e Zona Envolvente, Lisboa”. [<http://fundoarquitecturasocial.pt/index.php/projectos/projecto/>].

⁷⁴ - “Ciclo e Regras do Programa BIP/ZIP Lisboa 2014 - Parcerias Locais”. Câmara Municipal de Lisboa. [<http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1396281874D6kDG7ikOSx71VT6.pdf>].

⁷⁵ - “Fundo de Arquitectura Social: Moralá Castelo . Projecto de Requalificação Urbana do Bairro do Castelo e Zona Envolvente, Lisboa”. [<http://fundoarquitecturasocial.pt/index.php/projectos/projecto/>].

45



46



47



imagem 45 - Projecto Morálá Castelo: Intervenção em conjunto com o Frame Colectivo. Fotografia do Fundo de Arquitectura Social (2014). [<https://www.facebook.com/255760977893363/photos/a.255770464559081.1073741828.255760977893363/479250268877765/?type=3&theater>].

imagem 46 - Projecto Morálá Castelo: Intervenção em conjunto com o Frame Colectivo. Fotografia do Fundo de Arquitectura Social (2014). [<https://www.facebook.com/255760977893363/photos/a.255770464559081.1073741828.255760977893363/477602132375912/?type=3&theater>].

imagem 47 - Projecto Morálá Castelo: Intervenção em conjunto com o Frame Colectivo. Fotografia do Fundo de Arquitectura Social (2014). [<https://www.facebook.com/255760977893363/photos/a.255770464559081.1073741828.255760977893363/477602129042579/?type=3&theater>].

AGIR dinamizando espaços

As actividades contaram com a ajuda da comunidade de moradores e com a participação de outras equipas, como o colectivo Warehouse, que colaborou na exposição das Marchas do Castelo.⁷⁶ Em 2014, a equipa do FAS foi contactada pelo colectivo Frame que pretendia intervir no Pátio Dom Fradique, localizado nas traseiras de um antigo palácio que tem ligação directa ao Castelo de São Jorge.

Em conjunto, deram início a um programa cultural que incluía diversas actividades, como “workshops de teatro de máscaras e de fornos solares, um mercado de intercâmbios, sessões de cinema ao ar livre e uma performance de AHO! realizada pelo Theatre Fragile”.⁷⁷

“Mesmo que por um curto período de tempo, o uso do pátio mudou devido ao mobiliário urbano instalado pela equipa. As pessoas passaram a poder sentar-se, descansar e desfrutar a sombra das árvores e a maravilhosa vista tanto do rio como das ruínas”.⁷⁸

Em Portugal, existem alguns espaços descaracterizados e lugares obsoletos e deteriorados nos centros das cidades, onde se tem sentido alguma dificuldade em intervir por falta de investimento económico.

Numa entrevista realizada ao Ateliermob, debatia-se a questão da crise económica e de que maneira tinha afectado o trabalho do atelier.

Tiago Mota Saraiva confessou: “a nossa questão fundamental era: somos ou não somos precisos? É que se não somos, não valemos a pena e, na verdade, nós percebíamos que a arquitetura, os arquitetos são precisos”.⁷⁹

O trabalho do FAS demonstra isso mesmo. A visão do arquitecto é essencial para transformar o espaço e salientar as suas características positivas.

De um momento para outro, um lugar aparentemente sem vida pode tornar-se estimulante. E, com o apoio de entidades privadas e públicas, de câmaras municipais ou da candidatura a financiamentos, essas reabilitações são possíveis.

Muitos centros urbanos são desvalorizados, porque a população que os habita encontra-se envelhecida e existe uma necessidade de dinamizar os espaços: criar actividades, interessar as pessoas pelo lugar e promover a interacção com o mesmo.

Assim como o colectivo Frame, o FAS visa uma prática de arquitectura multidisciplinar. Fazer arquitectura não significa apenas construir algo.

A arquitectura rodeia-nos, caracteriza as nossas cidades e faz parte do nosso valor histórico e cultural. Por esse motivo, faz sentido preservá-la e reabilitá-la quando for necessário e possível, mesmo que essa intervenção passe pela realização das mais diversas actividades.

⁷⁶ – “Colectivo Warehouse: Espaço Expositivo - Marchas do Castelo”. [<http://warehouse.pt/cO22-pt.html>].

⁷⁷ – “Frame Colectivo: Pátio Dom Fradique”. [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/patio-dom-fradique/>].

⁷⁸ – “Frame Colectivo: Pátio Dom Fradique”. [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/patio-dom-fradique/>].

⁷⁹ SARAIVA, Tiago Mota (entrevistado). in – “Bairros da Prodac”. Espaços & Casas nº 343 | SIC Notícias. [<https://vimeo.com/148073113>].



48

AGIR com poucos recursos

escassez

5 JARDINS DE INFÂNCIA

Colectivo Mel

Ana Baptista, Hugo Dourado

LOCAL E DATA

Guiné Bissau . 2014 - 2016

PARA QUEM

Crianças da comunidade

CONTEXTO

Construção de 5 Jardins de Infância apoiada pela FEC - Fé e Cooperação, ONG

OBJECTIVO

Proporcionar um lugar de aprendizagem para as crianças da comunidade; promover a educação e o ensino

PROCESSO PARTICIPATIVO

Trabalho realizado em conjunto com um construtor local

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Habitantes locais

FINANCIAMENTO

Público (União Europeia) e Privado (Instituto Camões)

49



50



51



imagem 2 - Colectivo Mel - 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau: Construção da estrutura. Fotografia do Colectivo Mel. [<http://colectivomel.com/5-Jardins-de-Infancia-na-Guine-Bissau>].

imagens 3 - 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau: Projecto final. Fotografia do Colectivo Mel. [<http://colectivomel.com/5-Jardins-de-Infancia-na-Guine-Bissau>].

imagens 4 - 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau: Projecto final. Fotografia do Colectivo Mel. [<http://colectivomel.com/5-Jardins-de-Infancia-na-Guine-Bissau>].

AGIR com poucos recursos

O Colectivo Mel dos arquitectos Hugo Dourado e Ana Baptista pretende “dar o apoio técnico a quem dele necessite, motivar a apropriação da cidade pelos cidadãos, das casas pelos seus moradores, motivar a ação individual e em comunidade”.⁸⁰

A metodologia de trabalho passa por analisar o lugar onde se vai intervir e encontrar soluções, trabalhando de forma consciente e responsável, respeitando o ambiente e as pessoas.

O Atelier Ambulante é uma iniciativa do Colectivo Mel, que os faz deslocar-se, sair da sua zona de conforto, exercer arquitectura em diferentes contextos e fazer a diferença, utilizando o conhecimento técnico que têm.

No decorrer de uma viagem à Guiné-Bissau, os dois arquitectos aperceberam-se da necessidade de serem construídos cinco Jardins de Infância e aceitaram o desafio. “A educação para a infância é praticamente iniciada com este projecto”.⁸¹

O projecto foi realizado em parceria com a organização não-governamental FEC, Fé e Cooperação, e financiado pelo Instituto Camões.

“Todo o projecto está pensado no sentido de implicar a comunidade desde o primeiro momento da concepção até à materialização da proposta, tendo em vista a apropriação e identificação dos utilizadores com o equipamento que propomos”.⁸²

O Jardim, preparado para receber 100 crianças, em dois turnos de 50, desenvolve-se segundo o eixo Norte/Sul. A sua orientação resulta da procura por uma disposição que permita controlar a incidência dos raios solares nas fachadas de maior dimensão.

“Os espaços maioritariamente abertos e cobertos favorecem a ventilação e evitam o sobreaquecimento.

A grande cobertura inclinada protege a estrutura no período das chuvas.

A implantação obedece também a critérios de integração com os edifícios pré-existentes, além de promover o controlo dos espaços exteriores, dando forma ao terreno relativo ao espaço escolar. Pretende-se respeitar a Natureza integrando, sempre que possível, as árvores pré-existentes e aproveitando o seu sombreamento como parte integrante do projecto”.⁸³

Os sistemas construtivos e os materiais utilizados refletem as tradições e o conhecimento empírico local.

A estrutura, que dá forma ao espaço e suporta a cobertura de colmo, é constituída por perfis de ferro e madeira e está preparada para “receber tanto telha como chapa zincada no futuro, segundo a decisão da comunidade”.⁸⁴

Todas as decisões de projecto têm em vista a economia de recursos, a durabilidade e a sustentabilidade dos espaços.

⁸⁰ – “Sobre o Colectivo MEL”. [<http://colectivomel.com/sobre-colectivoMEL>].

⁸¹ BAPTISTA, Ana; DOURADO, Hugo. in PINTO, Mariana – “Os cinco infantários e outros sonhos de dois arquitectos na Guiné-Bissau”. Público (12/06/2016). [<http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/20757/os-cinco-infantarios-e-outros-sonhos-de-dois-arquitectos-na-guine-bissau>].

⁸² – “Colectivo Mel: 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau”. [<http://colectivomel.com/5-Jardins-de-Infancia-na-Guine-Bissau>].

⁸³ “Colectivo Mel: 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau”. [<http://colectivomel.com/5-Jardins-de-Infancia-na-Guine-Bissau>].

⁸⁴ “Colectivo Mel: 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau”. [<http://colectivomel.com/5-Jardins-de-Infancia-na-Guine-Bissau>].

52



53



54



imagem 52 - Colectivo Mel - 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau: Projecto final. Fotografia do Colectivo Mel. [<https://www.facebook.com/1704405723167828/photos/a.1704416559833411.1073741828.1704405723167828/1754561431485590/?type=3&theater>].

imagens 53 - Ecoturismo I. Fotografia do Colectivo Mel. [<http://colectivomel.com/Ecoturismo-I>].

imagens 54 - Ecoturismo I. Fotografia do Colectivo Mel. [<http://colectivomel.com/Ecoturismo-I>].

AGIR com poucos recursos

Por esse motivo, as opções construtivas devem resolver e evitar problemas, como o “sobreaquecimento ou as inundações, a invasão de térmitas e a degradação e consequente abandono, originados pela utilização e pelas fortes características climáticas”.⁸⁵

Em locais onde se vivem situações de pobreza e de escassez é necessário haver uma certificação prévia da existência e da disponibilidade dos materiais a utilizar. Em casos extremos, a aquisição de novos materiais não é de todo possível. Esta é uma condicionante que limita à utilização apenas dos recursos presentes.

Em Portugal, a equipa tem realizado, principalmente, projectos de reabilitação; na Guiné Bissau, além da construção dos jardins de infância, projectou um parque urbano e casas de ecoturismo.

Numa entrevista realizada pela Critical Concrete, Hugo Dourado e Ana Baptista dizem que, apesar de terem planeado construir os jardins de infância em conjunto com a comunidade, havia prazos a cumprir e levaria muito tempo a terminar o projecto desse modo. Por isso, trabalharam com um construtor local.⁸⁶

Porém, foi possível desenvolver o projecto das casas de ecoturismo em conjunto com os habitantes locais, que se disponibilizaram para receber o Colectivo Mel e lhes mostraram as técnicas e os materiais utilizados na construção das suas casas.

“A Arquitectura deve contar a história de como se vive. Dos materiais, das técnicas e das vivências”.⁸⁷

Os projectos do Colectivo revelam uma atitude de aprendizagem mútua. A equipa procura transmitir os seus conhecimentos às comunidades por onde vai passando, ao mesmo tempo que aprende também. É interessante perceber como a experiência do Colectivo Mel se assemelha à de Filipe Balestra, um arquitecto de origem portuguesa, que apresentou o seu trabalho final de estudos na Noruega sobre a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Este projecto esteve ainda presente na exposição Tanto Mar, do Ateliermob.

“«Fui preparado para desenhar, para fazer maquetes. É isso que aprendemos na universidade. Os arquitectos não se envolvem nas diferentes fases da construção.» O que encontrou na Rocinha não encontrou em nenhuma sala de aula. E o que a Rocinha lhe deu nenhum professor lhe dará: «Quando cheguei percebi logo que as pessoas não tinham qualquer interesse pelos desenhos. A comunicação através do papel não tem lugar ali. Ali são as palavras que contam, a comunicação oral é a única que faz sentido. Então coloquei a caneta e o papel de lado e comecei a falar com as pessoas, a ouvi-las”.⁸⁸

O arquitecto deve saber ouvir e comunicar as suas ideias.

⁸⁵ - “Colectivo Mel: 5 Jardins de Infância na Guiné-Bissau”. [<http://colectivomel.com/5-Jardins-de-Infancia-na-Guine-Bissau/>].

⁸⁶ BAPTISTA, Ana; DOURADO, Hugo. in - “Introducing: Colectivo Mel”. Critical Concrete. [<http://criticalconcrete.com/introducing-colectivo-mel/>].

⁸⁷ - “Colectivo Mel: Ecoturismo I”. [<http://colectivomel.com/Ecoturismo-I/>].

⁸⁸ BALESTRA, Filipe. in - “O arquitecto das favelas”. [<http://www.arquitectura.pt/forum/forums/topic/9532-filipe-balestra-dossier/>].



55

AGIR construindo abrigos

emergência

CROSS HANDS HUMAN SHELTER

Cross Hands Architecture
Ângela Pinto, Ana Lacerda

LOCAL E DATA

Campos de refugiados pelo mundo . 2015

PARA QUEM

Refugiados que procuram asilo

CONTEXTO

Projectos de abrigo como resposta a situações de emergência

OBJECTIVO

Proporcionar condições mínimas de habitabilidade; melhorar a qualidade de vida das pessoas em campos de refugiados; despertar uma consciência humanitária nos cidadãos

PROCESSO PARTICIPATIVO

Participação em concursos internacionais; desenvolvimento de ideias

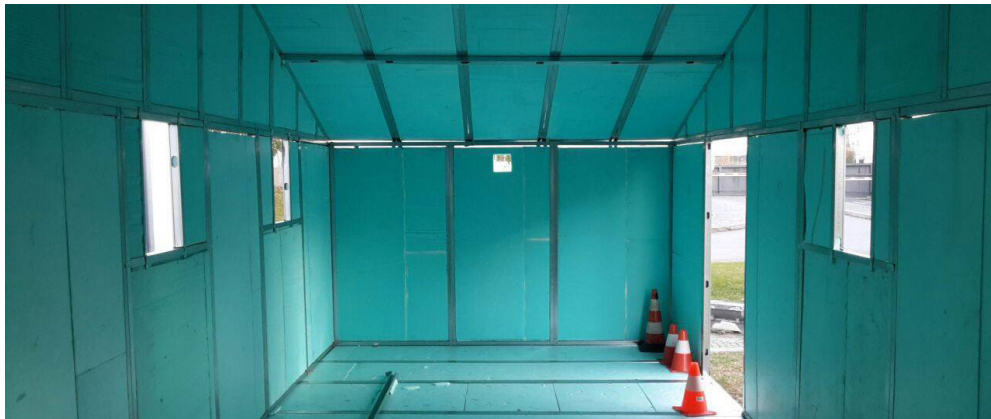
REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Procuram o envolvimento de organizações humanitárias

FINANCIAMENTO

-

56



57



58



imagem 56 - Primeiro protótipo do projecto C.H. Human Shelter. Fotografia do atelier Cross Hands Architecture. [<https://www.facebook.com/crosshandsarchitecture/photos/a.1461153130844472.1073741834.1453190168307435/1515075485452236/?type=3&theater>].

imagem 57 - Primeiro protótipo do projecto C.H. Human Box. Imagem enviada por e-mail pelo atelier Cross Hands Architecture.

imagem 58 - Modelo tridimensional do projecto C.H. Human Shelter: Possível implementação em meios urbanos. Imagem enviada por e-mail pelo atelier Cross Hands Architecture.

AGIR construindo abrigos

Ângela Pinto e Ana Lacerda são duas arquitectas portuguesas que decidiram criar o atelier Cross Hands Architecture com o objectivo de promover os direitos humanos dos refugiados.⁸⁹

Este atelier trabalha na procura de soluções adequadas a situações de emergência e criar condições de habitabilidade para as vítimas de catástrofes, guerra ou pobreza. Direccionado apenas para as questões humanitárias, o atelier divulga ainda a mensagem de que cada pessoa, através da sua ação, tem a possibilidade de contribuir para um mundo mais solidário. Neste momento, desenvolvem dois projectos: C.H. Human Shelter e C.H. Human Box.

C.H. Human Shelter é um abrigo pensado para os refugiados que habitam os campos. C.H. Human Box consiste numa espécie de mochila, ou cápsula, para transporte de objectos de sobrevivência essenciais, destinado às famílias que se deslocam com destino à Europa.

Ter um lugar para viver com condições de habitabilidade dignas é uma necessidade básica do ser humano. Por isso, o tema do abrigo de emergência tem sido muito desenvolvido.

Arquitectos e designers têm procurado dar resposta a esta situação através de soluções sustentáveis e económicas que, com relativa rapidez, possam auxiliar as necessidades das pessoas.

“Existem mais de 19 milhões de refugiados em todo o mundo e a questão de como acomodá-los em comunidades existentes continua a ser um desafio (...)”.⁹⁰

Em Junho de 2016, o projecto da equipa foi um dos 25 seleccionados no concurso What Design Can Do - Refugee Challenge, promovido pela organização UNHCR e a Innovation IKEA Foundation.⁹¹

“O desafio focava-se especificamente na situação de refugiados localizados em áreas urbanas, uma vez que aproximadamente 60 por cento dos 20 milhões de refugiados do mundo vive agora em áreas urbanas”.⁹²

No concurso foram premiados cinco projectos, tendo sido submetidos, ao todo, 631 trabalhos.⁹³

O projecto desenvolvido pelo atelier Cross Hands Architecture, ao partir de um acto voluntário, é um exemplo de como o trabalho de arquitectura de hoje tem acompanhado, de facto, as transformações que ocorrem na sociedade. A equipa trabalha sem cliente, nem financiamento.

Assim, o primeiro passo consiste em apresentar o projecto e esperar que surjam entidades interessadas em investir na sua concretização e desenvolvimento. Por este motivo, o atelier tem participado em concursos que estimulam o desenvolvimento de ideias e soluções de resposta a necessidades de abrigo de emergência.

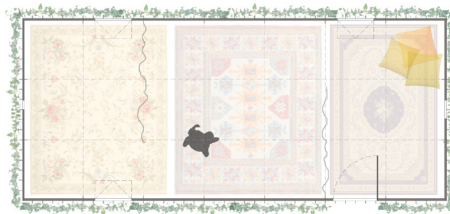
⁸⁹ - “Cross Hands, a arquitetura humanitária”. Indústrias Criativas. [<http://industriascritativas.com/Noticia/Cross-Hands-a-arquitetura-humanitaria/3471>].

⁹⁰ ARAVENA, Alejandro. in FREARSON, Amy - “Seven key topics for the Venice Architecture Biennale 2016”. Dezeen (18/05/2016). [<http://www.dezeen.com/2016/05/18/venice-architecture-biennale-2016-preview-hottest-topics/>].

⁹¹ - “What Design Can Do - A Challenge Too Big for Governments and NGOs Alone”. [<http://www.whatdesigncando.com/challenge/background/>].

⁹² - “What Design Can Do - Refugee Challenge”. [<https://refugeechallenge.unhcrideas.org/Page/Home>].

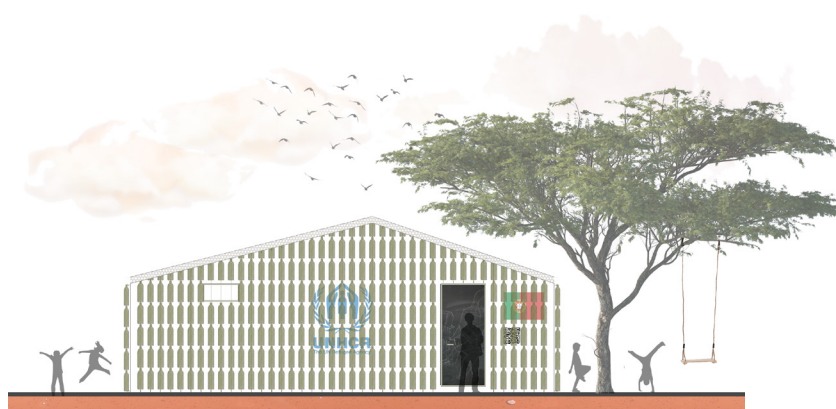
⁹³ - “What Design Can Do - 5 Refugee Challenge Finalists Announced”. [<http://www.whatdesigncando.com/challenge/finalists/>].



59



60



61

imagem 59 - Planta (escala 1/125) do projecto C.H. Human Shelter. Imagem enviada por e-mail pelo atelier Cross Hands Architecture.

imagem 60 - Alçado (escala 1/125) do projecto C.H. Human Shelter em países frios, material: garrafas de água. Imagem enviada por e-mail pelo atelier Cross Hands Architecture.

imagem 61 - Alçado (escala 1/125) do projecto C.H. Human Shelter em países quentes, material: garrafas de vidro. Imagem enviada por e-mail pelo atelier Cross Hands Architecture.

AGIR construindo abrigos

Os dois projectos, C.H. Human Shelter e C.H. Human Box, consideram as questões de sustentabilidade, promovendo a utilização de materiais recicláveis, como garrafas de plástico ou de vidro, o que é muito importante, uma vez que os recursos são limitados e não é possível projectar utilizando materiais dispendiosos ou difíceis de obter.

Em qualquer projecto deste carácter, os custos devem ser muito bem geridos e calculados, apontando sempre para os menores valores, principalmente, quando o financiamento é incerto.

Relativamente ao projecto C.H. Human Shelter, surge uma questão relacionada com a adaptabilidade do espaço. O abrigo, que se localizará num campo de refugiados, deverá ser utilizado por inúmeras pessoas, de várias nacionalidades. Isto sugere que o projecto deva ser simples, para que possa ser, de algum modo, apropriado por pessoas de diferentes culturas. De facto, o modelo estudado pelo atelier tem por base uma simples planta rectangular de 7,57 por 3,35 metros, que resulta de um módulo estrutural que a compõe. Entre cada estrutura vertical existe um espaçamento de 0,95 metros. O espaço pode ser dividido conforme a vontade dos refugiados. A entrada localiza-se num dos lados e, através dos desenhos disponibilizados pela equipa, é possível deduzir que são estudadas cinco aberturas de luz.

Na construção de cada abrigo, o atelier prevê a utilização dos seguintes materiais: barrotes estruturais de madeira, em pinho, para o chão, paredes e cobertura; painéis de cofragem para o revestimento do chão; polipropileno alveolar para o revestimento exterior das paredes e da cobertura; wallmate, como isolamento; contraplacado de madeira para todo o revestimento interior; manga plástica, que permite a impermeabilização do chão e da cobertura; acrílico translúcido, que imita o vidro, a ser aplicado nas janelas; revestimentos de borracha; fechaduras; dobradiças; entre outros pequenos elementos, como parafusos, fitas, cola, ganchos, cabos de aço e grelhas de ventilação.⁹⁴

Actualmente, consoante a localização, a cultura e os recursos disponíveis, os abrigos de emergência podem assumir as mais diversas formas e técnicas construtivas.

A arquitectura de resposta a este tipo de acontecimentos exige que seja feita uma análise de cada situação para se encontrar a solução mais adequada, assegurando a estabilidade emocional, a segurança física e a privacidade das pessoas.

“O abrigo é um mecanismo de sobrevivência em tempos de crise ou deslocamento. É também importante para restabelecer a segurança pessoal, a auto-suficiência e a dignidade”.⁹⁵

⁹⁴ Informação enviada por e-mail, pelo atelier Cross Hands Architecture.

⁹⁵ – “Shelter”. UNHCR. [<http://www.unhcr.org/shelter.html>].



62

AGIR em espaços de transição

formal

LOCALS IN TRANSITION

Colectivo Warehouse

Rúben Teodoro, Ricardo Morais, Sebastião de Botton, Malin Mohr

LOCAL E DATA

Oslo . 2015

PARA QUEM

Refugiados em asilos noruegueses

CONTEXTO

Apresentação de um projecto para espaços de apoio a refugiados na Noruega

OBJECTIVO

Melhorar as condições de habitabilidade das pessoas que procuram abrigo em asilos;
bem como a sua relação com a cidade e a comunidade envolvente

PROCESSO PARTICIPATIVO

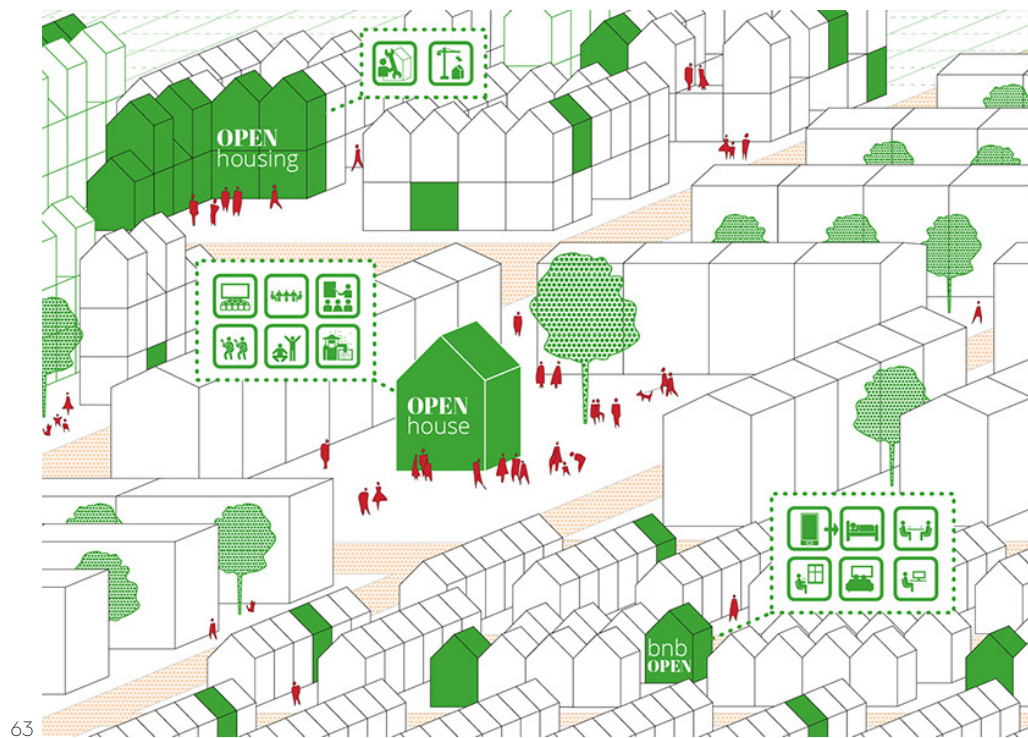
Trabalho com os refugiados para que participem na idealização dos espaços que irão habitar

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Associações locais e representantes do asilo Torshov Transitmottak

FINANCIAMENTO

-



63

AGIR em espaços de transição

O colectivo Warehouse é um “colectivo de arquitectura e arte” que procura actuar e desenvolver projectos de âmbito cultural e social em espaços públicos e privados através do desenho, da intervenção prática e da construção participativa. “Estes projectos apoiam-se em processos de mediação, fomentando a participação, inclusão e apropriação”.⁹⁶

Em 2015, o colectivo participou num concurso da Trienal de Arquitectura de Oslo, onde apresentou o projecto “Locals in transition”, que depende de apoio financeiro para ser concretizado. O projecto tinha como principal objectivo criar uma proposta que, ao partir de uma reflexão sobre a situação específica dos refugiados a viver em asilos noruegueses, particularmente em Torshov Transitmottak, permitisse melhorar as suas condições de vida. Nesse sentido, foi essencial diagnosticar as suas necessidades básicas como indivíduos e como grupo, de acordo com as diferentes faixas etárias e focando as questões de integração social. Para tal, a parceria com sociólogos, antropólogos, autoridades, instituições locais e ajudantes que trabalham no asilo foi de extrema importância, permitindo uma melhor compreensão e avaliação da realidade aí vivida.

Muitas pessoas têm procurado refúgio na Europa, como consequência da guerra nos seus países, e vivem uma situação de extrema fragilidade.

Os “refugiados contam as horas de espera em campos de refugiados improvisados, em modo de sobrevivência colocando as suas vidas em espera. Esta situação perpetua a sensação de “estar em transição”, mesmo quando chegam aos destinos desejados”.⁹⁷

O sentimento de não pertencer a lugar nenhum contribui para a ideia de se viver em transição, uma vez que a passagem pelos abrigos é sempre efémera.

“Depois de algumas conversas com o asilo Torshov Transitmottak identificamos que o grupo alvo da intervenção são adolescentes entre 15 e 18 anos de idade. A estadia de cada refugiado varia entre duas semanas a dois meses”.⁹⁸

Deste modo, a equipa procurou, no âmbito da arquitectura, utilizar ferramentas que proporcionam o conforto e a apropriação dos espaços.

“Para um refugiado a viver numa situação transitória, o quarto torna-se a sua casa. A sua cama o seu castelo, e as suas coisas são guardadas num cacifo como tesouros num cofre”.⁹⁹

Para facilitar a acomodação aos espaços individuais, o colectivo Warehouse apresentou uma proposta de criação de vários modelos de quartos em conjunto com os membros dos asilos.

Esperava ainda que fosse possível construir um mural para que os diferentes modelos criados pudessem ser afixados e permanecer em exposição.

⁹⁶ – “Colectivo Warehouse: Sobre”. [<http://www.warehouse.pt/sobre.html>].

⁹⁷ – “Colectivo Warehouse: Locals in transition”. [<http://warehouse.pt/wO31-pt.html>].

⁹⁸ – “Colectivo Warehouse: Locals in transition”. [<http://warehouse.pt/wO31-pt.html>].

⁹⁹ – “Colectivo Warehouse: Locals in transition - painel de apresentação 1.2”. [<http://warehouse.pt/wO31-pt.html>].

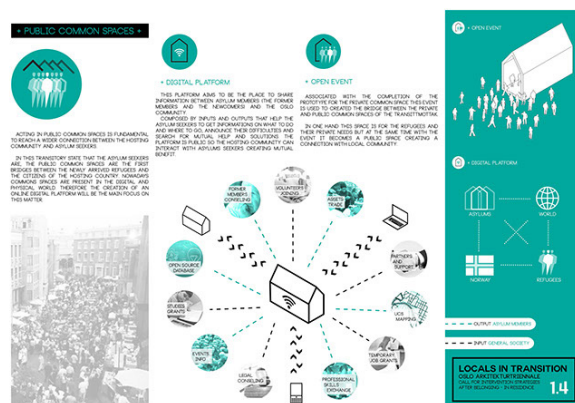
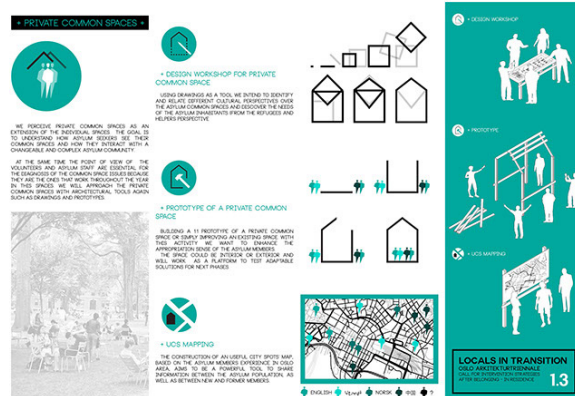
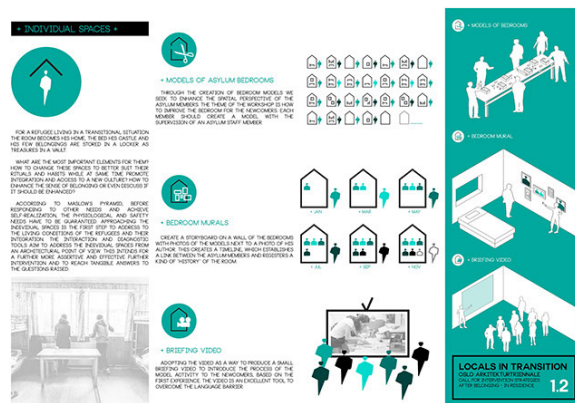


imagem 64 – Locals in transition: Projecto para a cidade de Oslo, Noruega. Painei 1.2. Fotografia do Colectivo Warehouse (2015). [<http://warehouse.pt/w031-pt.html>].

imagem 65 – Locals in transition: Projeto para a cidade de Oslo, Noruega. Painel 1.3. Fotografia do Colectivo Warehouse (2015). [<http://warehouse.pt/wO31-pt.html>].

imagem 66 – Locals in transition: Projeto para a cidade de Oslo, Noruega. Painei 1.4. Fotografia do Colectivo Warehouse (2015). [<http://warehouse.pt/wO3-pt.html>].

AGIR em espaços de transição

Quanto aos espaços privados comuns, pretendia organizar workshops para envolver as pessoas no design e na concepção destas áreas.

Nos espaços públicos comuns dos asilos, para promover a interacção social, esperava criar plataformas digitais e dinamizar eventos e actividades.

A pedido do concurso, estas plataformas e a eventual criação de um “guia da cidade”¹⁰⁰ seriam essenciais para que fosse possível, não só, criar uma rede de comunicação entre os refugiados, que lhes permitisse partilhar as suas experiências, mas também contribuir para um melhor integramento das pessoas na comunidade, tentando ultrapassar a narrativa do “nós” e “eles”.

Para Esta proposta não , mas de acordo mas não é uma ideia que foi completamente descartada

De facto, o sentido de apropriação é muito importante para qualquer pessoa, principalmente em relação ao espaço que habita. Quem procura abrigo por tempo indeterminado precisa desse sentimento também, o sentimento de pertencer a um lugar. Para tal acontecer, deve existir um elo afectivo entre a pessoa e o ambiente físico, uma preocupação presente no trabalho do colectivo.

Sophie Findler, uma estudante de arquitectura em Oxford, passou seis meses a analisar os campos de refugiados no Norte de França.

Na sequência do seu trabalho, Sophie lembra: “também é importante recordar que as pessoas a viver nestas condições miseráveis já viveram em casas adequadas, e tencionam fazê-lo de novo. Por esse motivo, acredito que arquitectos e designers e a sua capacidade de pensar em soluções transformáveis devem ser incluídos no processo dos projectos de abrigo para estes campos. (...) Os abrigos devem ser desenhados para quebrar rotinas diárias e possibilitar aos seus utilizadores a liberdade para individualmente habitarem o espaço”.¹⁰¹ As pessoas que se distanciam das suas casas dificilmente se adaptam com algum conforto a novos lugares.

“O arquiteto pode contribuir para criar um ambiente que ofereça diversas oportunidades para as pessoas fazerem as suas próprias transformações e se identificarem com o espaço, de forma a que possa ser apropriado e interpretado por todos como o lugar que verdadeiramente lhes ‘pertence’”.¹⁰²

A razão pela qual a proposta do colectivo Warehouse se baseia num processo de design participativo é precisamente pela ideia de que ao incluir os refugiados na concepção dos seus espaços, eles se irão identificar muito mais com o projecto. No fundo, é dar-lhes a oportunidade de sentirem que alguma coisa lhes pertence verdadeiramente, depois de terem perdido tudo.

¹⁰⁰ - “Asylum and Shelter Provision in Torshov, Oslo”. Oslo Architecture Trienal. [<http://oslotriennale.no/en/torshov>].

¹⁰¹ FINDLER, Sophie. in FAIRS, Marcus - “Camps like the Jungle are an important resource for all urban professionals to study”. Dezeen (9/03/2016). [<http://www.dezeen.com/2016/03/09/interview-sophie-flinder-refugee-camp-calais-france-jungle-architects-planners/>].

¹⁰² HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: OIO Publishers, 2009, p.47.



67

AGIR pressupõe conhecer o lugar

emergência

AS CIDADES INVISÍVEIS DE DADAAB

Maria Neto

LOCAL E DATA

Dadaab . 2015 - 2016

PARA QUEM

Refugiados a habitar o campo de Dadaab

CONTEXTO

Estudo sobre os cinco campos de refugiados de Dadaab

OBJECTIVO

Análise, registo e divulgação, através de um suporte escrito, da situação de vida das pessoas que habitam os campos

PROCESSO PARTICIPATIVO

-

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Refugiados e Associações de apoio humanitário

FINANCIAMENTO

Privado (Prémio Fernando Távora)



68



69



70

imagem 68 - Campo de refugiados de Dagahaley, em Dadaab, no Quênia. Fotografia da UNHCR. [<https://worldhelp.net/road-to-dadaab/>].

imagem 69 - Campo de refugiados de Dagahaley, em Dadaab, no Quênia. Fotografia da UNHCR. [<http://www.msf.ch/news/recits-de-mission/detail/kenya/recit-de-mission-dr-mohammed-gedi/>].

imagem 70 - Campo de refugiados em Dadaab, no Quênia: Vista aérea. Fotografia de Mitchell Sipus [<http://www.thehumanitarianspace.com/p/dadaab.html>].

AGIR pressupõe conhecer o lugar

Maria Neto é uma arquitecta portuguesa que, em Outubro de 2010, iniciou o programa de Doutoramento em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP). Neste momento, é também investigadora na área da arquitectura de emergência.

Com o objectivo de estudar o papel do arquitecto na delineação de estratégias de abrigo e planeamento de emergência, apresentou, em 2016, um plano de investigação sobre o complexo campo de refugiados situado na cidade de Dadaab, no Quénia, próximo da fronteira com a Somália. Aqui, num dos maiores campos do mundo, vivem entre 350 mil a 500 mil pessoas.

Aberto em 1992, o campo tencionava ser um lugar de transição para os cidadãos somalis que fugiam da guerra civil no seu país. Por esse motivo, os abrigos apresentam um carácter efémero: as paredes foram construídas a partir de galhos cortados dos arbustos em redor. Algumas coberturas são metálicas, mas, na maioria, são feitas a partir de pedaços de lona de antigas tendas.¹⁰³

As janelas são quase sempre inexistentes e as portas são formadas a partir de blocos de madeira ou recipientes metálicos. Entre os abrigos construídos não existe muito espaço, apenas um estreito corredor. Em termos de altura, são geralmente muito baixos.

O projecto “As cidades invisíveis de Dadaab” ganhou o Prémio Fernando Távora e Maria Neto recebeu uma bolsa de seis mil euros que lhe permitiu viajar para Dadaab, onde permaneceu durante mais de dois meses para estudar os cinco campos de refugiados: Dagahaley, Hagadera, Ifo, Ifo II e Kambioos.

“Partindo em grande parte do reconhecimento de que a maioria dos refugiados e deslocados do mundo estão nas chamadas situações prolongadas (6 a 17 anos), onde permanecem em campos por tempo indeterminado e dependentes de assistência humanitária; o crescente número de crises humanitárias e a natureza mutável do deslocamento em massa reforçam, cada vez mais, a necessidade de estudos destas novas estruturas socio-espaciais, que se comportam como ‘cidades’ contingentes insustentáveis. Esta viagem nasce assim de uma vontade de trazer à luz destes territórios invisíveis e de contribuir para propostas alternativas de abordar a intervenção de emergência, alterando a elementaridade com que esta é interpretada do ponto de vista da Arquitectura e Planeamento, desmistificando o problema da permanência e afirmando uma nova forma de pensar a Arquitectura de Emergência contribuindo para a afirmação do direito à cidade e para a melhoria das condições de vida de milhões de pessoas”.¹⁰⁴

¹⁰³ WESANGULA, Daniel – “Dadaab: the city you cannot leave”. The Guardian (1/02/2016). [<https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/feb/01/dadaab-somalia-home-cannot-leave-refugees>].

¹⁰⁴ NETO, Maria. in – “Arquitecta Maria Neto vence 11ª edição Prémio Fernando Távora”. Ordem dos Arquitectos (2016). [<http://www.oasrn.org/cultura.php?id=457>].



71



72



73

imagem 71 - Casas de adobe construídas com loja no meio, no campo de refugiados de Ifo II em Dadaab, Quênia: A pequena Califórnia. Fotografia de Catherine-Lune Grayson (2008). [<http://tantomar.pt/projecto/a-pequena-california/>].

imagem 72 - Fabrico de telhados, no campo de refugiados de Ifo II em Dadaab, Quênia: A pequena Califórnia. Fotografia de Catherine-Lune Grayson (2008). [<http://tantomar.pt/projecto/a-pequena-california/>].

imagem 73 - Fabrico de tijolos de adobe e casa construída com vegetação em vias de extinção na região, no campo de refugiados de Ifo II em Dadaab, Quênia: A pequena Califórnia. Fotografia de Catherine-Lune Grayson (2008). [<http://tantomar.pt/projecto/a-pequena-california/>].

AGIR pressupõe conhecer o lugar

Actualmente, a globalização e a possibilidade de participar em concursos de arquitectura internacionais permitem o planeamento de projectos em qualquer lugar do mundo.

Porém, o arquitecto encontra, certamente, dificuldades quando o contacto com o lugar é nulo e o conhecimento sobre a sua realidade muito escasso. Por esse motivo, a experiência da viagem aparece como indissociável do conhecimento, da prática de arquitectura e da vida.

“Um projecto de arquitectura reside na viagem e no recolhimento de um aprender-conhecer para transformar a realidade que o provoca, que o desperta, que o informa. Incêndio, clarão, cinza, em movimento, em repouso, um projecto de arquitectura faz-se conhecimento, memória, destino, paixão”.¹⁰⁵

A viagem de Maria Neto a Dadaab faz todo o sentido, uma vez que procura agir num território tão distante, não apenas do ponto de vista físico, mas em termos de valores culturais. Apenas assim é possível conhecer a realidade das pessoas que habitam os campos, avaliar e compreender as suas necessidades. Trata-se efectivamente de um aprender-conhecer.

Os campos de refugiados implicam uma constante transformação no território, que se traduz numa fragilidade do habitar nesses espaços. Sem a experienciar, torna-se difícil encontrar a solução adequada.

Porque as circunstâncias do presente podem rapidamente mudar, a incerteza e a falta de predictabilidade dificultam também a integração das pessoas nos campos. Geralmente, os abrigos de resposta a situações de emergência destinam-se a ser inseridos em campos de refugiados, que têm vindo a crescer e a albergar cada vez mais pessoas.

Por vezes, o seu desenvolvimento permite-lhes ganhar uma certa autonomia, quase como se adquirissem as mesmas características de uma cidade.

“Em média, as pessoas acabam por viver num campo de refugiados durante 17 anos. Isso representa uma geração. (...) No médio Oriente, nós construímos campos: garantindo facilidades às pessoas. Os refugiados construíam cidades”.¹⁰⁶

Os arquitectos agem de acordo com aquela que acreditam ser a necessidade urgente das pessoas, intervém e criam abrigos de emergência para as acomodar. Porém, a realidade de Dadaab, onde as pessoas permanecem em situações de estadia prolongada reforça a necessidade de se estudarem estas novas estruturas. A certa altura, este deixa de se tratar apenas de um caso de emergência, mas sim habitacional.

Da investigação de Maria Neto, no âmbito da viagem a Dadaab, espera-se a publicação de um livro para que a informação que recolheu seja divulgada e possa ser útil no futuro.

¹⁰⁵ MENDES, Manuel - “FAUP: Teoria 2”. [https://sigarra.up.pt/faup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=38748].

¹⁰⁶ KLEINSCHMIDT, Kilian. in RADFORD, Talia - “Refugee camps are the “cities of tomorrow” says humanitarian-aid expert”. Dezeen (23/11/2015). [<https://www.dezeen.com/2015/11/23/refugee-camps-cities-of-tomorrow-kilian-kleinschmidt-interview-humanitarian-aid-expert/>].



74

AGIR ensinando

informal

SUMMER SCHOOL

Critical Concrete

Samuel Kalika, Juliana Trentin, Laura Koch, Pedro Leitão

LOCAL E DATA

Porto . 2016

PARA QUEM

Habitantes da cidade do Porto

CONTEXTO

Projectos de intervenção participativa em habitação e espaços da cidade

OBJECTIVO

Criar condições de aprendizagem de técnicas construtivas, direccionadas para os jovens

PROCESSO PARTICIPATIVO

Os alunos da escola de verão participam na reabilitação dos espaços propostos

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

Habitantes locais

FINANCIAMENTO

Privado (Propinas pagas pelos estudantes)

75



76



77



imagem 75 - Escola de Verão: Centro de produção de Francos - Co-building, Co-working, Co-living. Fotografia da Critical Concrete (2016). [<http://criticalconcrete.com/co-lateral/#!>].

imagem 76 - Projecto piloto: Escola de Verão. Fotografia da Critical Concrete (2016). [<http://criticalconcrete.com/practice-of-social-architecture-our-pilot-project/>].

imagem 77 - Projecto piloto: Escola de Verão. Fotografia da Critical Concrete (2016). [<http://criticalconcrete.com/practice-of-social-architecture-our-pilot-project/>].

AGIR ensinando

Critical Concrete é um projecto que surgiu em 2015.¹⁰⁷ A iniciativa partiu de uma equipa constituída por arquitectos, designers, mas também por jovens de outras áreas e de diferentes nacionalidades, que pretendiam intervir em espaços da cidade do Porto, com o objectivo de os requalificar.

Neste sentido, a equipa cria actividades teóricas e práticas, dinamizadas em workshops, durante os meses de verão, que proporcionam uma experiência de arquitectura, arte e design adaptada a cada contexto social.

Todos os que participam podem, deste modo, adquirir conhecimentos práticos através de um método de ensinar e aprender alternativo.

Uma das características fundamentais é a participação activa no desenho e na construção de todos os elementos do projecto. Por tanto valorizar esse trabalho manual, a Critical Concrete tem realizado vários workshops de construção de mobiliário em madeira e metal, tanto para espaços privados, como para espaços urbanos.

Todos os projectos contam com a colaboração dos habitantes locais.

O interesse em dinamizar a vida das pessoas reflecte-se também no apoio a várias actividades orientadas para a comunidade, como projecção de filmes, jogos de futebol e realização de bailes e mercados.

A escola de verão criada pela equipa da Critical Concrete tem a duração de três semanas e é uma oportunidade para os jovens, portugueses e estrangeiros, poderem aprender sobre o tema da arquitectura sustentável e aplicar os seus conhecimentos.¹⁰⁸

Durante o verão de 2016, o programa decorreu simultaneamente em dois lugares: numa casa inabitada de uma ilha no Bonfim e num edifício em Francos.¹⁰⁹

Em Abril de 2016, a equipa contactou a Junta de Freguesia do Bonfim, que deu início ao programa Habitar¹¹⁰ (desenvolvido em parceria com o Serviço de Urbanismo da Câmara Municipal do Porto), para seleccionar a casa onde iria decorrer o projecto. O programa Habitar oferece aconselhamento técnico, jurídico e burocrático aos proprietários de edifícios abandonados, para que possam iniciar um processo de reabilitação e alugar as suas casas, a preço justo, como habitação social.

Para ajudar os proprietários que não têm possibilidade de financiar o processo de construção e remodelação das suas casas, a Critical Concrete actua através do programa da escola de verão.

Quarenta participantes transformaram, assim, uma pequena casa do final do século XIX, de 37m², que não tinha condições básicas, como água, isolamento e instalações sanitárias, num espaço habitável.

¹⁰⁷ - "Critical Concrete: About Us". [<http://criticalconcrete.com/about/>].

¹⁰⁸ - "Critical Concrete: Summer School Programme". [<http://criticalconcrete.com/summer-camp/programme/>].

¹⁰⁹ - "Critical Concrete: Summer School 2016". [<http://criticalconcrete.com/category/summer-school-2016/>].

¹¹⁰ - "Habitar Porto - Quem Somos". [<https://habitarporto.org/about/>].

78



79



80



imagem 78 - Escola de Verão: Centro de produção de Francos - Co-building, Co-working, Co-living. Fotografia da Critical Concrete (2016). [<http://criticalconcrete.com/co-lateral/#!>].

imagem 79 - Projecto piloto: Escola de Verão. Fotografia da Critical Concrete (2016). [<http://criticalconcrete.com/practice-of-social-architecture-our-pilot-project/>].

imagem 80 - Projecto piloto: Escola de Verão. Fotografia da Critical Concrete (2016). [<http://criticalconcrete.com/practice-of-social-architecture-our-pilot-project/>].

AGIR ensinando

Após a remodelação, a casa passou a ter um sistema de eletricidade, água canalizada e os seguintes espaços: uma cozinha, uma casa de banho, um espaço de estar e um quarto com isolamento. A aposta numa construção ecológica e sustentável reflecte-se no uso de materiais como a cortiça, um recurso natural com bastante presença em Portugal, mas também na instalação de um sistema de aquecimento de água alimentado a energia solar.

O edifício em Francos, que pertencia anteriormente à Paróquia da Nossa Senhora da Boavista, foi remodelado e transformado num centro de produção, sob o nome de Co-Lateral.¹¹¹

Actualmente, possui um espaço de trabalho, uma sala de reuniões ou eventos, um atelier para construção em madeira, com ferramentas manuais e eléctricas, e um espaço de habitação, com quartos, cozinha e casas de banho partilhadas. Todos estes espaços podem ser alugados aos que pretenderem utilizar as suas instalações.

Durante as semanas em que é realizada a escola de verão, vários arquitectos e colectivos de arquitectura portugueses e estrangeiros são convidados a participar como mentores.

O que têm em comum é a elaboração e o envolvimento em projectos de arquitectura participativa que advém de uma preocupação social.

No ano de 2016, a Critical Concrete pôde contar com a participação do colectivo Warehouse; Skrei, “uma oficina de projecto, construção e produção artística”¹¹²; Arrebita! Porto; Bellastock, uma plataforma multidisciplinar criada em 2006 na École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville; entre outros.

A equipa da Critical Concrete mantém-se muito activa durante o ano, organizando eventos, workshops, actividades e informando, através da sua plataforma web, sobre técnicas alternativas de construção e divulgando inúmeras soluções ecológicas e sustentáveis, que apelam ao uso de materiais naturais, como canas, cânhamo e terra batida. Durante a quinta sessão do Ciclo de Aulas Abertas – Urbanização da Pobreza: O papel social do arquitecto, a arquiteta Joana Cameiro afirmou: “se fizermos alguma coisa, então faz sentido fazer bem. Então faz sentido fazer algo sustentável, que seja amigo do ambiente”.¹¹³

Esse é o mesmo espírito da Critical Concrete, por saber que a arquitectura de hoje terá um grande impacto na cidade do futuro. Para além disso, é nesse sentido que pretendem educar os jovens que participam no programa de verão e nas várias actividades, porque acreditam que também eles terão um papel importante se despertos e conscientes das questões ambientais.

¹¹¹ – “Critical Concrete: Co-Lateral Production Centre”. [<http://criticalconcrete.com/co-lateral/>].

¹¹² – “Skrei: About”. [<http://skrei.pt/about/>].

¹¹³ CAMEIRA, Joana – Aula aberta: 'Arquitetura nas margens' (Comité Internacional da Cruz Vermelha). Ciclo de Aulas Abertas – Urbanização da Pobreza: O papel social do arquitecto. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (15/12/2016).



81

AGIR criando soluções duradouras

formal

SISTEMA GOMOS NA BIENAL DE VENEZA

Studio Summary
Samuel Gonçalves

LOCAL E DATA
Veneza . 2016

PARA QUEM
Projecto que pode ser aplicado em vários contextos

CONTEXTO
Habitação adaptável

OBJECTIVO
Rentabilizar o processo de construção e proporcionar uma solução que se pode adaptar a várias situações

PROCESSO PARTICIPATIVO
Os clientes podem escolher os módulos em que vão habitar e dispô-los livremente

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE
-

FINANCIAMENTO
Privado



82

AGIR criando soluções duradouras

O sistema Gomos do estúdio Summary consiste numa solução de habitação adaptável e esteve representado na 15ª edição da Bienal de Arquitectura de Veneza, em 2016, dirigida pelo arquitecto Alejandro Aravena e que teve como tema Reporting from the front.

A exposição foi "sobre partilhar, com um público mais amplo, o trabalho das pessoas que estão a examinar o horizonte à procura de novos campos de acção, enfrentando questões como a segregação, a desigualdade, a periferia, o acesso a saneamento, os desastres naturais, a falta de habitação, a migração, a informalidade, o crime, o tráfego, o desperdício, a poluição e a participação das comunidades. E, simultaneamente, será sobre apresentar exemplos onde diferentes dimensões são sintetizadas, integrando o pragmático com o existencial, a pertinência e a ousadia, a criatividade e o senso comum".¹¹⁴

Em exposição, estiveram projectos que refletem um pensamento sobre o papel do arquitecto mediante as situações que preocupam a sociedade contemporânea, com o objectivo de reconhecer as soluções que possam melhorar as condições de vida das pessoas no mundo. Desenvolvido pelo arquitecto Samuel Gonçalves, o estúdio apresentou um projecto que permite a construção e montagem de casas modulares em betão armado, em cerca de três meses.

Infraestrutura - Estrutura - Arquitectura, nome da exposição, "é a reacção a um desafio (ou uma batalha) que o mundo contemporâneo coloca à arquitectura: como tornar o ato de construção um processo cada vez mais sumário?".¹¹⁵

No vídeo realizado e divulgado pela Bienal,¹¹⁶ Samuel Gonçalves explica que a procura por um rápido sistema de construção tem como razões principais, primeiro, o facto das pessoas precisarem de um lugar para viver e ficar, ao mesmo tempo que se deslocam muito rápido, em termos globais, movendo-se particularmente em direcção às cidades, e que, ainda relativamente a este tema da deslocação, existe um outro fenómeno relacionado com o crescimento exponencial do número de refugiados, devido aos conflitos recentes no Sudão e na Síria, a causar uma nova magnitude. Segundo, o facto de existir uma necessidade crescente de imediatismo, sentido numa sociedade global habituada a produtos e serviços de empresas como a Uber, Ikea e Airbnb. Cenários que, apesar de não parecerem relacionados, têm em comum um certo pragmatismo e exigem da arquitectura a optimização de recursos e de tempo, o que Samuel considera a chave deste projecto. A instalação pretende acelerar e simplificar os processos construtivos, utilizando a tecnologia em auxílio da arquitectura.

¹¹⁴ ARAVENA, Alejandro. in - "15th International Architecture Exhibition: Reporting from the front". [<http://www.labiennale.org/en/architecture/exhibition/15/>].

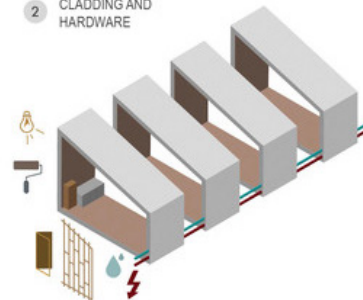
¹¹⁵ - "Summary: Infrastructure-Structure-Architecture: exhibition text". [<http://www.summary.pt/#/projects/Plbienal/2>].

¹¹⁶ GONÇALVES, Samuel (entrevistado). in - "Biennale Architettura 2016 - SUMMARY". La Biennale di Venezia Channel. [<https://www.youtube.com/watch?v=m2JlFzFe2k>].

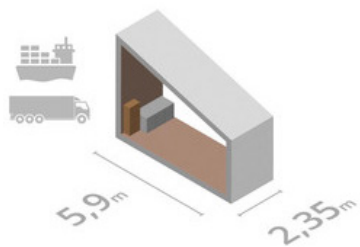
1 STRUCTURE PRODUCTION



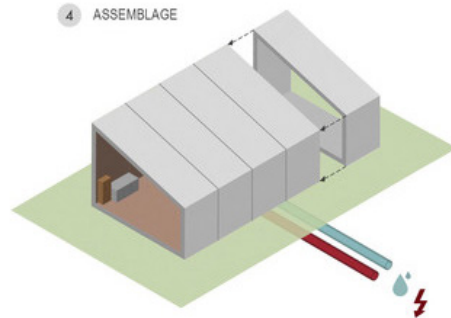
2 CLADDING AND HARDWARE



3 TRANSPORTATION



4 ASSEMBLAGE



83

AGIR criando soluções duradouras

Ao contrário de outros materiais, como a madeira, a utilização do betão confere uma maior resistência à estrutura do módulo.

A construção é realizada em poucos meses e, por isso, adequa-se a situações de emergência, embora não de resposta imediata. Se o projecto C.H. Human Shelter, da equipa Cross Hands Architecture, tem o objectivo de proporcionar condições de abrigo com a máxima rapidez, o sistema Gomos questiona o investimento em abrigos de carácter efémero e procura uma solução mais permanente, que acompanhe as mudanças e as transformações das sociedades. Apesar de não terem um aspecto provisório, os módulos, pelas suas dimensões standard, de 5,9 por 2,35 metros, são facilmente transportáveis e podem adaptar-se a vários lugares. O seu desenho permite a flexibilidade do projecto e a sua adequação a diferentes programas. De acordo com as necessidades que possam surgir, através da junção de um novo módulo, é possível ampliar a construção em qualquer altura. A selecção dos projectos protagonizados na exposição questiona o tipo de soluções em que se investe actualmente. Segundo Aravena, “investir em soluções menos temporárias deve ser visto como um “pagamento” em antecipação por uma solução a longo prazo para o problema de falta de habitação no mundo”.¹¹⁷

Durante as conferências realizadas na Bienal de Arquitectura, foi debatido o propósito a que serve a arquitectura de emergência.

Na opinião de Alejandro Aravena, que é possível deduzir pelo seu discurso, a arquitectura não é sobrevivência, é viver e, nesse sentido, toca, em simultâneo, as questões mais básicas da humanidade e da dimensão extraordinária da arte. A arquitectura não deve ser um debate entre arte e humanidade, mas integrar as duas componentes. Por esse motivo, não deve ser desprovida de criatividade, mas assegurar, em simultâneo, a componente social. “A arte da arquitectura não é apenas criar coisas bonitas - nem é apenas criar coisas funcionais, é fazer os dois em simultâneo (...) Tudo aquilo que criamos deve ser adequado a qualquer situação que possa surgir a todo o momento, por outras palavras, não deve ser apenas adaptável, mas também estimulante (...)”.¹¹⁸

Como afirma Aravena, “se é necessário providenciar algo muito, muito rápido, então as probabilidades de errar são maiores, é preciso ajuda a ganhar tempo. (...) Se uma solução temporária é de melhor qualidade é necessário comprar o tempo necessário (...)”.¹¹⁹

Isto significa que, para se conseguir uma boa solução, mais durável, deve-se estar disposto a investir o tempo necessário para a estudar.

¹¹⁷ ARAVENA, Alejandro. in MAIRS, Jessica - “Refugee tents are a waste of money, says Alejandro Aravena”. In Dezeen (30/11/2015). [<https://www.dezeen.com/2015/11/30/alejandro-aravena-humanitarian-architecture-refugee-tents-waste-money-emergency-shelter-disaster-relief/>].

¹¹⁸ HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: OIO Publishers, 2009, p.174.

¹¹⁹ ARAVENA, Alejandro. in MAIRS, Jessica - “Refugee tents are a waste of money, says Alejandro Aravena”. Dezeen (30/11/2015). [<https://www.dezeen.com/2015/11/30/alejandro-aravena-humanitarian-architecture-refugee-tents-waste-money-emergency-shelter-disaster-relief/>].

CRONOLOGIA

Na página seguinte, encontra-se uma cronologia com a disposição dos trinta e três projectos que figuraram na exposição “Tanto Mar: portugueses fora de Portugal” e dos doze exemplos acrescentados por esta dissertação.

Esta composição gráfica foi elaborada com o objectivo de esquematizar a informação relativa à localização dos projectos no tempo. Além disso, permite agrupá-los segundo as cinco categorias anteriormente mencionadas: escassez, emergência, informal, formal e urbano. Os projectos da exposição “Tanto Mar” são identificados pela numerologia romana. Numerados de I a III, encontram-se os que pertencem ao tema emergência; no tema escassez encontram-se os projectos de IV a XIII; no tema formal, os projectos de XIV a XX; no tema informal, os projectos de XXI a XXVII; e, por último, no tema urbano, os projectos de XXVIII a XXXIII.

Os exemplos desta dissertação, para serem facilmente reconhecidos, são identificados com o respectivo número. No tema emergência, encontram-se dois projectos: O8 “Agir construindo abrigos” e IO “Agir pressupõe conhecer o lugar”. Do tema escassez, fazem parte: O2 Agir reutilizando e reciclando e O7 “Agir com poucos recursos”. No tema formal, encontram-se: O9 “Agir em espaços de transição” e 12 “Agir criando soluções duradouras”.

Inseridos no tema informal, os projectos:

O1 “Agir voluntariamente”, O3 “Agir no património rural”, O5 “Agir aproximando a comunidade” e 11 “Agir ensinando”.

Finalmente, inserem-se no tema urbano, os seguintes exemplos: O4 “Agir pela cidade” e O6 “Agir dinamizando espaços”.

temas	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Emergência							
Escassez							
Formal							
Informal							
Urbano							

01 AGIR voluntariamente . **02** AGIR reutilizando e reciclando . **03** AGIR no património rural . **04** AGIR pela cidade construindo abrigos . **09** AGIR em espaços de transição . **10** AGIR pressupõe conhecer o lugar . **11** AGIR ensinando . **12** I A Pequena Califórnia, Quênia . **II** Planear Sem Orçamento, Somália . **III** Disaster Risk Management Training, Namíbia . e Príncipe . **VII** Maliphofu school, Lesoto . **VIII** Museu José Garrido, Brasil . **IX** Centro Comunitário, Moçambique . **X** Casa México . **XIV** Lar da Universidade, Angola . **XV** Transvaal, Holanda . **XVI** 5 Escolas Secundárias, Angola . **XVII** Fortaleza Salle, México . **XXI** Escola da Rocinha, Brasil . **XXII** Jakarta Bersih, Indonésia . **XXIII** Incremental housing, Índia . **XXIV** Brasil . **XXVIII** Antizoo, Espanha . **XXIX** The Generator, França . **XXX** Ridley's, Reino Unido . **XXXI** Vortex, Holanda . **XXXII**

2010

2011

2012

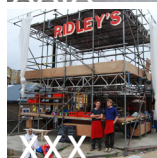
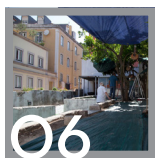
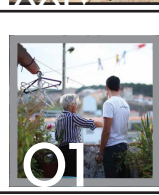
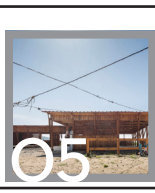
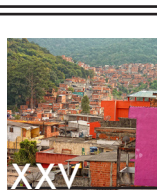
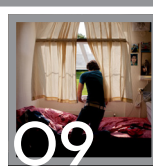
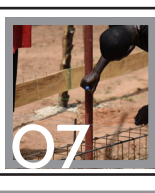
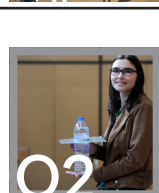
2013

2014

2015

2016

2017



. 05 AGIR aproximando a comunidade . 06 AGIR dinamizando espaços . 07 AGIR com poucos recursos . 08 AGIR AGIR procurando soluções duradouras

IV Centre Pour le Bien-être des Femmes Burkina Faso . V Kick 4 Life Center, Lesoto . VI Inventar(iar) as Roças, São Tomé das Baterias, Guiné-Bissau . XI Casalata, Cabo Verde . XII Escola de Chuquibambilla, Peru . XIII Capela Candelária, de São Sebastião, Moçambique . XVIII Jardim Edite, Brasil . XIX Museu das Pescas, Moçambique . XX Universidade La Observatório da Chicala, Angola . XXV Cabuçu de Baixo, Brasil . XXVI La Légua, Chile . XXVII Complexo do Alemão, Demoncracy, Estados Unidos da América . XXXIII Cottrell House, Reino Unido

CONCLUSÃO

Após a apresentação dos projectos que constituem o corpo da dissertação, não persiste qualquer dúvida de que, hoje, é possível agir e fazer uma arquitectura social, existindo inúmeras alternativas. Para que possa inovar e encontrar estratégias que permitam gerar mudanças positivas, o arquitecto deve manter uma visão global da sociedade. “Antes de arquitecto, o arquitecto é homem, e homem que utiliza a sua profissão como um instrumento em benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence (...) e porque ele é homem antes de arquitecto - que ele procure conhecer não apenas os problemas dos seus mais directos colaboradores, mas os do homem em geral”.¹²⁰

As doze intervenções representam apenas uma ínfima parte do que é feito no âmbito da arquitectura de carácter social. Como se verifica, é possível agir: junto das comunidades, envolvendo a participação das pessoas, em espaços de habitação, ou espaços públicos, gerindo o financiamento, sem fronteiras.

O tema da **arquitectura social** em Portugal tem como referência incontornável o SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local).

A criação do Programa SAAL, logo após a Revolução de 1974, teve como objectivo a procura de soluções para dar resposta a uma certa urgência habitacional.

“A radical criatividade do programa residia no **envolvimento** e na **participação** direta das populações na conceção das suas novas habitações. Esta arrojada aventura coletiva transformaria a percepção de muitos arquitetos em relação à natureza social da sua profissão”.¹²¹

Isto significa que a prática de uma **arquitectura participativa** e social como resolução das principais necessidades da sociedade não é uma atitude recente em Portugal.

“Os participantes que nascem depois do 25 de Abril não falham uma referência ao SAAL. Não nos parecendo que isto se resolva com uma relação genética, parece-nos que há um grande respeito e admiração pelos momentos revolucionários passados em Portugal, o que confere à maioria uma particular predisposição cultural para desejar participar nestes processos”.¹²²

A memória do SAAL tem um valor importante na história da sociedade e da arquitectura portuguesas. Talvez este seja o motivo pelo qual se torna possível reconhecer, na maioria dos projectos desta dissertação, o mesmo espírito de iniciativa e/ou de trabalho.

O Programa SAAL, bem como outros projectos que foram surgindo desde a década de 1960 e partilharam a visão de uma “arquitectura sem arquitectos” moldaram uma nova forma de pensar,

¹²⁰ TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. Porto: Faculdade, 1996, p.74.

¹²¹ COUTINHO, Andreia; VIEIRA, Ana - *O Process SAAL: Arquitectura e Participação 1974–1976*. Fundação Serralves. [https://www.serralves.pt/documentos/servico_educativo/1411_DossPedagogicoSAAL.pdf].

¹²² SARAIVA, Tiago Mota (entrevistado); BAPTISTA, Luís; MELÂNEO, Paula (entrevistadores) - “Ateliernob: Tanto Mar - portugueses fora de Portugal”. *Revista Arqa* N.º114. Lisboa: Futurmagazine Sociedade Editora Novembro, 2014, p.116.



84

defendendo que “aos grandes paradigmas formais devemos preferir, antes de mais, **soluções processuais e metodológicas**, compreendendo os fenómenos urbanos autóctones e fornecendo espaços e serviços mínimos a partir dos quais as populações possam decidir sobre a sua própria organização colectiva”.¹²³

Remete-se para o projecto desenvolvido em colaboração pelas equipas do Ateliermob e do Colectivo Warehouse, “Agir aproximando a comunidade”, com o objectivo de exemplificar como o trabalho continuado junto de uma comunidade permite analisar o lugar e o modo como as pessoas vivem o espaço, identificar as principais carências e encontrar a solução que melhor se adequa à situação. A articulação entre as equipas e os futuros usuários do projecto é fundamental para que se possa conhecer as necessidades e expectativas dos moradores.

Este princípio de arquitectura participativa reflecte-se ainda nos projectos “Agir voluntariamente” [01, p.40], “Agir no património rural” [03, p.52], “Agir pela cidade” [04, p.58], “Agir dinamizando espaços” [06, p.70], “Agir com poucos recursos” [07, p.76], “Agir em espaços de transição” [09, p.88] e “Agir ensinando” [11, p.100].

Antes da concretização dos projectos das equipas Just a Change [01, p.40], Critical Concrete [11, p.100] e da iniciativa

“Terra Amada” [03, p.52], que visam melhorar condições de habitabilidade, foi estabelecido um contacto com as associações de moradores e as organizações locais, para se identificarem as necessidades urgentes.

Embora a acção do Frame Colectivo [04, p.58] e do Fundo de Arquitectura Social (FAS) [06, p.70] incida sobre a concretização de projectos em espaço público, verifica-se igualmente um trabalho com as comunidades, promovendo o seu envolvimento na dinamização de actividades nesses locais. Na Guiné-Bissau, o **contacto directo com a população** local permitiu ao Colectivo Mel [07, p.76] identificar a necessidade de realizar o projecto dos “5 Jardins de Infância” e encontrar as soluções construtivas que permitiram ultrapassar as dificuldades inerentes às limitações de recursos.

Por sua vez, a proposta levada a concurso pelo Colectivo Warehouse, “Locals in transition” [09, p.88], pressupõe a participação dos refugiados na concepção dos espaços dos asilos.

O **envolvimento da população** aparece como um traço distintivo do Programa SAAL, que é exclusivamente um programa habitacional, mas o facto de ser também uma característica comum aos projectos acima mencionados, os quais apresentam programas distintos (requalificar habitações, intervenção

¹²³ GRANDE, Nuno - “Poetizar a pobreza”. Jornal Arquitectos N.º 236. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Julho-Setembro 2009, p.43.

em espaço público e construção de espaços colectivos), permite concluir que a colaboração entre o arquitecto e as pessoas pode ser benéfica em diferentes contextos, alguns decorrentes de novas necessidades.

Numa entrevista, o Ateliermob (2014) refere que “a produção e emergência de novos conteúdos marginais à oligarquia que se havia constituído aumentou a riqueza da discussão em torno da disciplina. Por outro lado, revelam-se práticas que, nunca tendo deixado de existir, voltam a ser valorizadas, reabrindo discussões que não podem sair dos nossos estiradores como a importância e os problemas da participação, o papel social do arquitecto ou o papel da arquitectura em cada uma das fases do processo”.¹²⁴

A arquitectura participativa não se limita apenas à fase de concepção dos espaços, podendo também incluir a **participação das pessoas no processo de construção**.

O Colectivo Mel [07, p.76] previa inicialmente a construção do projecto pela população local, embora isso não se tenha verificado devido a limites de tempo.

Nos projectos das equipas Just a Change [01, p.40], Critical Concrete [11, p.100] e na iniciativa “Terra Amada” [03, p.52] previa-se que a construção fosse apenas realizada pela equipa técnica dos ateliers responsáveis em conjunto com os jovens

mobiliados para o efeito, mas acabou por incluir a participação da população local, o que acabou por se verificar. Pode-se, assim, constatar que a **mobilização das pessoas** é possível, o que pode ser decisivo para a viabilização de um projecto neste âmbito.

Sendo a escassez de financiamento uma realidade com a qual o arquitecto se depara, este vê-se na necessidade de aproveitar todos os recursos à sua disposição e de encontrar **soluções criativas**.

Num “mundo em constante e vertiginosa transformação, realidade turbilhão onde se multiplicam novos problemas e tudo parece rapidamente desajustado, importantes e decisivas se tornam as soluções que vão mais além no vasto universo de desafios e necessidades”.¹²⁵

Em 2014, durante uma conferência organizada pela TED (acrónimo de Technology, Entertainment, Design), o arquitecto Alejandro Aravena afirmou que “dos três milhões de pessoas a viver em cidades, mil milhões estão abaixo do limiar da pobreza”.¹²⁶

Neste sentido, no ano de 2030, “dos cinco mil milhões a viver em cidades, dois milhões estarão abaixo do limiar da pobreza”.

Isto significa que, para alojar toda a população, seria preciso “construir uma cidade para um milhão de pessoas por semana, com 10 mil dólares por família

¹²⁴ SARAIVA, Tiago Mota (entrevistado); BAPTISTA, Luís; MELÂNEO, Paula (entrevistadores) – “Ateliermob: Tanto Mar - portugueses fora de Portugal”. Revista Arqa N.º114. Lisboa: Futurmagine Sociedade Editora Novembro, 2014, p.116.

¹²⁵ FONSECA, João Carlos – “Editorial”. ArchiNews 04 - Retrato do ensino em Portugal. Lisboa: Archi&Book's, 2016, p.2.

¹²⁶ ARAVENA, Alejandro. in – “My architectural philosophy? Bring the community into the process”. TED Talks (6/11/2014). [<http://webdoc.france24.com/france-first-humanitarian-camp-grande-synthe/>].

durante os próximos 15 anos”.

No fim, Aravena concluiu que se não for possível encontrar uma solução, as pessoas irão continuar a deslocar-se para as cidades, “mas vão viver em bairros de lata, em favelas e em alojamentos informais”.

O arquitecto explica que, dez anos antes, por volta de 2003, contactaram o seu atelier, “Incremental”, para que criasse uma solução para alojar 100 famílias que ocupavam ilegalmente meio hectare no centro da cidade de Iquique, no norte do Chile.¹²⁷ Usando um subsídio de 10 mil dólares, teriam de “comprar o terreno, providenciar a infra-estrutura e construir casas que, no melhor das hipóteses, teriam cerca de 40 metros quadrados”.

Na altura, o atelier reuniu-se com as famílias para que entendessem as implicações do projecto e começaram um processo de concepção participativo. Após equacionarem várias soluções, chegaram à conclusão de que a única forma de conseguir alojar todas as famílias seria construindo em altura, opção que não foi aceite. Atendendo ao desejo das famílias, “em vez de construir um grande edifício dividido em pequenas unidades, decidiram construir metades de casas flexíveis, que cada família pudesse expandir”.¹²⁸ Ou seja, foi construída uma estrutura inicial, dando a possibilidade a cada família de a ir melhorando/ transformando ao ritmo das suas

possibilidades.

Esta opção por criar soluções que permitem adaptabilidade encontra-se presente nos projectos “C.H. Human Shelter”, das arquitectas Ângela Pinto e Ana Lacerda [08, p.82], e “Sistema Gomos”, do Studio Summary [12, p.106]. O primeiro, apesar de não ter incluído a participação dos refugiados no processo de idealização do abrigo, pensou o espaço de modo a poder ser adaptado conforme as necessidades.

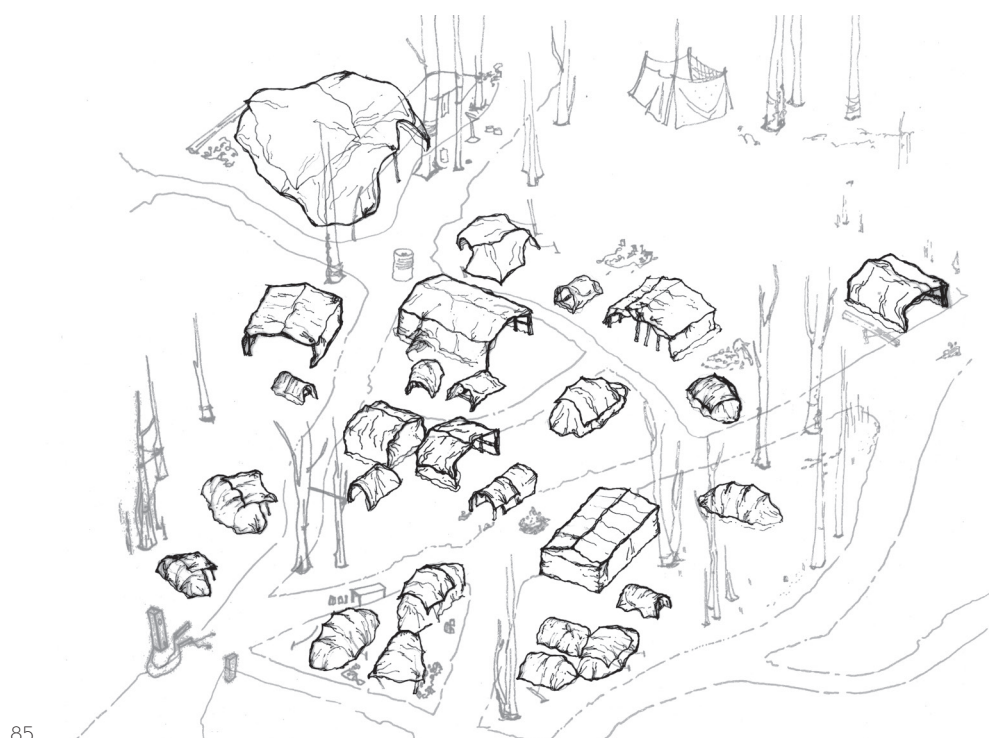
Quanto ao segundo, optou-se pela simplificação do processo de construção com a criação de um módulo que, existindo sozinho ou em conjunto com outros, pudesse ser apropriado das mais diversas maneiras.

Os módulos de habitação propostos pelo Studio Summary [12, p.106], devido às características da construção e dos materiais, como já anteriormente referido, proporcionam uma sensação de maior solidez e conforto, que lhes confere um **carácter de habitação a longo prazo**.

A investigação da arquitecta Maria Neto [10, p.94] revela que os campos de refugiados de Dadaab têm adquirido características de cidades. Isso significa que, em determinadas situações, nomeadamente quando a estadia das pessoas se prolonga para além do que era esperado, é preciso pensar o **abrigo como habitação** e não apenas como refúgio temporário.

¹²⁷ ARAVENA, Alejandro. in - “My architectural philosophy? Bring the community into the process”. TED Talks (6/11/2014). [<http://webdoc.france24.com/france-first-humanitarian-camp-grande-synthe/>].

¹²⁸ ARAVENA, Alejandro. in - “My architectural philosophy? Bring the community into the process”. TED Talks (6/11/2014). [<http://webdoc.france24.com/france-first-humanitarian-camp-grande-synthe/>].



85

imagem 85 - Levantamento no campo de refugiados no Bois Dubrulle, Calais. Desenho realizado pelos estudantes, março de 2015.

Os módulos do Studio ou Summary, ou outros equivalentes, podem ser uma solução a considerar em situações como esta. Se é importante que o abrigo permita que as pessoas se apropriem dele, fazendo deste espaço a “sua casa”, considero igualmente importante que o **espaço envolvente** seja pensado de modo a tornar-se o “seu bairro”.

“Projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido (...). As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem”.¹²⁹

Durante a visita e levantamento nos campos de refugiados do Norte de França, ao falar com as pessoas que lá viviam sobre a criação e construção dos seus abrigos, era patente o orgulho que sentiam pelo lugar que criaram.

Inserido num pequeno bosque, Bois Dubrulle, um dos campos que visitei, também conhecido como “Jungle”, constituía um exemplo claro de apropriação do ambiente natural.

“O que é construído na Jungle é baseado nos desejos, na memória e nos símbolos partilhados entre os refugiados (...) Abrigo, religião, educação, trocas e cultura são cinco aspectos claros de qualquer comunidade e eles estão presentes na

Jungle”.¹³⁰

Os abrigos tinham sido construídos pelas pessoas que habitavam o campo e os materiais utilizados foram aqueles que encontraram à sua disposição.

A estrutura, geralmente em troncos de madeira, era depois coberta com enormes lonas, com as quais tentavam assegurar a sua impermeabilização.

Para uma maior estabilidade, os abrigos eram presos ao solo e, muitas vezes, às árvores, através de cordas ou cintos.

Dispostos em pequenos conjuntos habitacionais, que variavam entre três a cinco unidades, rodeavam um pequeno espaço exterior, que era partilhado pelos seus ocupantes.

Estes conjuntos constituíam um todo, que, para minha surpresa, não resultava simplesmente num aglomerado sem forma e estrutura, mas numa pequena sociedade organizada. A possibilidade de traçar vias principais e reconhecer a existência de um centro, onde se localizavam as zonas de convívio e os espaços colectivos, para trocas de objectos e comida, fazia este bosque parecer uma pequena cidade. Por razões culturais, as duas comunidades, afegã e etíópica, que a habitavam, encontravam-se divididas espacialmente.

Antes do desafio “Une Halte à Grande-Synthe” ter sido lançado à turma, previa-se a construção de um novo campo em Grande-Synthe, que deveria ter início em

¹²⁹ TÁVORA, Fernando – *Da organização do espaço*. Porto: Faculdade, 1996, p.74.

¹³⁰ FINDLER, Sophie. in FAIRS, Marcus – “Camps like the Jungle are an important resource for all urban professionals to study”. Dezeen (9/03/2016). [<http://www.dezeen.com/2016/03/09/interview-sophie-flinder-refugee-camp-calais-france-jungle-architects-planners/>].

86



87



88



imagem 86 - Construção de abrigos no campo de refugiados de Grande-Synthe pela organização Médicos Sem Fronteiras. Fotografia de Mehdi Chebil (2016). [<http://webdoc.france24.com/france-first-humanitarian-camp-grande-synthe/>].

imagem 87 - Extensão de uma cabana do campo de refugiados de Grande-Synthe. Fotografia de Mehdi Chebil (2016). [<http://webdoc.france24.com/france-first-humanitarian-camp-grande-synthe/>].

imagem 88 - Interior de uma cabana no campo de refugiados de Grande-Synthe. Fotografia de Mehdi Chebil (2016). [<http://webdoc.france24.com/france-first-humanitarian-camp-grande-synthe/>].

dezembro de 2015.

À partida, os estudantes sabiam que o local iria sofrer ainda grandes transformações, mas disponibilizaram-se para criar e construir um abrigo, com o objectivo de melhorar a vida em comunidade. Quando a proposta foi realizada, esperava-se que o abrigo pudesse ser integrado no novo campo, o que acabou por não acontecer.

Para a abertura do campo, em março de 2016, cerca de 200 cabanas de madeira foram construídas, assim como casas de banho, chuveiros, uma cozinha comunitária e uma escola.

Inicialmente construído para que 1500 pessoas pudessem viver com melhores condições, pretendia-se que o número de abrigos crescesse futuramente para que fosse possível albergar mais refugiados. O projeto foi idealizado e financiado pela organização não governamental Médicos Sem Fronteiras (MSF), com o apoio das autoridades municipais locais.

“Mesmo apesar dos contentores assegurarem aquecimento e segurança, a liberdade é perdida. Em conjunto com os voluntários, os refugiados criaram estruturas que melhoraram as relações sociais entre refugiados, independentemente da idade, nacionalidade e religião”.¹³¹

De acordo com Sophie Findler, o facto de a concepção do novo campo nunca ter sido discutida a par com os refugiados,

teve como resultado alguma dificuldade na sua aceitação inicial. Não houve uma identificação imediata com o espaço, que foi encarado como uma ameaça à sua identidade cultural.

Os abrigos proporcionados pela organização MSF acabaram, mais tarde, por ser apropriados de diversas maneiras, mas apenas a um nível individual. Como é possível verificar na imagem 87, essa apropriação resulta, muitas vezes, na construção de extensões.

Neste contexto, considero relevante mencionar o projecto do atelier Cross Hands Architecture [O8, p.82], por ser, de entre os doze exemplos expostos, o único vocacionado para a concepção de abrigos, sendo o que mais se aproxima dos objectivos da organização Médicos Sem Fronteiras.

Na minha opinião, o sucesso deste projecto, que se foca apenas no núcleo habitacional, passará pela atenção que for dada à localização. A disposição dos abrigos tem de ser pensada de forma a responder às necessidades das pessoas e a respeitar formas de vida distintas que são inerentes à sua identidade cultural. A observação e análise de lugares onde as pessoas vivem em condições precárias pode ser uma fonte de aprendizagem para o arquitecto, ajudando-o a encontrar soluções pertinentes.

Como referiu Aravena, muitas vezes, podem surgir respostas “nas próprias

¹³¹ FINDLER, Sophie. in FAIRS, Marcus – “Camps like the Jungle are an important resource for all urban professionals to study”. Dezeen (9/03/2016). [<http://www.dezeen.com/2016/03/09/interview-sophie-flinder-refugee-camp-calais-france-jungle-architects-planners/>].

¹³² ARAVENA, Alejandro. in – “My architectural philosophy? Bring the community into the process”. TED Talks (6/11/2014). [<http://webdoc.france24.com/france-first-humanitarian-camp-grande-synthe/>].

favelas e bairros de lata”.¹³²

Para que o arquitecto consiga dar uma resposta efectiva aos problemas, “a sua posição será, portanto, de **permanente aluno** e de **permanente educador**; como tal saberá ouvir, considerar, escolher”.¹³³

Como permanente educador, para além dos conhecimentos a transmitir a futuros arquitectos, poderá **ensinar as pessoas**. Esta ideia foi reforçada por Joana Cameira no Ciclo de aulas abertas da Faculdade de Arquitectura quando fez referência aos seus projectos.

No campo de refugiados de Dadaab, Joana Cameira, a par com uma equipa técnica, de arquitectos e engenheiros, recrutou pessoas especializadas entre os refugiados, para que pudessem dar apoio aos restantes, sem experiência.

Deste modo, os **conhecimentos foram partilhados**, permitindo que o campo pudesse continuar a desenvolver-se com alguma harmonia.

Na Somália, o mesmo procedimento foi adoptado. Procurou desenhar-se um layout da organização de um campo com as comunidades locais para que fosse replicado.

“Através da abertura de ruas e praças, da organização dos abrigos é possível demonstrar à comunidade os benefícios do planeamento”.¹³⁴

A **transmissão de conhecimentos técnicos** é também uma característica dos projectos das equipas Just a Change

[01, p.40], Critical Concrete [11, p.100], Colectivo Mel [07, p.76] e do projecto “Terra Amada” [03, p.52], da Universidade Católica de Viseu.

Nos exemplos referidos, os conhecimentos são transmitidos aos voluntários que se juntam às equipas, bem como aos moradores que colaboram com estas.

A importância atribuída ao acto de ensinar justifica o nome escolhido pela Critical Concrete para o seu programa de verão: “Summer School”.

Ao criar uma escola de verão, as propinas pagas pelos alunos são utilizadas para a compra de materiais e utensílios destinados à implementação dos projectos da equipa.

Esta forma de **financiamento** aparece como resposta à dificuldade em conseguir a verba necessária para aplicar em projectos de carácter social, sem contrapartidas económicas.

Este é um problema comum a quase todos os projectos apresentados nesta dissertação. Havendo alguns financiados na totalidade pelo Estado, pois conseguem o apoio de Câmaras Municipais, os que não obtêm qualquer financiamento ou conseguem apenas apoio parcial têm de ser mais criativos para angariarem os fundos necessários. O projecto “Pátio Ambulante” [04, p.58], desenvolvido pelo Frame Colectivo [06, p.70], utiliza uma carrinha de bombeiros para venda de gelados artesanais.

¹³³ TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. Porto: Faculdade, 1996, p.74.

¹³⁴ CAMEIRA, Joana. in - “Planear Sem Orçamento, Somália”. Tanto Mar: portugueses fora de Portugal. [<http://tantomar.pt/projecto/planear-sem-orcamento/>].

Pretende-se que o dinheiro angariado desta forma seja suficiente para dar continuidade ao projecto.

Recorrer a instituições privadas ou a organizações e associações é também uma das possibilidades.

A iniciativa da associação Just a Change [01, p.40], que inicialmente foi motivada por um acto de caridade e pretendia utilizar apenas o dinheiro obtido em actuações de rua, acabou por ser concretizada com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Muitas equipas participam ainda em concursos nacionais ou internacionais, na expectativa de utilizar o valor do prémio para implementarem a sua ideia, como foi o caso dos projectos Tabanca Solar [02, p.46], Cross Hands Architecture [08, p.82] e Locals in transition [09, p.88].

Existe ainda a opção de organizar um Crowdfunding, como foi feito no âmbito da iniciativa Terra Amada [03, p.52].

O montante angariado para cada intervenção é muito variável e depende de inúmeros factores, principalmente do esforço de todos na promoção e divulgação das iniciativas.

É importante ter a consciência de que escassos meios financeiros não são um impedimento para a concretização de boas ideias. Sendo um facto que muito boas ideias são implementadas, constata-se que, em Portugal, as intervenções acontecem maioritariamente nas cidades

de Lisboa e do Porto.

Os únicos projectos cujo público alvo são populações de outras zonas do país são o da equipa Just a Change e o da iniciativa da Terra Amada, que entretanto foi descontinuada.

Quanto ao primeiro, o programa “Portugal rural”, é realizado nos meses de verão e destina-se aos habitantes de aldeias.

Estas iniciativas que se estendem a outros pontos do país **deveriam ser replicadas**, porque há muitas zonas carenciadas a necessitar de intervenções.

Quanto à implementação, por portugueses, de projectos fora das fronteiras nacionais verifica-se que a sua acção se estende **um pouco por todo o mundo**.



a. Portugal O1 AGIR voluntariamente . O3 AGIR no património rural . O4 AGIR pela cidade . O5 AGIR aproximando Holanda Transvaal . Vortex **e. Inglaterra** Ridley's . Cottrell House **f. Noruega** O9 AGIR em espaços de transição **g. Itália** O7 AGIR com poucos recursos . Casa das Baterias **j. Burkina Faso** CBF Centre Pour le Bien-être des Femmes **l. São Tomé** Namíbia Disaster Risk Management Training **n. Lesoto** Kick 4 Life Center . Maliphofu school **o. Moçambique** Fortaleza de o lugar **q. Somália** . Planear Sem Orçamento **r. Índia** Incremental housing **s. Indonésia** Jakarta Bersih **t. Brasil** . Jardim de Chuquibambilla **w. México** Universidade La Salle . Capela Candelária **x. Estados Unidos da América** Democracy



a comunidade . 06 AGIR dinamizando espaços . 11 AGIR ensinando **b. Espanha** Antizoo **c. França** The Generator **d.** 12 AGIR procurando soluções duradouras **h. Cabo Verde** Casalata **i. Guiné-Bissau** 02 AGIR reutilizando e reciclando . **e Príncipe** Inventar(iar) as Roças **k. Angola** Lar da Universidade . 5 Escolas Secundárias . Observatório da Chicala **m.** São Sebastião . Museu das Pescas . Centro Comunitário **p. Quénia** A Pequena Califórnia . 10 AGIR pressupõe conhecer Edite . Museu José Garrido . Escola da Rocinha . Complexo do Alemão . Cabuçu de Baixo **u. Chile** La Légua **v. Peru** Escola Campos de refugiados pelo mundo 08 AGIR construindo abrigos

A extensão do trabalho dos arquitectos portugueses a vários pontos do globo reforça a ideia do papel social do arquitecto enquanto pessoa que usa a arquitectura para resolver os problemas do homem em geral, seja em que lugar for, ou seja, **agindo sem fronteiras**.

“Os países encontram-se separados uns dos outros por fronteiras. Passar uma fronteira é sempre qualquer coisa um pouco emocional: um limite imaginário, materializado por uma barreira de madeira que, aliás, nunca se localiza exactamente sobre a linha que pretende representar, mas algumas dezenas ou centenas de metros abaixo ou acima, o suficiente para tudo mudar (...) As fronteiras são linhas. Milhões de pessoas morrem por causa dessas linhas. Milhões de pessoas morrem porque são incapazes de as atravessar: a sobrevivência passa por cruzar um simples rio, uma pequena colina, uma floresta tranquila (...)”¹³⁵

Efectivamente, as fronteiras existem e, embora por vezes sejam apenas limites imaginários, delimitam e acentuam realidades muito diferentes a nível económico, político e social.

O papel do arquitecto pode passar por **amenizar essas diferenças** ao criar soluções para problemas que, parecendo distantes da nossa realidade, são, na verdade, os nossos problemas também. Agir sem fronteiras significa estar preparado para agir em qualquer lugar,

em ambientes e contextos culturais que, por vezes, o arquitecto desconhece totalmente, sempre com o objectivo comum de melhorar as condições de vida das pessoas.

Actualmente, o acesso às redes de comunicação e a programas de mobilidade possibilita “a troca de ideias e o intercâmbio de culturas, o que resulta numa cultura global, numa partilha da informação e do conhecimento”.¹³⁶

“A sociedade contemporânea é, assim, palco de rápidas transformações, resultado, não só dos avanços nos domínios da ciência e da tecnologia, mas também de uma alteração nos valores e nas normas em que se baseiam as relações sociais e o comportamento humano. Isto influi, necessariamente, sobre os programas arquitectónicos, que estão sujeitos a novas e múltiplas dinâmicas, alterando a forma como o indivíduo percepciona o tempo e o espaço”.¹³⁷

Esta percepção de um mundo global contribui para um maior intercâmbio entre países, com repercussões muito positivas no campo da arquitectura, o que transparece nesta dissertação.

O arquitecto pode e deve fazer do mundo um lugar melhor. **AGIR, é preciso!**

¹³⁵ PEREC, Georges – *Espèces d'espaces*. Paris: Éditions Galilée, 1974, p.99-100.

¹³⁶ ALVES, João – *Arquitectura de Intervenção - Repensando o papel social do arquitecto através de modelos alternativos de prática*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014, p.33. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura orientado pelo Professor Joaquim Teixeira].

¹³⁷ ALVES, João – *Arquitectura de Intervenção - Repensando o papel social do arquitecto através de modelos alternativos de prática*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014, p.35. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura orientado pelo Professor Joaquim Teixeira].

“A arquitectura é a arte de resolver os problemas da humanidade - eu quero pensar que sim! - e os arquitectos têm uma missão social magnífica que pode trazer a felicidade da humanidade”.¹³⁸

¹³⁸ TOSTÕES, Ana (entrevistada); - ArchiNews O4 - Retrato do ensino em Portugal. Lisboa: Archi&Book's, 2016, p.10.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- BANDEIRINHA, José António - *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de abril 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007.
- BANDEIRINHA, José António - *O processo SAAL: arquitectura e participação, 1974-1976*. Porto: Serralves, 2014.
- BENEVOLO, Leonardo - *Introdução à Arquitectura*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BRAGANÇA, Luís; MATEUS, Ricardo - *Tecnologias Construtivas para a Sustentabilidade da Construção*. Ermesinde: Edições ECOPY, 2006.
- CONRAD, Ulrich - *Programs and manifestoes on 20th-century architecture*. Massachusetts: The MIT Press, 1970.
- CORBUSIER, Le - *Por uma arquitectura*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FIGUEIRA, Jorge - *Agora que está tudo a mudar: Arquitectura em Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005.
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *Da Função Social do Arquitecto: Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1985.
- HERZ, Manuel - *From camp to city : refugee camps of the Western Sahara*. Zürich: Lars Müller, 2013.
- JENKINS, Paul; FORSYTH Leslie - *Architecture, participation and society*. London: Routledge, 2010.
- KOOLHAAS, Rem - *Delirious New York - A Retroactive Manifesto for Manhattan*. Rotterdam: OIO Publishers, 1994.
- KRONENBURG, Robert - *Transportable environments : theory, context design and technology*. London: Spon Press, 1998.
- MONTANER, Josep Maria - *Arquitectura y crítica*. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
- PEREC, Georges - *Espèces d'espaces*. Paris: Éditions Galilée, 1974.
- RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane - *A cidade : rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento, 1984.
- RUDOLFSKY, Bernard - *Architecture Without Architects - A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. Nova Iorque: Doubleday, 1964.
- TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. Porto: Faculdade, 1996.
- VENTURI, Robert - *Complexity and Contradiction in Architecture*. New York: The Museum of Modern Art, 1977.

PROVAS FINAIS

- ALVES, João - *Arquitectura de Intervenção - Repensando o papel social do arquitecto através de modelos alternativos de prática*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura orientado pelo Professor Joaquim Teixeira].
- MELO, Rosa - *Arquitectura da participação nos países de economia emergente*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura orientado pelo Professor Rui Braz Afonso].
- PINTO, Ricardo - *Um novo começo - Por uma arquitectura de ajuda e desenvolvimento*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2014. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura orientado pelo Professor Gonçalo Furtado].

ARTIGOS E OUTROS TEXTOS

- "A Equipa Just: Estrutura Operacional". *Just a Change*. [<http://www.justachange.pt/aequipajust>].
 - "A partir de sexta-feira Lisboa ganha um Pátio Ambulante". *Jornal i* (2/09/2013). [<https://ionline.sapo.pt/358188>].
 - "About Dunkirk Adult Learning Centre". [<https://www.facebook.com/dunkirkadullearning/about/>].
- ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo - "Editorial". *Jornal Arquitectos* N.º 223. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Abril-Junho 2006.

ALVES, Virgínia – “Portuguesa constrói aldeias solares na Guiné Bissau”. Dinheiro Vivo (2/O3/2016). [<https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/512037/>].

AMAYA, Laura – “Aravena’s discomfoting Venice Biennale: taking on Reporting from the Front”. Archinect (13/O6/2016). [<http://archinect.com/features/article/149950861/aravena-s-discomfoting-venice-biennale-taking-on-reporting-from-the-front>].

– “Aprovado o Programa Nacional do Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração (FAMI) para o período 2014 - 2020”. SGMAI - Ministério da Administração Interna (25/O3/2015). [[http://www.sg.mai.gov.pt/Noticias/Paginas/Aprovado-o-Programa-Nacional-do-Fundo-para-o-Asilo,-a-Migracao-e-a-Integracao-\(FAMI\)-para-o-per-C3%ADodo-2014----2020.aspx](http://www.sg.mai.gov.pt/Noticias/Paginas/Aprovado-o-Programa-Nacional-do-Fundo-para-o-Asilo,-a-Migracao-e-a-Integracao-(FAMI)-para-o-per-C3%ADodo-2014----2020.aspx)].

– “Arquiteta Maria Neto vence 11ª edição Prémio Fernando Távora”. Ordem dos Arquitectos (2016). [<http://www.oasrn.org/cultura.php?id=457>].

– “Arquitetura social. Da intervenção num campo de Refugiados a uma encomenda da de escolas, projectos espalhados pelos quatro campos do mundo reúnem-se na exposição Tanto Mar - Portugueses Lá Fora”. Diário de notícias. Lisboa, (20/O3/2014).

– “Asylum and Shelter Provision in Torshov, Oslo”. Oslo Architecture Trienal. [<http://oslotriennale.no/en/torshov>].

BAPTISTA, Luís; MELÂNEO, Paula – “Ateliernob: Tanto Mar - portugueses fora de Portugal”. Revista Arqa N.º114. Lisboa: Futurmagazine Sociedade Editora Novembro, 2014.

BARÃO, José Luís – “Requerimento n.º 103/XIII/1.ª, de 1 de junho de 2016”. Gabinete do Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, 27-O6-2016. [Entrada n.º 3768].

CARDOSO, Joana – “Portugueses fazem arquitectura social no mundo inteiro”. Público (20/O3/2014). [<http://p3.publico.pt/cultura/arquitetura/11348/portugueses-fazem-arquitetura-social-no-quotmundo-inteiroquot>].

– “Casa da Alegria V.4”. Just a Change (13/O1/2016). [<https://www.facebook.com/Just.a.Change/photos/a.988137681268740.1073741849.167549976660852/988137847935390/?type=3>].

– “Casa do Vapor: O lugar, Cova do Vapor”. [<http://www.casadovapor.org/pt/cova-do-vapor-2/>].

– “Ciclo e Regras do Programa BIP/ZIP Lisboa 2014 - Parcerias Locais”. Câmara Municipal de Lisboa. [<http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1396281874D6kDG7ikOSx71VT6.pdf>].

– **“Colectivo Warehouse: Cozinha Comunitária das Terras da Costa”**. [<http://warehouse.pt/cO11-pt.html>].

– “Colectivo Warehouse: Espaço Expositivo - Marchas do Castelo”. [<http://warehouse.pt/cO22-pt.html>].

– **“Colectivo Warehouse: Sobre”**. [<http://www.warehouse.pt/sobre.html>].

– “Collectif EXYZT: Who is exyst”. [<http://beller.phpnet.org/public/JB-EXYZT/EXYZT-ENG-PRINT.pdf>].

COUTINHO, Andreia; VIEIRA, Ana – O Process SAAL: Arquitetura e Participação 1974–1976”. Fundação Serralves. [https://www.serralves.pt/documentos/servico_educativo/1411_DossPedagogicoSAAL.pdf].

– **“Cozinha Comunitária das Terras da Costa - Ateliernob + Projecto Warehouse”**. [<http://ateliernob.com/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-465018>].

CRISÓSTOMO, Pedro; FARIA, Natália – “Risco de pobreza desce para os 19%, mas há mais idosos pobres”. Público (15/12/2016). [<https://www.publico.pt/2016/12/15/sociedade/noticia/risco-de-pobreza-desce-para-os-19-mas-ha-mais-idosos-pobres-1754895>].

– **“Critical Concrete: About Us”**. [<http://criticalconcrete.com/about/>].

– **“Cross Hands, a arquitetura humanitária”**. Indústrias Criativas. [<http://industriascritativas.com/Noticia/Cross-Hands-a-arquitetura-humanitaria/3471>].

DELAQUA, Victor – “Cozinha Comunitária das Terras da Costa / ateliernob + Colectivo Warehouse”. Archdaily (27/10/2015). [<http://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>].

– “Educação Informação”. Associação Mutualista Montepio. [<http://ei.montepio.pt/just-a-change-quer-ganhar-premio-montepio-para-remodelar-mais-casas/>].

- **“Educafrica: Quem somos”**. [<https://ongdeducafrica.wordpress.com/sobre/>].

- “FAUP: Ciclo de Aulas Abertas - ‘Urbanização da Pobreza’”. [https://sigarra.up.pt/faup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=30897].

FONSECA, João Carlos - “Editorial”. ArchiNews O4 - Retrato do ensino em Portugal. Lisboa: Archi&Book’s, 2016, p.2.

- **“Frame Colectivo: Manifesto Frame”**. [<http://framecolectivo.com/PT/manifesto-e-outros-frames/>].

- **“Frame Colectivo: Pátio Ambulante”**. [<http://patioambulante.pt/patio-ambulante/>].

- **“Frame Colectivo: Pátio Dom Fradique”**. [<http://framecolectivo.com/PT/projectos/patio-dom-fradique/>].

FREARSON, Amy - “Seven key topics for the Venice Architecture Biennale 2016”. Dezeen (18/05/2016). [<http://www.dezeen.com/2016/05/18/venice-architecture-biennale-2016-preview-hottest-topics/>].

- **“Fundo de Arquitectura Social: Associação . Ser Sócio”**. [<http://fundoarquitecturasocial.pt/index.php/fas/associacao/2/>].

- **“Fundo de Arquitectura Social: Morálá Castelo . Projecto de Requalificação Urbana do Bairro do Castelo e Zona Envolvente, Lisboa”**. [<http://fundoarquitecturasocial.pt/index.php/projectos/projecto/>].

GONÇALVES, Inês - “Just a Change: Uma pequena grande mudança”. Excelência Portugal (2015). [<https://excelenciapt.com/site/?p=1798>].

GRANDE, Nuno - “Poetizar a pobreza”. Jornal Arquitectos N.º 236. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Julho-Setembro 2009.

HUDSON, Danny - “Rem Koolhaas revisits fundamentals for the venice architecture biennale 2014”. Designboom (25/01/2013). [<http://www.designboom.com/architecture/rem-koolhaas-revisits-fundamentals-for-the-2014-venice-architecture-biennale/>].

- “Iniciativa Terra Amada”. PPL Crowdfunding Portugal. [<http://ppl.com.pt/pt/prj/iniciativa-terra-amada-vale-de-papas>].

- **“Introducing: Colectivo Mel”**. Critical Concrete. [<http://criticalconcrete.com/introducing-colectivo-mel/>].

MAIA, Vânia - “Uma garrafa que ilumina aldeias da Guiné valeu 10 mil euros a professora portuguesa”. Visão, (4/03/2016). [<http://visao.sapo.pt/iniciativas/visaosolidaria/2016-03-04-Uma-garrafa-que-ilumina-aldeias-da-Guine-valeu-10-mil-euros-a-professora-portuguesa>].

MAIRS, Jessica - “Refugee tents are a waste of money, says Alejandro Aravena”. Dezeen (30/11/2015). [<https://www.dezeen.com/2015/11/30/alejandro-aravena-humanitarian-architecture-refugee-tents-waste-money-emergency-shelter-disaster-relief/>].

- “Manifesto”. POLIGONO. [<http://www.poligono.org/manifesto/>].

- “O arquitecto das favelas”. [<http://www.arquitectura.pt/forum/forums/topic/9532-filipe-balestra-dossier/>].

- “O nosso km2”. Fundação Calouste Gulbenkian. [<https://gulbenkian.pt/project/o-nosso-km2/>]. [<https://online.sapo.pt/358188>].

- “O que é o Projecto Querença?”. [<http://www.projectoquerenca.com/pt/projecto.html>].

- “O risco de pobreza reduziu-se, em 2015, para 19,0% - 2016”. Instituto Nacional de Estatística (15/12/2016). [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=250505009&DESTAQUESmodo=2].

OLIVEIRA, Sara - “Inês levou a gota de luz, uma garrafa que ilumina, para aldeias na Guiné”. Público (2/03/2016). [<https://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ines-criou-a-gota-de-luz-uma-garrafa-que-ilumina-aldeias-na-guine-1724960>].

- “Pequenas grandes transformações”. Fundação Calouste Gulbenkian. [<https://gulbenkian.pt/noticias/pequenas-grandes-transformacoes/>].

PINTO, Mariana - “Os cinco infantários e outros sonhos de dois arquitectos na Guiné-Bissau”. Público (12/06/2016). [<http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/20757/os-cinco-infantarios-e-outros-sonhos-de-dois>].

arquitectos-na-guine-bissau].

- “Plataforma de Apoio aos Refugiados - Quem Somos”. [http://www.refugiados.pt/sobre/#missao].

- “Prémio Voluntariado Jovem Montepio: Projectos Finalistas”. Associação Mutualista Montepio (2013). [https://www.montepio.pt/iwov-resources/SitePublico/documentos/pt_PT/Noticias/premio-voluntariado-jovem-2013/projetos-finalistas-premio-voluntariado-jovem-2013.pdf].

- “Projecto Casa da Alegria”. Cáritas. [http://www.caritas.pt/site/lisboa/index.php/o-que-fazemos/projecto-casa-da-alegria].

RADFORD, Talia - “Refugee camps are the “cities of tomorrow” says humanitarian-aid expert”. Dezeen (23/11/2015). [https://www.dezeen.com/2015/11/23/refugee-camps-cities-of-tomorrow-killian-kleinschmidt-interview-humanitarian-aid-expert/].

- “Reabilita: A Reabilitar Lisboa desde 2007”. [http://reabilita.pt].

- “Reabilita +”. Fundação Calouste Gulbenkian. [https://gulbenkian.pt/project/projecto-reabilita-mais/].

RODEIA, João - “Le temps monde fini commence!”. Jornal Arquitectos N.º 223. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Abril-Junho 2006.

SANTA-RITA, João - “Prefácio”. ArchiNews O4 - Retrato do ensino em Portugal. Lisboa: Archi&Book's, 2016.

- “Shelter”. UNHCR. [http://www.unhcr.org/shelter.html].

- “Skrei: About”. [http://skrei.pt/about/].

- **“Sobre o Colectivo MEL”**. [http://colectivomel.com/sobre-colectivoMEL].

- **“Summary: Infrastructure-Structure-Architecture: exhibition text”**. [http://www.summary.pt/#/projects/Plbiennial/2].

- **“Terra Amada: Apresentação/Overview”**. [http://iniciativaterraamada.wixsite.com/terraamada/apresentao-overview].

- “Trienal de Lisboa: Anúncio dos Vencedores Bolsas Crisis Buster, 2013”. [http://www.trienaldelisboa.com/love/media/1064].

UNDRO - “Shelter after Disasters: Guideline for Assistance”, Nova Iorque: Nações Unidas, 1982. [http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/E4FE896AFF16709C1256CB10056558E-undro-shelter1-jul82.pdf].

- “Vale de Papas 2014: Espaço Público/Public Space”. [http://iniciativaterraamada.wixsite.com/terraamada/sobre-2-cijj].

- “What Design Can Do - A Challenge Too Big for Governments and NGos Alone”. [http://www.whatdesigncando.com/challenge/background/].

- “What Design Can Do - Refugee Challenge”. [https://refugeechallenge.unhcrideas.org/Page/Home].

- “15th International Architecture Exhibition: Reporting from the front”. [http://www.labiennale.org/en/architecture/exhibition/15/].

- “19 a 22 de Setembro, 2013: Pátio Ambulante - Pátio de S. João”. Lisboa Livre. [http://lisboa-livre.blogspot.pt/2013/09/19-22-de-setembro-2013-patio-ambulante.html].

VÍDEOS

Ateliermob

What ever happened? [https://vimeo.com/76348011].

Tanto Mar teaser. [https://vimeo.com/81486179].

Bairros da Prodac. Espaços & Casas nº 343 | SIC Notícias. [https://vimeo.com/148073113].

O1 AGIR voluntariamente

Just a Change. [https://www.youtube.com/watch?v=K5DKTMt_Vrs].

02 AGIR reutilizando e reciclando

Projecto Tabanca Solar – Entrevista a Inês Rodrigues. Vippy (3/03/2016). [<http://videos.sapo.pt/dc3uOudZ4Zupd3aCQ500>].

03 AGIR no património rural

Futuros arquitectos deram nova vida à aldeia de Covas do Monte. [<https://www.youtube.com/watch?v=aQ9w-d-1Cb8>].

04 AGIR pela cidade

O Pátio na Penha – Mostra do trabalho PERFORMAPPING. [<https://www.youtube.com/watch?v=et2UdOCTmcc>].
Slow Studio Lisboa Trailer. [https://www.youtube.com/watch?v=t_Bd4J2LQ4].

05 AGIR aproximando a comunidade

Cozinha Comunitária das Terras da Costa. Público. [https://youtu.be/KUUkAgXOy_o].

06 AGIR dinamizando espaços

Teaser Castelo. [<https://vimeo.com/128140400>].

Teaser Castelo FAS – Projecto de Regeneração urbana do Bairro do Castelo e colina da Sé. [<https://vimeo.com/99616139>].

08 AGIR construindo abrigos

Movie Cross Hands Architecture Pitch. [<https://youtu.be/OMX8J2S-Byw>].

TNBI Cross Hands Architecture PNIC. [<https://www.youtube.com/watch?v=CMIgoowW48U>].

Changing Futures – European Network. [<https://www.youtube.com/watch?v=o5RvTKsWptQ>].

10 AGIR pressupõe conhecer o lugar

Entrevista a Maria Neto. RTP 3. [<https://www.youtube.com/watch?v=8GIdEdQvsSU>].

11 AGIR ensinando

Critical Concrete – Refurbishment of socially relevant places through educational programmes. [https://www.youtube.com/watch?v=c14CLwU_2kk].

12 AGIR criando soluções duradouras

Sistema Gomos. [<https://vimeo.com/144377983>].

Biennale Architettura 2016 – SUMMARY. La Biennale di Venezia Channel. [<https://www.youtube.com/watch?v=m2JIFzFe2k>].

Outros

AD Interviews: Alejandro Aravena - 2016 Venice Biennale. ArchDaily (03/03/2016). [<https://www.youtube.com/watch?v=QKzZqBXdhOY>].

Alejandro Aravena: My architectural philosophy? Bring the community into the process. TED Talk (06/11/2014) [<https://www.youtube.com/watch?v=oOIOPoe3qlg>].

Biennale Architettura 2016 - Alejandro Aravena explains 'Reporting From the Front'. Biennale Channel (25/05/2016). [<https://www.youtube.com/watch?v=aHpS8uFTleE>].

obrigada,

Mariana, pelo carinho, cumplicidade e as
longas horas de conversa sobre tudo e
nada

Mãe, pela paciência, amor e apoio
incondicional

Pai, pela motivação

Joana, pela amizade e companhia

Arquitecta e professora Marta Rocha, por
acompanhar esta dissertação e ter sido
incansável

Arquitecto e professor Cyrille Hannappe,
por ter proporcionado uma experiência de
projecto tão interessante e estimulante

Amigos e colegas, por terem feito parte
dessa mesma experiência